

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO

DANIELA DA COSTA CLAUDINO

ARQUEOLOGIA NA ENCOSTA CATARINENSE:  
EM BUSCA DOS VESTÍGIOS MATERIAIS XOKLENG

SÃO LEOPOLDO  
2011

Daniela da Costa Claudino

ARQUEOLOGIA NA ENCOSTA CATARINENSE:  
Em Busca dos Vestígios Materiais Xokleng

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de mestre pelo Programa  
de Pós-Graduação em História da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Dr. Pedro Ignácio Schmitz

São Leopoldo  
2011

Catálogo na publicação por:  
Berenice Rodrigues Ferreira/Bibliotecária  
CRB9/1160

C615 Claudino, Daniela da Costa  
Arqueologia na encosta catarinense: em busca dos  
vestígios materiais Xokleng / Daniela da Costa Claudino. --  
São Leopoldo, RS, 2011.  
237 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos, 2011.  
Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

1. Arqueologia. 2. Arqueologia – Santa Catarina. I. Título.

CDD: 930.1

Daniela da Costa Claudino

ARQUEOLOGIA NA ENCOSTA CATARINENSE:  
Em Busca dos Vestígios Materiais Xokleng

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de mestre pelo Programa  
de Pós-Graduação em História da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011:

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Pedro Ignácio Schmitz, Orientador - UNISINOS

---

Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge - UNISINOS

---

Prof. Dr. Marcus Vinicius Beber - UNISINOS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neli Galarce Machado - UNIVATES

*Dedico este trabalho aos Xokleng, grupo indígena perseguido e dizimado no período de colonização do interior catarinense; e aos moradores e entrevistados de Rio Fortuna e Santa Rosa de Lima pela receptividade e disponibilidade em contar suas histórias.*

## AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível porque muitas pessoas contribuíram para isso. Dentre elas, destacam-se duas fundamentais: meu orientador, Dr. Pedro Ignácio Schmitz, que sempre demonstrou serenidade, compreensão e generosidade diante dos impasses decorridos nesta pesquisa; e meu querido e amor Thiago Vieira Torquato, que em todos os momentos esteve ao meu lado, principalmente, quando me faltaram paciência e força para prosseguir nesta caminhada.

Confesso que esses dois anos de mestrado tornaram-se árduos. Foram demarcados entre trabalho, viagens semanais, estudo e pesquisa. Por isso, retribuo em gratidão a todos os meus familiares que compreenderam minha ausência durante esse período: Arilton Claudino, Regina da Costa Claudino, Amanda da Costa Claudino, Camila da Costa Claudino, Manoel Alfredo Torquato, Izabel Vieira Torquato, Alcione Vieira Torquato, Luciano Nascimento, Lílian Torquato Balduino e Francelino Balduino.

Agradeço a Dr<sup>a</sup>. Deisi Scunderlick Eloy de Farias que me apresentou o tema estudado nesta dissertação e, também, a todos os integrantes do GRUPEP-Arqueologia/UNISUL, em especial, Raul Novasco pela confecção dos mapas, e Geovan Martins Guimarães pelo auxílio nas entrevistas.

Aos entrevistados, Sr. Roberto Irineu da Silva, Sr. Paulo Bloemer, Sr. Antônio Assing, Sr. Adolfo Schmoeller, Sr. Arventino Backes, Sr. Huberto Boeing, Sr<sup>a</sup>. Lúcia Boeing Backes, Sr. Benoni Rech, mais uma vez, expresso minha gratidão, pelo tempo despendido e pela calorosa receptividade. E também, aos funcionários do IPHAN de Florianópolis - SC; da Cúria Diocesana de Tubarão - SC; e do Arquivo Público de Santa Catarina pela atenção disponibilizada a este trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, principalmente, Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck, Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Bohn Martins, Dr<sup>a</sup>. Eloísa Ramos, Dr<sup>a</sup>. Ana Silvia Scott, Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira que me facilitaram o contato com outras fontes de pesquisa histórica.

Enfim, a todos integrantes do Instituto Anchietano de Pesquisas: Ivone Verardi pelo carinho e educação que sempre demonstrou pessoalmente e pelos e-mails remetidos; Marcos Vinícius Beber pelos cafés e pelas prosas; e Jairo Henrique Rogge pelas sugestões na pesquisa.

Aos colegas do mestrado pelo companheirismo nas disciplinas e nas aflições.

À Suelen Dias, Rosangela Maria Martins Rodrigues, Paulo Cezar Rodrigues, Janaína Tedesco, Eduardo Milani, Emílio Chiarelli e Anderson Souza pela atenção e apoio.

Por fim, a Capes pela bolsa de estudos, sem este incentivo financeiro seria impossível realizar este mestrado.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O objetivo central desta dissertação foi estabelecer uma comparação do modelo de ocupação estável Xokleng, proposto por Farias (2005), com os sítios arqueológicos identificados no município de Rio Fortuna – SC. Este modelo presumiu que os Xokleng tiveram estabilidade territorial na encosta catarinense. No entanto, as fontes históricas e arqueológicas apresentaram dados divergentes. De um lado, documentos e entrevistas confirmaram a presença dos Xokleng. De outro, sítios arqueológicos caracterizaram grupos caçadores-coletores ligados a Tradição Tecnológica Umbu. De fato, os 66 sítios identificados através da bibliografia e da pesquisa de campo, demonstraram ocupação contínua. Porém, nenhum deles apresentou vestígios materiais descritos nos documentos históricos, pelo contrário, as pontas de projétil confeccionadas em pedra prevaleceram nessas ocupações. Por isso, caracterizamos a cultura material dos sítios arqueológicos e dos assentamentos Xokleng informados pela etnohistória. Estabelecemos semelhanças e diferenças entre estes dados. Visualizamos o contexto arqueológico na área da pesquisa, e nos municípios próximos. Avaliamos a contribuição da metodologia da história oral para as pesquisas arqueológicas. E, por fim, tentamos compreender a relação entre os Xokleng e a Tradição Umbu. Empregamos como metodologias o levantamento bibliográfico, levantamento documental, história oral e pesquisa de campo. Como nem todos os dados foram passíveis de comparação e outros não foram compatíveis com o modelo Xokleng, procedemos à elaboração de duas hipóteses na tentativa de fornecer pistas para futuras pesquisas. A primeira propõe uma associação entre grupos caçadores-coletores antigos e pequenos grupos Xokleng advindos do planalto catarinense; e a segunda, leva em consideração a primeira suposição. Neste caso, sugere que o processo de colonização iniciado por volta de 1850, no Vale do Rio Itajaí, teria ocasionado uma segunda migração da encosta norte para a encosta sul, resultando em alterações culturais.

**Palavras -chave:** Encosta catarinense. Sítios arqueológicos. Caçadores-coletores. Xokleng. História Oral.

## ABSTRACT

The principal aim of the dissertation is to compare the model of a stable Xokleng settlement presented by Farias (2005) with the archaeological sites identified in the municipality of Rio Fortuna-SC. The mentioned model proposes that the Xokleng had a territorial stability on the slope of the highlands of Santa Catarina. However, the historical and archaeological data diverge: while the documents and interviews confirm their presence, the archaeological sites characterize a hunter and gatherer culture of the Umbu technological tradition. In fact the 66 sites identified in the bibliography and field investigation prove continued occupation. But, no site presented the materials reported by the written documents; on the contrary, lithic arrow points predominate in the archaeological sites. As a consequence, we are conducted to characterize independently the two sets of data: the material culture of the archaeological sites, and the settlement of the Xokleng as it is reported by documents. We explore the similarities and differences of the two sets, visualize the archaeological composition in the area and in the bordering municipalities, appreciate the contribution of oral history, and then, try to understand the possible relation of the Xokleng and the Umbu tradition. That for, we used the methodologies of bibliographic and documental investigation, oral history, and field work. Not all the data of the two sets permitted a comparison, so we elaborated a double hypothesis. The first proposes an association of the ancient hunters and gatherers of the Umbu tradition with migrating Xokleng groups. The second accepts the mentioned association and aggregates a migration from the Itajai valley to the new habitat when the valley was colonized par German immigrants. So the culture of the migrants differs from the former local indigenous dwellers.

**Key words:** Highlands of Santa Catarina. Archaeological Sites. Hunter and Gatherer. Xokleng. Oral History.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Galeria soterrada, identificada na propriedade do Sr. Lindolfo Schueroff.....	26
Figura 2 - Principais características geomorfológicas do município de Rio Fortuna.....	27
Figura 3 - Vista parcial da Unidade geomorfológica Serras do Leste Catarinense em Rio Fortuna.....	28
Figura 4 - A seta em vermelho indica a unidade geomorfológica Serra Geral, já a seta em amarelo corresponde à unidade Patamares da Serra Geral.....	29
Figura 5 - Localização da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão.....	31
Figura 6 - Clima do município de Rio Fortuna.....	32
Figura 7 - Características das formações florestais no município de Rio Fortuna...	34
Figura 8 - Ponta de projétil do sítio SC-TUB-16.....	51
Figura 9 - Lascas em quartzo sítio SC-TUB-20.....	51
Figura 10 - Ponta de lança, coleção particular do Senhor Lourenço Gil.....	56
Figura 11 - Lascas completas confeccionadas em quartzo.....	65
Figura 12 - Pontas de projétil e pré-formas confeccionadas em quartzo.....	65
Figura 13 - Fragmentos de bordas com decoração plástica corrugado-ungulado....	65
Figura 14 - Fragmentos com pintura interna engobo branco, vermelho e vermelho sobre engobo branco.....	65
Figura 15 - Na mancha 1 do sítio SC-RFT-01 é possível verificar em destaque, evidenciar os materiais líticos em quartzo (vermelho) espalhados pela mancha (azul).....	74
Figura 16 - Mancha 7 do sítio SC-RFT-01 datada em C14, possui coloração cinza escura.....	74
Figura 17 - Abertura da segunda etapa de escavação do sítio SC-RF-11.....	77
Figura 18 - Carvão evidenciado na mancha 1 do sítio SC-RFT-11.....	77
Figura 19 - Flechas tradicionais.....	89
Figura 20 - Lança dos Xokleng.....	89
Figura 21 - Batismos de crianças indígenas identificado na Cúria Diocesana de Tubarão.....	100
Figura 22 - A delimitação em vermelho evidencia o suposto local do assassinato do sogro de Ireno Pinheiro, Geraldo Eising. Coordenadas UTM: 22J	

078399\6887300.....	107
Figura 23 - Local indicado pelo Sr. Roberto Irineu da Silva sobre um acampamento Xokleng que Ireneo Pinheiro teria atacado na Comunidade de Rio Perdido, município de Santa Rosa de Lima.....	110
Figura 24 - Sondagem realizada no local indicado pelo Sr. Roberto.....	111
Figura 25 - Sondagem realizada na mancha escura identificada a aproximadamente 300 metros do local indicado.....	111
Figura 26 - Gruta encontrada 20 metros da mancha escura.....	111
Figura 27 - Pontas de projétil associados à mancha escura no solo, encontradas por Sr. Huberto Boeing.....	112
Figura 28 - O círculo em vermelho indica o local da mancha e a seta no fundo da imagem localiza a casa do Sr. Huberto.....	113
Figura 29 - Local da mancha indicada pela Sra. Lúcia Boeing.....	114
Figura 30 - Estrutura arqueológica indicada pelo Sr. Benoni Rech.....	115
Figura 31 - Ponta de projétil encontrada pelo Sr. Benoni Rech.....	115
Figura 32 - Suposto local de ocorrência de vestígios arqueológicos.....	116
Figura 33 - Mancha escura no solo ao lado da estrada de acesso a Comunidade de Rio Chapéu.....	117
Figura 34 - Localização da mancha 1 – indicada por Sr. Adolfo Schmoeller.....	118
Figura 35 - Perfil da mancha 1 indicada pelo Sr. Adolfo Schmoeller.....	118
Figura 36 - Localização da mancha 2 - indicado por Sr. Adolfo Schmoeller.....	118
Figura 37 - Localização da mancha 3 - indicado por Sr. Adolfo Schmoeller.....	118
Figura 38 - Artefatos bifaciais coletados por Sr. Adolfo Schmoeller em torno das 3 manchas identificadas em sua propriedade.....	118
Figura 39 - Artefatos bifaciais coletados por Sr. Adolfo Schmoeller em torno das 3 manchas identificadas em sua propriedade.....	119
Figura 40 - Artefatos polidos coletados por Sr. Adolfo Schmoeller nas manchas identificadas em sua propriedade.....	119
Figura 41 - Mancha escura indicada por Sr. Antônio Assing.....	120
Figura 42 - No detalhe, a coloração escura da mancha identificada na propriedade do Sr. Antônio Assing.....	120
Figura 43 - Planta geral do modelo de padrão de assentamento proposto por Farias para os Xokleng da encosta catarinense.....	127
Figura 44 - Croqui esquemático da cabana grande.....	128

Figura 45 - Croqui do abrigo temporário.....	129
Figura 46 - Croqui do forno subterrâneo.....	130
Figura 47 - Planta do acampamento central.....	131

**LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 - Mapa de localização da área da pesquisa.....	22
Mapa 2 - Localização dos municípios que contemplou o levantamento bibliográfico dos sítios arqueológicos.....	45
Mapa 3 - Localização dos sítios arqueológicos mapeados pela equipe do GRUPEP-Arqueologia no município de Rio Fortuna Estado de Santa Catarina.....	68

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Tubarão.....	49
Tabela 2 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Orleans.....	51
Tabela 3 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Urussanga.....	53
Tabela 4 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Grão Pará.....	54
Tabela 5 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Braço do Norte.....	57
Tabela 6 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Pedras Grandes.....	58
Tabela 7 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Gravatal.....	59
Tabela 8 - Sítios arqueológicos mapeados no município de São Bonifácio.....	61
Tabela 9 - Sítios arqueológicos mapeados no município de São Martinho.....	63
Tabela 10 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Santa Rosa de Lima.	66
Tabela 11 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Rio Fortuna.....	69
Tabela 12 - Tabela de comparação entre modelo etnohistórico e etnográfico	
Xokleng e os vestígios arqueológicos.....	134

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Estruturas arqueológicas identificadas na encosta sul catarinense através do levantamento bibliográfico.....	48
Gráfico 2 - Formas básicas do material lítico coletado em superfície do sítio SC-RFT-01.....	75

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 O AMBIENTE.....</b>	<b>21</b>
2.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA.....	21
2.2 O AMBIENTE NO TEMPO.....	22
2.2.1 Geologia.....	23
2.2.2 Geomorfologia.....	25
2.2.3 Hidrografia.....	30
2.2.4 Clima.....	32
2.2.5 Vegetação.....	33
2.3. DISCUSSÃO.....	41
<b>3 A ARQUEOLOGIA REGIONAL COM ENFOQUE EM RIO FORTUNA – SC.....</b>	<b>42</b>
3.1 OS SÍTIOS PESQUISADOS NA BIBLIOGRAFIA.....	43
3.1.1 Município de Tubarão.....	48
3.1.2 Município de Orleans.....	51
3.1.3 Município de Urussanga.....	53
3.1.4 Município de Grão Pará.....	54
3.1.5 Município de Braço do Norte.....	57
3.1.6 Município de Pedras Grandes.....	58
3.1.7 Município de Gravatal.....	59
3.1.8 Município de São Bonifácio.....	60
3.1.9 Município de São Martinho.....	62
3.1.10 Município de Santa Rosa de Lima.....	66
3.1.11 Município de Rio Fortuna.....	67
3.2 DISCUSSÃO.....	78
<b>4 OS XOKLENG SEGUNDO AS FONTES ESCRITAS E ORAIS.....</b>	<b>81</b>
4.1 OS XOKLENG SEGUNDO AS FONTES ESCRITAS.....	81
4.1.1 O Contato entre Índios Xokleng e Colonos Europeus em Santa Catarina.....	94
4.1.2 A Inserção de Crianças e Jovens Xokleng na Sociedade Catarinense....	99
4.2 OS XOKLENG SEGUNDO FONTES ORAIS NA ÁREA DA PESQUISA...	103
4.2.1 Os Xokleng Segundo as Fontes Oraais.....	105

<b>4.2.2 Sítios Arqueológicos Identificados Através das Entrevistas .....</b>	<b>109</b>
<b>4.3 DISCUSSÃO.....</b>	<b>120</b>
<b>5 O MODELO XOKLENG PARA A ENCOSTA DE SANTA CATARINA...</b>	<b>125</b>
<b>5.1 MODELO XOKLENG .....</b>	<b>125</b>
<b>5.2 OS DADOS ARQUEOLÓGICOS .....</b>	<b>131</b>
<b>5.3 DISCUSSÃO.....</b>	<b>133</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Roberto Irineu da Silva.....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Paulo Bloemer.....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE C – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Antônio Assing.....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE D – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Adolfo Schmoeller.....</b>	<b>162</b>
<b>APÊNDICE E – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Arventino Backes.....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICE F – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Huberto Boeing.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE G – Transcrição da entrevista realizada com a Sra. Lúcia Boeing Backes.....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE H – Transcrição da entrevista realizada com a Sr. Benoni Rech.....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE I – Croquis dos sítios identificados através das entrevistas.....</b>	<b>167</b>
<b>ANEXO A – Lista de Mamíferos da Mata Atlântica.....</b>	<b>168</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho, contamos com o auxílio logístico, financeiro e científico do Grupo de Pesquisas em Educação Patrimonial e Arqueologia - GRUPEP-Arqueologia, coordenado pela Dr<sup>a</sup>. Deisi Scunderlick Eloy de Farias vinculado à Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; do Instituto Anchieta de Pesquisas – IAP vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, coordenado pelo Dr. Pedro Ignácio Schmitz; e do Centro de Pesquisa Ambiental e Arqueológica – CEPAAARQ.

A região onde ocorreu o estudo desta dissertação representa uma amostra da problemática que envolve a ocupação pré-histórica da encosta sul catarinense. No município de Rio Fortuna, em meio à Floresta Ombrófila Densa, sítios arqueológicos encontrados em pequenas plantações; coleções de pontas de projétil; histórias de roubo, perseguição e matanças de índios Xokleng; confundem-se com a história da população local.

Embora o foco da pesquisa seja a ocupação pré-histórica, este emaranhado de informações, históricas e arqueológicas nos levou a criar uma interface entre História e Arqueologia.

De um lado, a partir da perspectiva histórica, relatos escritos e orais comprovam que esta região foi território histórico dos índios Xokleng. De outro, a partir da perspectiva arqueológica, ocupações pré-históricas mapeadas *in loco* e identificadas na bibliografia, são representadas pelos seguintes tipos de sítios arqueológicos: **Líticos** - Materiais líticos dispersos superficialmente, típicos da Tradição Tecnológica Umbu; **Líticos com manchas escuras no solo** – Materiais líticos ligados à Tradição Tecnológica Umbu e associados a estruturas de combustão ou fundos de cabanas; **Manchas** - Caracterizam-se pela presença de estruturas de combustão ou fundos de cabanas.

Até o presente momento, esses elementos materiais não foram passíveis de associação com os grupos Xokleng identificados historicamente. Assim, os vestígios encontrados nos sítios arqueológicos, teoricamente não teriam pertencido a esse grupo.

A princípio os 66 sítios mapeados - 54 levantados bibliograficamente e 12 mapeados por esta pesquisa – em Rio Fortuna e Santa Rosa de Lima representam, grupos caçadores-coletores ligados a Tradição Tecnológica Umbu. Apenas 4 datações em C14 foram realizadas para essas ocupações. Duas pelo projeto “AMA: Arqueologia da Mata

Atlântica”<sup>1</sup> e outras duas por este trabalho. O SC-RFT-01 apresentou uma data de 1180 a 970 A.P. - Cal (Beta-235320); já o SC RFT-11 equivaleu a 920 a 730 A.P. - Cal (Beta-242801); O sítio de Santa Rosa de Lima apresentou a data de 990 a 780 A.P. - Cal (Beta-265887); e o sítio Adolfo Schmoeller I foi datado em 920 a 700 A.P. - Cal (Beta-265886).

Essas ocupações pré-históricas são consideradas relativamente recentes para grupos caçadores-coletores, se comparadas com as datas obtidas pelo projeto “Taió, no Vale do Rio Itajaí – encontros de antigos caçadores com as casas subterrâneas” desenvolvido na porção setentrional da encosta de Santa Catarina. Nesta região, dois sítios a céu aberto foram datados, um em 8000 A.P. e outro em 4000 A.P. (SCHMITZ et al., 2009).

Arqueologicamente, a encosta catarinense vem sendo pesquisada há pelo menos 40 anos. Arqueólogos como Piazza (1966), Eble (1973 *apud* Farias, 2005) e Rohr (1979-1982) elaboraram os primeiros estudos quanto aos vestígios presentes nesta região. Contudo, essas pesquisas não tiveram como prioridade compreender de forma mais minuciosa a ocupação neste ambiente.

O primeiro trabalho que se propôs a entender a ocupação Xokleng de forma mais aprofundada foi a dissertação de mestrado de Lavina (1994). Neste trabalho, a partir de documentos e relatos históricos, o autor criou um modelo etnográfico para o grupo. O pesquisador concluiu que os Xokleng estavam fortemente condicionados às variações ecológicas, que, por sua vez, favoreciam o nomadismo. Assim, este grupo teria circulado, em seu território, em um movimento pendular estacional entre a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Ombrófila Mista, consumindo os recursos oferecidos por cada um destes ambientes.

Posteriormente, Farias (2005) em sua tese de doutorado contrapôs ao modelo de Lavina (1994), sugerindo uma ocupação mais estável para o grupo Xokleng na região da encosta. Este modelo é constituído por um assentamento de média mobilidade, onde a encosta catarinense não seria um local de transição, mas, um local de habitação permanente.

Construiu-se, assim, uma hipótese: os grupos estabelecidos em um território com maior oferta de recursos possuiriam um assentamento central mais duradouro e utilizariam todo o território para captar alimentos e matéria-prima, construindo pequenos acampamentos. Para isso, poderiam abrir na floresta diversas picadas que os levariam até os locais mais propícios à caça e a áreas com recursos vegetais importantes na dieta do grupo. Essas picadas, possivelmente, abrigariam espécies vegetais manejadas que proviam os grupos durante as caminhadas. Então,

---

<sup>1</sup> Projeto acadêmico coordenado pela Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias com apoio financeiro do CNPq.

dispostos num ambiente com capacidade de sustentar uma população de média densidade como as áreas de Floresta Ombrófila Densa, pequenos grupos especializados deslocar-se-iam a fim de captar recursos alimentares através da caça e da coleta vegetal. O modelo utilizado para validar essa hipótese foi o dos Xokleng, moradores históricos da área de encosta. Com ele, conseguimos chegar à hipótese de como teria sido o sistema de assentamento do grupo pré-histórico (hipoteticamente antepassados, antecessores do grupo indígena atual). Tal modelo foi construído com base nos dados etnohistóricos e etnográficos, que proporcionaram uma idéia geral do padrão de assentamento e local de moradia Xokleng. (FARIAS, 2005, p. 27-28)

Por acreditarmos que a região da encosta catarinense apresenta características ambientais favoráveis a assentamentos estáveis, e devido ao modelo proposto por Farias (2005) não ter sido comprovado arqueologicamente, o objetivo principal dessa dissertação será comparar o modelo de ocupação Xokleng criado por esta pesquisadora nos sítios arqueológicos de Rio Fortuna – SC. Já os secundários dividem-se em: caracterizar a cultura material dos sítios arqueológicos e dos assentamentos Xokleng informados pela etnohistória; estabelecer semelhanças e diferenças entre estes dados, levando em consideração os momentos históricos em que foram produzidos; visualizar o contexto arqueológico na área da pesquisa, e nos municípios próximos e avaliar a contribuição da metodologia da história oral para as pesquisas arqueológicas. Tentaremos também compreender a relação entre os Xokleng e a Tradição Umbu no que se refere à tecnologia lítica.

Com intuito de compor uma maior diversidade de dados no sentido de enriquecer a construção deste trabalho, utilizamos quatro metodologias: **Levantamento Bibliográfico** - Consultamos livros, artigos, dissertações e teses; **Levantamento Documental** – Pesquisamos no Arquivo Público de Santa Catarina e na Cúria Diocesana de Tubarão; **História Oral** – Entrevistamos moradores das Comunidades de Rio dos Bugres, Rio Chapéu, Rio Facão e do município de Santa Rosa de Lima; e **Pesquisa de Campo** – Mapeamos sítios arqueológicos indicados nas entrevistas, descrevendo suas características físicas (tipo e dispersão de material em superfície, dimensões, distância de corpos hídricos, implantação na paisagem, entre outros).

Para melhor sistematização dos dados, optamos por dividir esta dissertação em seis capítulos, nos quais se incluem introdução e conclusão.

O segundo capítulo, intitulado ‘O Ambiente’, permite identificação de elementos geográficos, tais como: geologia; geomorfologia; hidrografia e clima. E elementos biológicos: fauna e flora. Os dados apresentados indicam que este ambiente heterogêneo,

possuía alta diversidade biológica, fator esse, que favoreceria a grupos caçadores-coletores generalistas.

“A Arqueologia Regional com Enfoque em Rio Fortuna – SC” encontra-se no terceiro capítulo, onde realizamos um levantamento bibliográfico que reuniu 216 sítios arqueológicos de Rio Fortuna e dos municípios vizinhos, tais como: Tubarão, Gravatal, Orleans, Urussanga, Grão Pará, Braço do Norte, Pedras Grandes, Santa Rosa de Lima, São Bonifácio e São Martinho. Nosso objetivo foi identificar a dinâmica ocupacional pré-histórica na área da pesquisa e de suas adjacências. Diante de tantos sítios arqueológicos, destacamos dois pesquisados por Farias (2009) em Rio Fortuna. O primeiro, SC-RFT-01, possui algumas intervenções arqueológicas; é composto por oito manchas associadas a material lítico confeccionado principalmente em quartzo. E o segundo; o SC-RFT-11, está sendo escavado sistematicamente; é constituído por duas manchas muito próximas. Estas não possuíam presença de líticos em superfície (FARIAS, 2009).

No quarto capítulo enfocamos “Os Xokleng segundo as fontes escritas e orais”, no qual providenciamos uma revisão da literatura que trata dos Xokleng, com o objetivo de focar a cultura material desse grupo nos primeiros anos de contato com o colonizador europeu. A metodologia que se destaca neste capítulo é a História Oral. Entrevistamos 8 moradores, que, através de suas narrativas, nos contaram sobre o contato entre índios Xokleng e imigrantes alemães, destacando a atuação dos bugreiros, homens contratados para afugentar e matar indígenas que viessem a causar transtornos ao processo colonizador. Procuramos, nos relatos orais, caracterizar a cultura material Xokleng e também mapear sítios arqueológicos indicados pelos próprios entrevistados. Recorremos, ainda, a uma pesquisa feita nos documentos da Cúria Diocesana de Tubarão-SC, revelando-nos que crianças indígenas foram batizadas e, provavelmente, inseridas na sociedade brasileira.

“O modelo Xokleng para a encosta de Santa Catarina” trata-se do título no capítulo cinco, onde descrevemos sobre o experimento entre o modelo de ocupação estável proposto por Farias (2005) a partir dos dados arqueológicos. Mediante este confronto, elaboramos duas hipóteses para a ocupação da encosta pelos Xokleng e para a presença de sítios arqueológicos relacionados a grupos caçadores-coletores da Tradição Tecnológica Umbu.

A primeira hipótese considera uma associação entre antigos caçadores-coletores e Xokleng. Pequenos grupos Xokleng advindos do Planalto teriam entrado em contato com grupos caçadores-coletores estabelecidos na encosta. Com isso, o Xokleng teria assumido características biológicas e culturais dos primeiros moradores e vice-versa. Esta suposição

explicaria, por exemplo, a cultura material da área pesquisada, confirmando-se através das pontas de projétil.

A segunda hipótese está em acordo com a proposição anterior, onde se confirma que grupos Jê teriam, inicialmente, migrado do Planalto, associando-se a antigos caçadores-coletores da encosta. Mas, o processo de colonização iniciado por volta de 1850, no Vale do Rio Itajaí, teria ocasionado uma segunda migração, procedente da encosta norte para encosta sul. Em consonância a esse hipótese, antes da chegada dos imigrantes em Santa Catarina, os Xokleng, que habitaram tanto a encosta norte quanto a encosta sul apresentavam grandes semelhanças na cultura material, condizentes com as pontas de projétil identificadas por Schmitz et al. (2009) no Vale do Rio Itajaí. Por conseguinte, essas duas hipóteses poderão servir como eixos norteadores para futuras pesquisas.

## 2 O AMBIENTE

Este capítulo tem como proposta apresentar o contexto geográfico e biológico da região pesquisada. Compreendemos o ambiente como uma importante ferramenta à Arqueologia. Figuti (1993) nos esclarece ao afirmar que os grupos pré-históricos viviam integrados ao meio ambiente e possuíam uma percepção aguda dos recursos naturais, lhes proporcionando uma interação dinâmica eficiente com o meio. Farias (2005) acrescenta que os dados sobre ambiente devem ser utilizados, entre outros fatores, para inferir os hábitos alimentares. A pesquisadora ressalta que grupos, adaptados ao ambiente, constroem processos mentais de aproveitamento e otimização, refletindo nas relações estabelecidas entre eles, criando um “saber ecológico”.

Essas argumentações justificam a importância de conhecermos o contexto das ocupações humanas pré-históricas, uma vez que essas possibilitam interpretações sobre a dinâmica cultural dos grupos. Ou ainda, nas palavras de Hodder (1988, p.17): “A partir del momento en que se conoce el contexto de un objeto, este ya no es completamente mudo. Su contexto nos ofrece las claves de su significado”.

### 2.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA

A área de estudo está inserida no município de Rio Fortuna, sul de Santa Catarina, em direção às encostas da Serra Geral. Está a 28°07'52” de latitude sul, e 49°06'19” de longitude norte, e a 130 metros acima do nível do mar. Limita-se ao norte com Santa Rosa de Lima; ao sul, com Braço do Norte, Grão-Pará e Armazém; a leste, com São Martinho; e a oeste com Urubici e Grão-Pará (BLOEMER, 2008, p. 30). Segue abaixo mapa de localização (Mapa1).



Mapa 1 - Mapa de localização da área da pesquisa  
 Fonte: Elaborado pela autora, 2010.

### 2.3 O AMBIENTE NO TEMPO

De acordo com Lorscheitter (1997 *apud* KNEIP, 2004), o clima do sul do Brasil não enfrentou grandes períodos de seca nos últimos 5.700 anos A.P. devido ao efeito de sucessivas repetições do fenômeno *El Niño*. Avalia, ainda, que as frequências climáticas observadas na atualidade, foram estabelecidas por volta de 3.000 anos A.P.

Fazendo uma associação entre os dados acima e as datações radiocarbônicas realizadas na encosta catarinense (FARIAS 2006, 2008), que variam de 1180 a 700 anos A.P., concluímos que as formações biogeográficas atuais correspondem às mesmas encontradas pelos grupos pré-históricos. Portanto, as informações ambientais presentes neste capítulo podem ser extrapoladas para construção de um contexto arqueológico, facilitando a compreensão da dinâmica desses grupos com o ambiente.

A seguir apresentaremos os diversos aspectos ambientais da área em estudo.

### 2.2.1 Geologia

Geologicamente a área da pesquisa está situada na “borda” leste da Bacia do Paraná. Possui ocorrência das Formações Rio do Sul e Rio Bonito, além do Complexo Tabuleiro e da Suíte Intrusiva Pedras Grandes. Sintetizamos abaixo, as características geológicas da área.

O **Super Grupo Tubarão** da Era Paleozóica, período Permiano Médio Superior e Inferior é caracterizado por arenitos. Esta unidade constitui uma estratigrafia que pode ser dividida em dois grupos: um inferior – Itararé – e um superior – Guatá (DIAS et al., 2005).

Uma das formações que compõe o **Grupo Itararé**<sup>2</sup> e que ocorre na região é a **Formação Rio do Sul**. Constituída de uma intercalação rítmica de siltitos e folhelhos cinza-escuro e cinza-claro, com laminação fina, plano-paralela e fissilidade elevada. Disseminados caoticamente nesta seqüência várvida ocorrem seixos pingados. É freqüente, na sua porção basal, a presença de camadas areno-conglomeráticas que, quando intemperizadas, confundem-se com rochas alteradas do embasamento. Também há espessas camadas de diamictitos, com abundante matriz argilosa, de coloração cinza escura ou esverdeada que englobam seixos ou blocos de rochas graníticas (SANTA CATARINA, 1989).

O **Grupo Guatá**<sup>3</sup> é representado nesta área pela **Formação Rio Bonito**. Formada por uma porção basal arenosa, uma mediana argilosa e outra superior arenosa que se caracteriza por conter os principais leitos e camadas de carvão (SANTA CATARINA, 1989).

A Formação Rio Bonito é subdividida em três membros: Triunfo, Paraguaçu e Siderópolis. O **Membro Triunfo** constitui a porção basal, é representado por arenitos esbranquiçados, finos a médios, localmente grossos, moderadamente selecionados, com matriz argilosa. Intercalam siltitos e folhelhos de coloração cinza-escuro (SANTA CATARINA, 1989).

Já o **Membro Paraguaçu** é caracterizado por uma sedimentação pelítica, constituída de intercalação rítmica de siltitos e folhelhos com intercalações de camadas de arenitos

---

<sup>2</sup> De acordo com Santa Catarina (1989, p. 24), o Grupo Itararé compreende uma seqüência sedimentar de idade Permo-Carbonífera, cujos depósitos refletem influências glaciais em seus diferentes ambientes deposicionais.

<sup>3</sup> O grupo Guatá tem sua constituição determinada por arenitos intercalados por camadas de carvão e folhelhos carbonosos. Ocorrem também siltitos de cor cinza esverdeada com bioturpação (PERIN, 2007).

muito finos, quartzosos, micáceos, com laminação paralela e ondulada. Apresenta também freqüentes bioturbações (SANTA CATARINA, 1989).

Quanto ao **Membro Siderópolis**, esse constitui um espesso pacote de arenitos, com intercalações de siltitos, folhelhos carbonosos e carvão. Na sua porção basal e média, geralmente, os arenitos são de coloração cinza-amarelada e textura média, localmente grossa. São moderadamente classificados como grãos arredondados a subarredondados de quartzo e, raramente, feldspato. As camadas apresentam espessuras variáveis, desde alguns centímetros até mais de um metro (SANTA CATARINA, 1989).

De acordo com o Santa Catarina (1989), o **Complexo Tabuleiro** é composto por associações granito-gnáissicas e de migmatitos de injeção de médio grau metamórfico, polideformado, cujos principais domínios apresentam forte foliação de alto ângulo em zona de ocorrência. Em Rio Fortuna esse complexo é representado pela **Faixa Granito-Gnáissica Santa Rosa de Lima-Tijucas**.

Esta faixa corresponde a granito-gnáissicos de várias composições. Ocorre continuamente por cerca de 150 km. De Orleans até Tijucas os afloramentos estão distribuídos em uma largura média de 10 km e, entre os municípios de Anitápolis e São Bonifácio chegam a 35 km. O granito mais jovem é “stricto sensu” de cor cinza esbranquiçada. Exibe evidências significativas de deformação, apresentando achatamento dos minerais félsicos (SANTA CATARINA, 1987).

Nesta região aparece também a **Suíte Intrusiva Pedras Grandes**, formada por um conjunto de rochas graníticas homogêneas. Sua composição varia de granitos a granodioritos, localmente quartzomonzonitos a quartzodioritos, com cores variando de rosadas a cinza. Apresentam diversas texturas e granulações (SANTA CATARINA, 1987).

Fazendo uma associação dos dados arqueológicos às informações geológicas, constatamos que os grupos pré-históricos que ocuparam a área da pesquisa, exploraram localmente os recursos minerais e rochosos.

A análise lítica do sítio arqueológico SC-RFT-01<sup>4</sup> demonstrou a predominância do quartzo. Cerca de 80% da coleção lítica foram confeccionadas a partir desta matéria-prima. Esta preferência deve estar relacionada à alta disponibilidade deste mineral, presente na forma de seixos na parte média dos vales e em afloramentos, comuns em toda a extensa faixa de granitóides das Serras do Leste Catarinense.

Segundo Prous (2004), quando a utilização do quartzo por grupos pré-históricos está associada a ambientes de relativa abundância, é comum observar nas coleções líticas o

---

<sup>4</sup> Ver descrição do sítio no capítulo 3.

desperdício deste mineral, que inicialmente é descartado, mas, que posteriormente poderia ser reutilizado a partir do lascamento bipolar, técnica que, segundo o autor, seria ideal para este tipo de matéria-prima e de economia.

Constatamos esta realidade nas indústrias líticas analisadas, já que as formas básicas dos quatro sítios apresentaram uma mesma ordem de ocorrências: lascas bipolares seguidas de detritos.

O arenito botucatu e o arenito silicificado também se fazem presentes. São abundantes na forma de seixos no leito dos rios e podem ser encontrados também nos depósitos fluviais que formam as planícies nos vales maiores. São transportados vale abaixo pelo trabalho erosivo dos rios que percorrem áreas sedimentares da Bacia do Paraná, próximas à linha de escarpa da Serra Geral. Aparecem também em menor escala, rochas básicas (PERIN, 2007).

O arenito silicificado possui boa qualidade para o lascamento, pois apresenta fratura conchoidal, com gumes cortantes. São rochas silicosas, basicamente constituídas de grãos de quartzo e minerais acessórios<sup>5</sup>, cuja presença depende de fatores como a área-fonte e condições ambientais (ARAÚJO, 1992, p. 63-64).

O sílex também foi utilizado, porém, em menor quantidade. De acordo com Perin (2007), não foi identificado nenhum afloramento com essa matéria-prima na área da pesquisa, embora possa existir.

Podemos verificar que a escolha de matéria-prima não está apenas ligada à sua abundância, mas também à facilidade de acesso, à qualidade do lascamento e também ao custo de aquisição, uma vez que o artesão não precisaria percorrer longas distâncias para obtê-la.

### **2.2.2 Geomorfologia**

As formas e a gênese do relevo constituem o objeto de estudo da geomorfologia. O relevo é o piso sobre o qual se distribuem os recursos naturais e conseqüentemente os locais de assentamento das populações humanas. As condições geológicas e geomorfológicas do ambiente interferiam diretamente no cotidiano dos grupos pré-históricos, como no modelo de subsistência, na tecnologia, na matéria-prima, na escolha do território e nos locais de assentamento (PROUS, 1992).

---

<sup>5</sup> Os minerais acessórios podem ser: Feldspato, zircão, turmalina etc (ARAÚJO, 1992, p. 64).

Utilizando como parâmetro a formação geológica e geomorfológica da região, é comum haver ocorrências de grutas e cavernas que na pré-história eram utilizadas pelos grupos humanos como abrigos ou espaço de rituais.

Alguns desses espaços foram averiguados na região, porém, nenhum material arqueológico foi identificado. No entanto, há vários relatos, de que esses locais foram utilizados como esconderijo pelos Xokleng no período de contato com os colonos europeus (Figura 1).



Figura 1 - Galeria soterrada, identificada na propriedade do Sr. Lindolfo Schueroff  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

A geomorfologia da área da pesquisa é composta por Embasamentos em Estilos Complexos - Serras do Leste Catarinense -, Bacias e Coberturas Sedimentares - Depressão da Zona Carbonífera Catarinense, os Patamares da Serra Geral e Serra Geral (Figura 2).

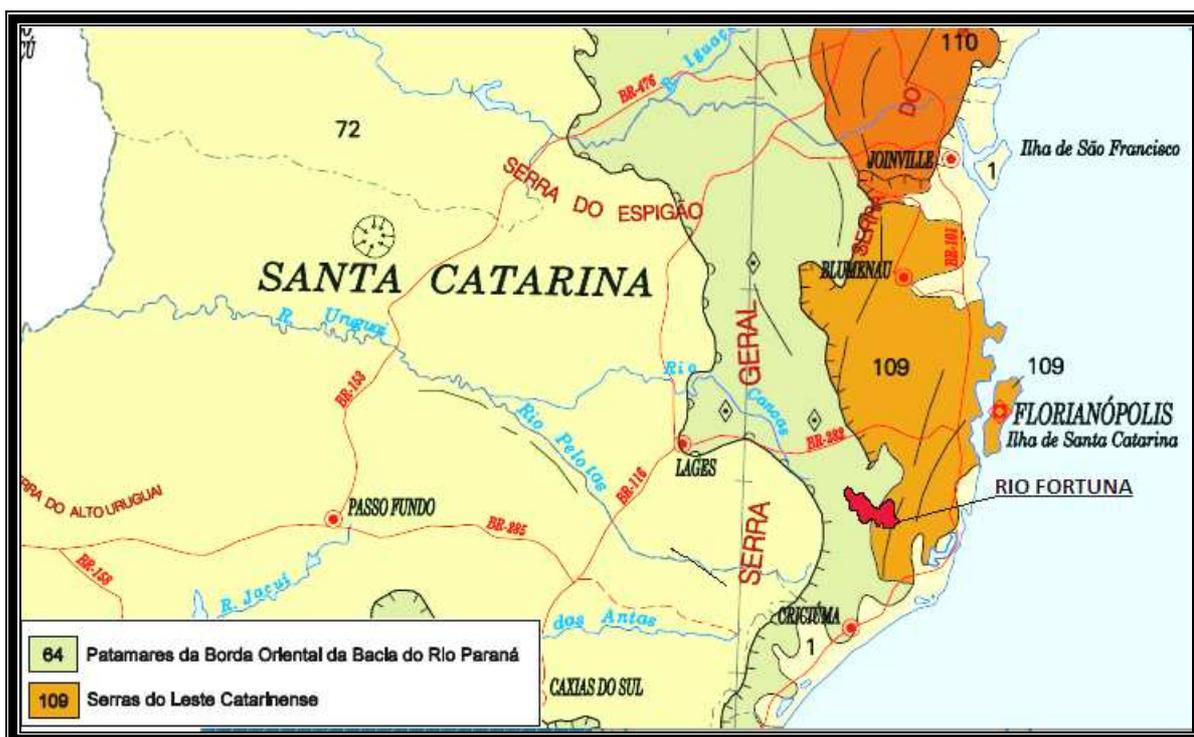


Figura 2- Principais características geomorfológicas do município de Rio Fortuna  
 Fonte: [http://www.ibge.gov.br/home/clima/default\\_prod.shtm#MAPAS](http://www.ibge.gov.br/home/clima/default_prod.shtm#MAPAS) Acesso: 21/01/2010.

As **Serras do Leste Catarinense** se estendem desde as imediações de Joinville até a região ao sul de Tubarão, formam uma seqüência de elevações dispostas de forma paralela e/ou sub-paralela. As cristas são orientadas no sentido NE-SW, seguindo as antigas zonas de fraturas do embasamento ou falhas mais jovens, propiciando uma erosão diferencial (HERRMANN et al., 2004).

Os vales profundos e encostas íngremes separadas por cristas marcam a paisagem (SANTA CATARINA, 1986). O embasamento rochoso é composto por granitos intrusivos e gnaiss-migmatito, elaborando formas de relevo arredondadas, com cristas menos proeminentes. Também há um padrão de fraturamento menos denso e rochas vulcânicas extrusivas, do Paleozóico, que ocorrem na forma de derrames, recobrando as elevações graníticas, a exemplo do Morro Cambirela com altitude em torno de 900m (HERRMANN, 1999 *apud* HERRMANN et al., 2004, p. 164) (Figura 3).



Figura 3- Vista parcial da Unidade geomorfológica Serras do Leste Catarinense em Rio Fortuna  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Nos trabalhos de mapeamento arqueológico realizados no local da pesquisa é possível identificar nitidamente um padrão de ocupação do ambiente. Este padrão sofre influência direta da geomorfologia, pois, a maioria dos sítios arqueológicos estão implantados nas cristas menos proeminentes do relevo arredondado, e sempre próximos aos locais com água corrente. Além de protegidos contra as cheias dos rios em períodos mais chuvosos, esses lugares possibilitam um acesso rápido à água e aos animais.

De acordo com Perin (2007), a **Depressão da Zona Carbonífera Catarinense** ocorre no município de Rio Fortuna em uma faixa que acompanha a escarpa da Serra Geral, no sentido Sudoeste a Nordeste. Seu relevo se caracteriza por dois traços: o primeiro, ao norte de Siderópolis. O relevo é colinoso e ocorre de vales encaixados e vertentes íngremes, fator que favorece o intemperismo e os movimentos de massa. Já o segundo, aparece na direção sul de Siderópolis, sendo que este adquire formas côncavas e convexas (SANTA CATARINA, 1986).

Os **Patamares da Serra Geral**<sup>6</sup> apresentam relevo suave ondulado sob a forma de colinas e vales fluviais, associados à ocorrência de morros testemunhos dispersos e à presença de cristas simétricas, com altitudes variando entre 250 e 700 metros acima do nível do mar. Representa testemunhos do recuo da linha da escarpa a qual se desenvolveu nas seqüências vulcânicas e sedimentos de cobertura da Província Paraná (SANTA CATARINA, 1986). Em Rio Fortuna sua ocorrência é bastante descontínua, presente em locais muito próximos da linha de escarpa de Serra Geral (PERIN, 2007).

A **Serra Geral** corresponde à borda do Planalto dos Campos Gerais constituída de rochas vulcânicas efusivas da bacia do Paraná, como basaltos e lentes de arenitos interderrames. É representada por terminais escarpados, festonados e profundamente dissecados pela erosão fluvial deixando, nas vertentes abruptas, um sucessivo escalonamento de patamares estruturais. Os terminais escarpados apresentam testemunho do recuo da linha de escarpa, que se interdigitam com a Zona Carbonífera Catarinense. No extremo sul de Santa Catarina, os Patamares da Serra Geral, que constituem uma unidade de relevo, formada por rochas sedimentares gonduânica, cujas formas alongadas e irregulares avançam sobre a Planície Costeira (ROSA, 1991 *apud* HERRMANN et al., 2004, p. 164) (Figura 4).

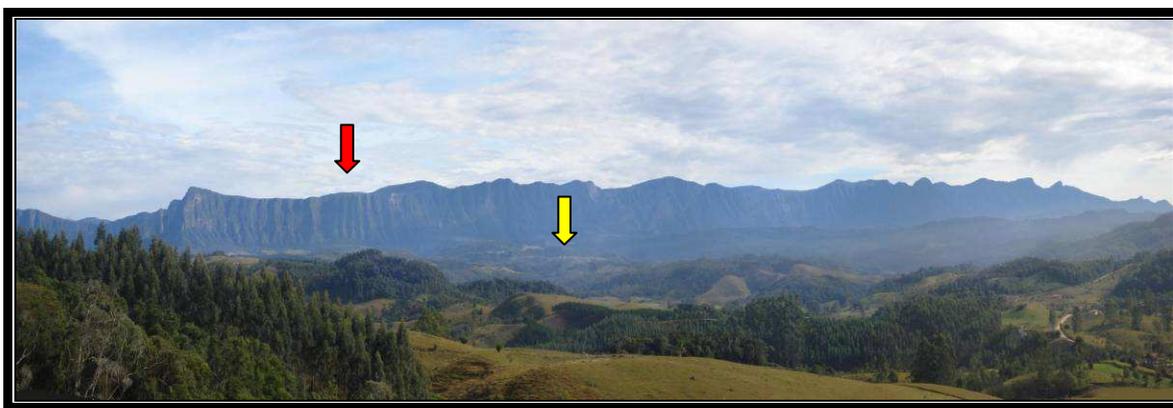


Figura 4- A seta em vermelho indica a unidade geomorfológica Serra Geral, já a seta em amarelo corresponde à unidade Patamares da Serra Geral

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Além de um divisor de águas e de biomas, a Serra Geral foi um importante divisor territorial dos grupos pré-históricos. De acordo com dados etnohistóricos e etnográficos, no

<sup>6</sup> Nos setores sudeste e sul, os Patamares da Bacia do Paraná correspondem à borda do Planalto das Araucárias, identificados por Justus, Machado e Franco, em 1986, com os nomes de Serra Geral e Patamares da Serra Geral. Essa borda é representada por terminais escarpados, festonados e profundamente dissecados pela erosão fluvial, que deixou, nas vertentes abruptas, um sucessivo escalonamento de patamares estruturais (Disponível em <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/relevo.htm>. Acesso em: 21\01\2010).

período de ocupação pelo colonizador europeu, a Serra Geral dividia o território de duas importantes etnias indígenas, os Xokleng a leste, ocupando a encosta, e os Kaingang a oeste, no planalto catarinense.

A geomorfologia e a altitude do terreno apresentam forte variação em pequenas distâncias. O centro do município de Rio Fortuna está a aproximadamente 150 metros do Nível Médio do Mar (NMM), já os locais de implantação dos sítios líticos no município, encontram-se a oeste do centro da cidade, em uma altitude que varia de 250 a 400 metros do NMM. Como podemos perceber, a altitude do terreno vai aumentando no sentido oeste, atingindo seu ápice na escarpa da Serra Geral com 1.460 metros do NMM. A implantação dos sítios neste local pode estar relacionada às características morfológicas do terreno, visto que este é um fator de grande influência na composição e distribuição da fauna e flora da região.

A identificação de padrões de ocupação do território pode auxiliar nas interpretações quanto à relação desses antigos grupos com o ambiente e com outros grupos humanos.

### **2.2.3 Hidrografia**

A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão nasce junto à encosta da Serra Geral, é formada pelos rios Rocinha, Bonito, Oratório, Capivaras e Hipólito, sendo seus afluentes os rios Braço do Norte e Capivari. Sua área de drenagem é de 5.640 km<sup>2</sup>, desemboca na Lagoa de Santo Antônio, localizada no município de Laguna (SANTA CATARINA, 1997). De acordo com Santa Catarina (2002), o limite da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão é composto por um total de 18 municípios: Lauro Muller, Orleans, São Ludgero, Braço do Norte, Grão Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, Anitápolis, São Bonifácio, São Martinho, Armazém, Gravatal, Capivari de Baixo, Tubarão, Treze de Maio, Pedras Grandes, Jaguaruna e Sangão (Figura 5).

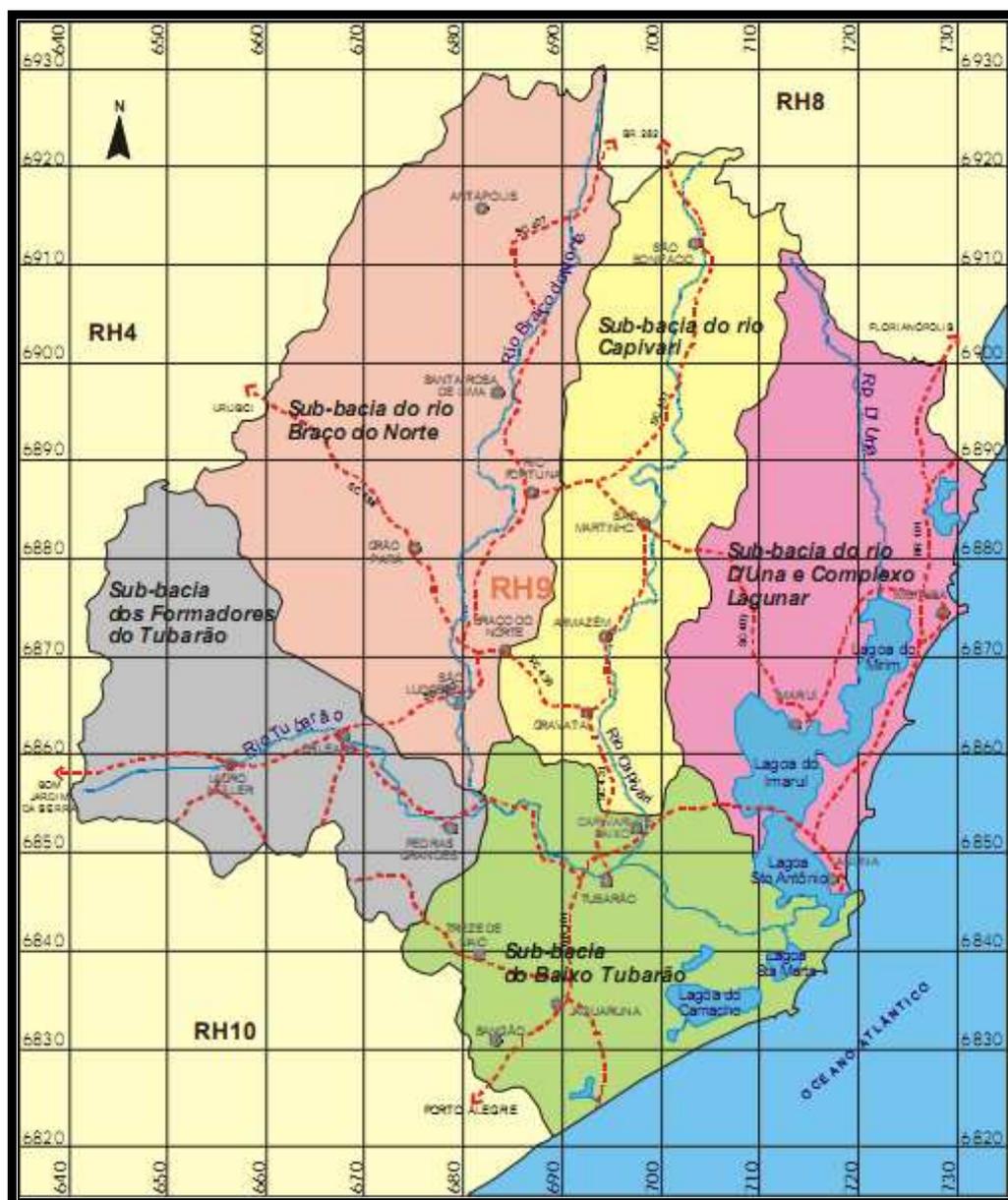


Figura 5- Localização da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão  
 Fonte: Santa Catarina (2002).

Dentre os rios localizados em Rio Fortuna que compõem a sub-bacia do Rio Braço do Norte, destacam-se os seguintes: Braço do Norte, Fortuna, Claro, Bravo, Branco, Café, Otília, Facão, dos Bugres, Chapéu, Espreado, Areão e Azedo.

Além destes rios, a composição hidrográfica da área pesquisada é repleta de pequenos córregos e arroios. Esta alta distribuição hidrográfica fez com que a região tenha sido ocupada por grupos pré-históricos de forma homogênea.

Percebemos uma ligação entre os recursos hídricos e a implantação dos sítios arqueológicos, uma vez que as distâncias entre um e outro variam aproximadamente de 20 a 250 metros.

#### 2.2.4 Clima

O município de Rio Fortuna encontra-se na transição entre dois climas predominantes no estado, que são o Sub-quente/Super-úmido e o Mesotérmico Brando (Figura 6).

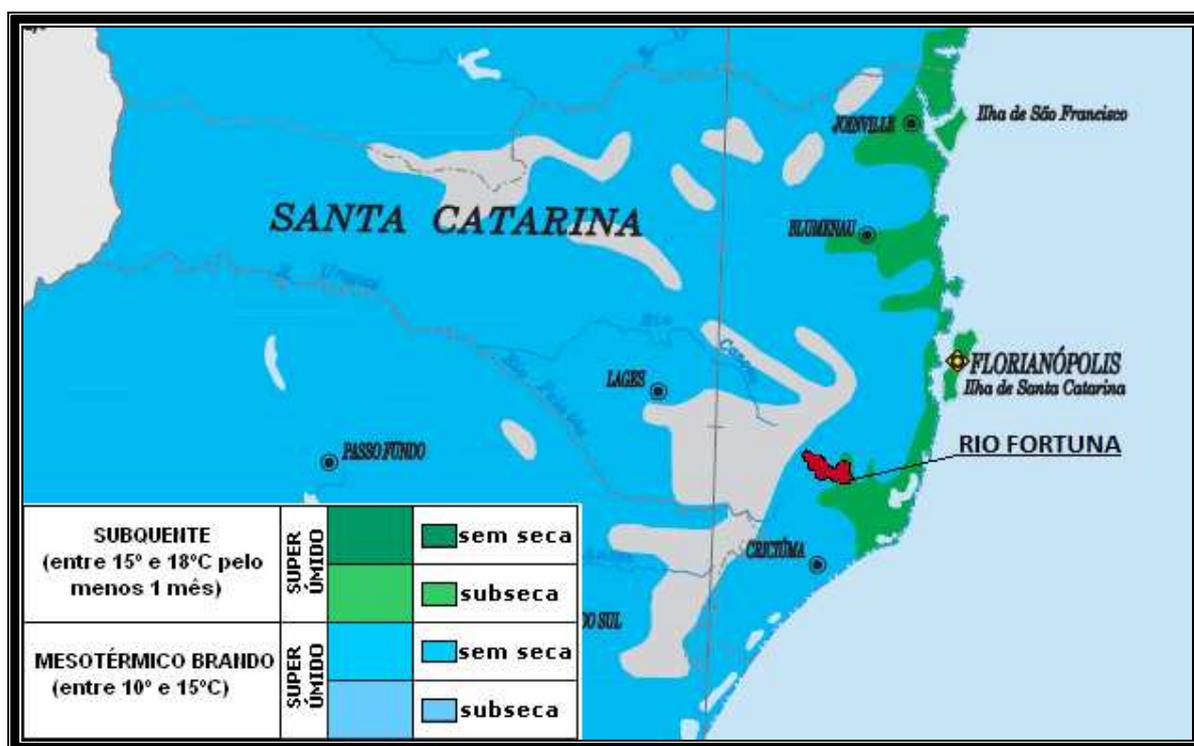


Figura 6 - Clima do município de Rio Fortuna

Fonte: [http://www.ibge.gov.br/home/clima/default\\_prod.shtm#MAPAS](http://www.ibge.gov.br/home/clima/default_prod.shtm#MAPAS) Acesso: 21/01/2010.

Segundo o IBGE (2010) o município de Rio Fortuna abrange regiões com clima temperado Sub-quente - média entre 15° e 18°C - e Super-úmido, sem períodos de seca. Com umidade relativa do ar de 87,18% e índice de precipitação chuvosa anual de 1.904,00 mm.

A região recebe massas de ar carregadas de umidade. Estas se condensam e precipitam em copiosas chuvas, mantendo elevada a umidade relativa do ar durante todo o ano (IBGE, 1990). Essa regularidade de chuvas, além de promover maior continuidade da paisagem, favorece a estabilidade das populações humanas, visto que não há longos períodos de seca que alterem a fisiologia da floresta.

Nessas áreas, a grande frequência de temperaturas elevadas no verão, torna esta estação quente, com médias no mês de janeiro entre 26 a 24°C, enquanto que as raras ocorrências de mínimas diárias próximas a 0°C tornam o inverno ameno, com temperaturas

médias de 15°C. Tais condições são devidas a um conjunto de fatores ligados a latitude e proximidade com o nível do mar (IBGE, 1977).

A ocorrência do clima mesotérmico brando se deve ao seu posicionamento em latitude subtropical, constantemente sujeita à invasão de massas frias de origem polar, enquanto em outros estados, como o Paraná, esse clima é encontrado em locais de grande altitude; em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul seu aparecimento se verifica ao nível do mar (IBGE, 1977).

No inverno o clima é bastante ameno e possui pelo menos um mês com temperatura média inferior a 15°C. Não são comuns as grandes quedas de temperatura; conseqüentemente, o índice médio de ocorrência de geada gira em torno de 15 dias ao ano. O inverno é pouco intenso, enquanto o verão é considerado quente, uma vez que nesta estação, embora as máximas diárias e médias mensais sejam inferiores às do clima subquente, a média mensal de janeiro - seu mês mais quente - mantém-se acima de 22°C (IBGE, 1977).

### 2.2.5 Vegetação

A vegetação predominante na região em estudo é caracterizada pela Floresta<sup>7</sup> Ombrófila Densa. Mas, um levantamento botânico<sup>8</sup> preliminar realizado pela equipe do GRUPEP-Arqueologia em 2009, foi identificada a presença de espécies típicas da Floresta Ombrófila Mista, como o gênero *Ilex* sp. (erva-mate). Essa informação corrobora com a idéia de área de ecótono (KLEIN, 1978), conseqüência da proximidade com a linha de escarpa da Serra Geral. Diversos estudos apontam áreas de ecótono como locais favoráveis à ocupação humana, visto que essas regiões permitem um fácil acesso à diferentes micro-

---

<sup>7</sup> De acordo com IBGE (1992, p. 11), o termo floresta é semelhante ao que no senso comum denomina-se como mata. Cientificamente, significa um conjunto de sinúsias dominado por fanerófitos de alto porte, com quatro estratos bem definidos como herbáceo, arbustivo, arvoreta, arbóreo. Além destes parâmetros, acrescenta-se o sentido de altura, para diferenciá-las das outras formações lenhosas campestres. Assim, uma formação apresenta dominância de duas subformas de vida: fanerófitos e macrofanerófitos, cujo porte situa-se entre 20 a 30 metros de altura.

<sup>8</sup>Para a realização desse levantamento, foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade de Rio Facão, município de Rio Fortuna, a fim de identificar áreas com vegetação preservada; em seguida delimitaram-se duas áreas de 20 x 20 metros; por fim, coletou-se, dentro do quadrante, um representante de cada espécie de vegetal. O material foi identificado taxonomicamente pelo Msc. Jasper José Zanco curador do Herbário *Laelia purpurata* – UNISUL (FARIAS, 2009).

ambientes, com características faunísticas e botânicas capazes de suprir as necessidades do grupo durante todo o ano (Figura 7).

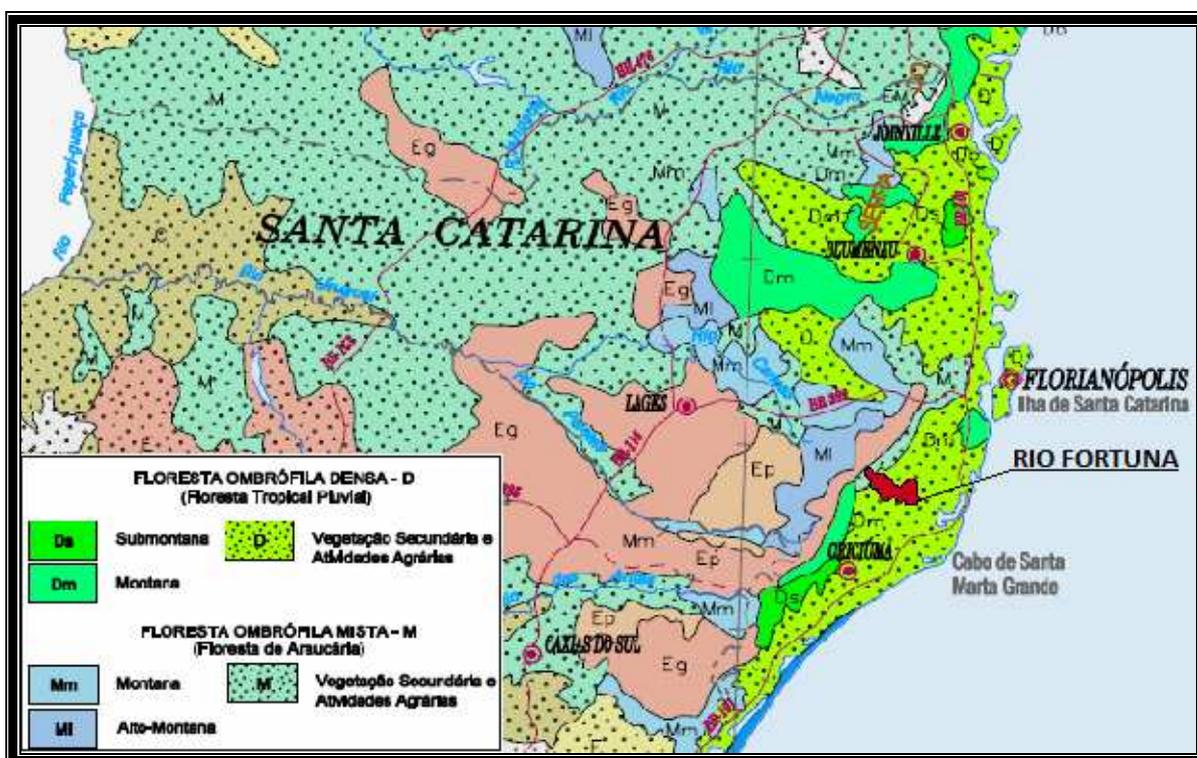


Figura 7- Características das formações florestais no município de Rio Fortuna

Fonte: [http://www.ibge.gov.br/home/clima/default\\_prod.shtm#MAPAS](http://www.ibge.gov.br/home/clima/default_prod.shtm#MAPAS) Acesso: 21/01/2010.

Farias (2005), observa que o conjunto de formações florestais e ecossistemas associados que incluem Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual, os manguezais, as restingas, os campos de altitude e os brejos interioranos e encraves florestais do Nordeste compõe o Bioma da Mata Atlântica, presente em 17 estados brasileiros.

Segundo Klein (1978, p. 29), a área da **Omrófila Densa**<sup>9</sup>, ocorrente no sul do Brasil, estende-se ao longo da costa, ocupando as planícies quaternárias do litoral e principalmente as encostas da Serra do Mar e Serra Geral.

Na maioria das vezes, caracteriza-se por estratos superiores, contendo grandes árvores que variam de 25 a 30 metros altura. São perenifoliadas<sup>10</sup> e densamente dispostas,

<sup>9</sup> Esta Região Florestal tem recebido diversas denominações desde Martius. Na primeira metade do século passado ele a definiu como “Série Dryades”. Entre as designações mais comuns destacam-se estas: Floresta Perenifólia Higrófila Costeira, Floresta Tropical Atlântica e Mata Pluvial Tropical. A designação Floresta Ombrófila Densa é de Ellenberge Mueller-Dombois (1965\6), mas sua conceituação é muito antiga. Desde Schimper (1903), que a designou de Floresta Pluvial, tem evoluído conceitualmente, passando por Richards (1952) e vários autores posteriores a ele. Em 1973, foi incluída no sistema de classificação fisionômico-ecológica da vegetação mundial adotado pela Unesco (IBGE, 1990, p. 118).

com brotos foliares desprovidos de proteção à seca e às baixas temperaturas (IBGE, 1990). Ainda quanto às peculiaridades dessa vegetação, o IBGE (1991, p.16) publicou as seguintes informações:

(...) é caracterizada por fanerófitos, justamente pelas subformas de vida macro e mesofanerófitos, além de lianas lenhosas e epífitos em abundância que a diferenciam das outras classes de formações. (...) a característica ombrotérmica da Floresta Ombrófila Densa está presa aos fatores climáticos tropicais de elevadas temperaturas (médias de 25° C) e de alta precipitação bem distribuída durante o ano (de 0 a 60 dias secos), o que determina uma situação bioecológica praticamente sem período biologicamente seco. Dominam nos ambientes desta floresta os latossolos com características distróficas e raramente cutróficas, originados de vários tipos de rochas desde as cratônicas (granitos e gnaisses) até os arenitos com derrames vulcânicos de variados períodos geológicos (IBGE, 1991, p. 16).

Klein (1980 *apud* IBGE 1990, p.119) menciona a importância fisionômica de epífitos e das lianas e ressalta a dominância de bromeliáceas (*Vriesea vagans*, *V. altodasserrae*, *Aechnea cylindrata*, *A. caudata* e *Nidularium innocentii*), das cactáceas (*Rhipsalis haulletiana*, *Rh. elliptica* e *Rh. pachyptera*), e das orquídeas (*Cattleya intermedia*, *Epidendrum ellipticum*, *Oncidium longipes*, *Pleurothallis grobii* e *Laelia purpurata*). Esta última tem mais de 300 variedades e é de alto valor ornamental. No passado, foi largamente exportada para a Europa e, hoje, é considerada espécie em perigo de extinção. Dentre as lianas, tem-se o cipó-buta (*Abuta selloana*), cipó-pau (*Clytostoma scuiripabulum*), unha de gato (*Doxantha unguis cati*), cipó-escada-de-macaco (*Bauhinia microstachya*) e cipó-cravo (*Cynnanthus elegans*) e dentre as aráceas destacam-se os gêneros *Philodendron* e *Anthurium*. Também há ocorrência de pteridófitas terrestres herbáceas, principalmente aspidiáceas e polipodiáceas e, sobretudo, pteridófitas arborescentes das ciateáceas (gêneros: *Cyathea*, *Nephaelea* e *Alsophiila*) que podem formar densos agrupamentos nos ambientes úmidos da floresta.

O prolongamento deste tipo de floresta até Torres e Osório, no Rio Grande do Sul, resultou na ausência, em toda a faixa costeira, de um período biologicamente seco e de ocorrência de médias térmicas em geral superiores a 15° C. Convém salientar que, nas baixadas da porção setentrional da região, registram-se mais de seis meses ao ano com médias térmicas iguais ou superiores a 20° C (IBGE, 1990).

Trata-se de um tipo de vegetação que apesar de estar inserida na zona extratropical, é identificada pela redução de espécies típicas e providas de endemismos. Esses aspectos são

---

<sup>10</sup> Plantas que não perdem suas folhas durante as estações do ano.

característicos de florestas tropicais e podem ser observados no prolongamento da faixa florestal que acompanha a costa brasileira desde o Estado do Rio Grande do Norte (KLEIN, 1978).

Segundo o IBGE (1990), a diversificação ambiental resultante da interação de múltiplos fatores é um importante aspecto desta região fitoecológica, com influência sobre a dispersão e crescimento de várias formações, garantindo ao ambiente florestal e as populações humanas que dele dependem, diferentes recursos naturais ao longo do ano. Cada formação florestal contém inúmeras comunidades e associações, constituindo complexa e exuberante coleção de formas biológicas.

(...) a Floresta Ombrófila Densa é classe de formação mais pujante, heterogênea e complexa do Sul do País, de grande força vegetativa, capaz de produzir naturalmente, de curto a médios prazos, grandes volumes de biomassa. A acentuada concorrência pela ocupação do espaço reflete o caráter heliófito de grande número de espécies, que buscam posicionar copas nos estratos superiores da floresta. Este fato contribui para a criação de ambientes propícios ao desenvolvimento de inúmeras formações de vida, de variadas espécies ombrófitas ou esciófitas, integrantes dos estratos inferiores, que dão conteúdo e vida interior à floresta (IBGE, 1990, p. 118-119).

De acordo com as pesquisas realizadas nas décadas de 1970 e 1980 pelo projeto RADAMBRASIL, a Floresta Ombrófila Densa está dividida em cinco formações que obedecem à hierarquia fisionômica das estruturas florestais; são elas: Floresta Ombrófila Densa Aluvial; Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas; Floresta Ombrófila Densa Submontana; Floresta Ombrófila Densa Montana; e Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Dessas apenas a Sub-Montana e Montana ocorrem na área da pesquisa.

A **Floresta Ombrófila Densa Submontana**, ocupa os dissecamentos de relevo montanhoso e dos planaltos com solos medianamente profundos. Caracteriza-se por uma formação florestal que apresenta fanerófitos com alturas uniformes. A submata é integrada por plântulas de regeneração natural, com poucos nanofanerófitos e caméfitos, além de palmeiras de pequeno porte e lianas herbáceas.

Esta formação possui ecótipos que variam de acordo com o posicionamento dos ambientes. Assim, o tempo que as plantas tropicais levaram para ocupar as atuais posições no Centro-sul foi suficiente para o estabelecimento das adaptações em ambientes semelhantes (IBGE, 1991).

Das espécies características dessa sobressaem principalmente: a caria-preta (*Ocotea catharinensis*), a laranjeira-do-mato (*Sloanea guianensis*), a peroba-vermelha (*Aspidosperma olivaceum*) e, em toda região o palmiteiro (*Euterpe edulis*).

O palmiteiro *Euterpe edulis*, ganha destaque neste tipo de formação devido a sua grande contribuição para alimentação humana, pois produz um palmito comestível. Além disso, é encontrado em abundância na região e possui um curto ciclo de vida, o que possibilita uma recuperação populacional relativamente rápida, após um período de intensa retirada do palmito, que necessariamente leva à morte da planta.

O palmiteiro *Euterpe edulis* propiciava aos grupos pré-históricos instalados na **Floresta Ombrófila Densa Submontana**, grande abundância e regularidade de alimento (palmito), que além de carboidratos, fornece proteínas, cálcio, vitamina C e do Complexo B.

As espécies seletivas higrofitas, são preferencialmente encontradas no início da encosta: o leiteiro (*Brosimum lactescens*), o guamirim-ferro (*Calyptanthes lucida*), o guamirim-chorão (*Calyptanthes strigipes*), a estopeira (*Carineana estrellensis*), o guamirim-araça (*Myrcia glabra*), bagueçu (*Talauma ovata*), o sangueiro (*Pterocarpus violaceus*), o cedro (*Cedrela fissilis*), a canela-brança (*Nectandra leucothyrsus*) e o garapuruvu (*Schizolobium parayba*). Como espécies seletivas xerófitas, e, portanto, mais comuns no alto das encostas, ocorrem: a cupiuva (*Tapirira guianensis*), a canela - amarela (*Ocotea aciphylla*), o garaparim (*Vantanea compacta*), a pindaiba (*Xylopia brasiliensis*), o pau-mandioca (*Didymopanax angustissimum*), a baga-de-pomba (*Byrsonima ligustrifolia*). Do estrato das arvoretas temos como mais importantes: pau-de-facho (*Aparisthium cordatum*), a cortiça (*Guatteria australis*), a cutia (*Esenbechia grandiflora*), o seca-ligeiro (*Fera glabrata*) e o racha-ligeiro (*Coccoloba warmingii*) (KLEIN, 1978).

A **Floresta Ombrófila Densa Montana** está presente no sul do Brasil em áreas correspondentes de 500 a 1500 metros de altitude. A estrutura vegetal é mantida até o cume dos relevos dissecados, quando solos delgados ou litólicos influenciam no tamanho dos fanerófitos, que se apresentam menores (IBGE, 1991).

Como espécies características da Floresta Ombrófila Densa Montana ocorrem as seguintes: o tanheiro (*Alchornea sidifolia*), o pequia (*Aspidosperma ramiflorum*), o racha-ligeiro (*Goccoloba warmingii*), a garuva (*Cinnamomum glaziovii*) e o pau-óleo (*Copaifera trapezifolia*).

Outro tipo de formação ocorrente é a **Floresta Ombrófila Mista**. Na área aparecem representantes da flora tropical (afro-brasileira) e temperada (austro-brasileira) com marcada relevância fisionômica de elementos Coniferales e Laurales: é o denominado Planalto

Meridional Brasileiro. Definido pela área de dispersão natural do pinheiro-brasileiro ou pinheiro-do-paraná, a *Araucaria angustifolia* (IBGE, 1990).

Segundo o IBGE (1990), a origem da Araucária e de outros elementos característicos dos pinhais sul-brasileiros tem sido objeto de interessantes hipóteses; algumas delas fundamentam-se em conhecimentos paleogeográficos e paleobotânicos (IBGE, 1990). Discute-se que os ancestrais da *Araucaria angustifolia* tiveram ampla dispersão e desenvolvimento no período cretáceo, há cerca de 90 milhões de anos, antes da migração continental.

Com a deriva continental moldou-se a atual configuração dos continentes, ocorrendo dobras e fraturas das plataformas continentais, originando-se cadeias de montanhas e bacias hidrográficas. Ocorreram flutuações climáticas e mutações vegetais que desenvolveram adaptações aos diversos ambientes. No continente sul-americano desenvolveu-se a série *Columbidae* que posteriormente, por diferenciação, deu origem à *Araucaria angustifolia* (no Brasil) e à *Araucaria araucana* (no Chile). Outra série originou as sete espécies de *Araucária* atualmente existentes na Austrália (VELOSO, 1962 *apud* IBGE, 1990, p.121).

A densidade dos pinheiros varia consideravelmente nas diferentes áreas, chegando por vezes, a mais de 200 árvores adultas por hectare. A composição deste tipo de vegetação sugere uma ocupação recente, a partir de refúgios alto-montanos, apresentando quatro formações diferentes: Aluvial, em terraços antigos situados ao longo dos flúvios; Submontana, de 50 até 400 metros de altitude; Montana, de 400 até 1000 metros de altitude; e a Alto-montana, quando situadas a mais de 1000 metros de altitude. Dessas, apenas a Montana e Alto-montana caracterizam a área da pesquisa (IBGE, 1990).

Os terrenos entre aproximadamente de 500 e 800 metros de altitude estão enquadrados na formação **Montana** (LEITE; SOHN *apud* IBGE, 1990, p.123), que se caracterizam por um clima sem época seca.

As espécies freqüentes das sub-matas dos pinhais são as seguintes: as Lauraceas dos gêneros *Ocotea*, *Nectandra* e *Cryptocarya*, além de outras latifoliadas de menor expressão fitofisionômica e, sobretudo, econômica. O estrato das arvoretas é visivelmente caracterizado pelas Aquifoliáceas, predominando muitas vezes a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Outras espécies muito comuns são: a cauna (*Ilex brevicuspis*), a guaçatunga (*Casearia decandra*), o vacunzeiro (*Allophylus edulis*) e o vacunzeiro miúdo (*Allophylus guaraniticus*). Nos locais mais altos e úmidos, são muito frequentes duas espécies de Ciatiaceas, a *Dicksonia sellowiana* e a *Nephelea setosa*. Quase toda a região da Floresta Montana Mista, está infestada por densas touceiras da Bambúsea: taquara-lisa

(*Merostachys muitiramea*), que caracteriza visivelmente o interior da floresta em vastas áreas, sobretudo onde predomina a imbuia (KLEIN, 1978).

A área mais típica da Floresta Ombrófila Mista, a **Alto-Montana** é aquela das altitudes superiores aos 800 metros. Seu clima é o mais frio da região e com índices de geada noturna. Caracteriza-se pela ausência de período seco e ocorrência de um longo período de frio.

No sul do Brasil ocorre principalmente na borda oriental do Planalto Meridional, Serra do Mar: no Paraná e parte de Santa Catarina; Serra Geral no Sul de Santa Catarina e no nordeste do Rio Grande do Sul. Frequentemente, nesta formação, a *Araucaria angustifolia*, predominante nesta formação, está junta com *Podocarpus lambertii*, *Drimys brasiliensis*, *Ilex microdanta*, *I. brevicuspis*, *I. theezans*, das Aquifoliaceas; *Siphoneugena reitzii* e *Myrceugenia euosma*, das Mirtaceas; *Weinmannia humilis* das Cunoniaceas e *Mimosa scabrella* (bracatinga) das Leguminosas (KLEIN, 1978).

Por apresentar semente comestível (pinhão) com grande biomassa, a *Araucaria angustifolia* desde a pré-história até os dias de hoje é uma importante fonte de carboidratos para as populações locais. Na pré-história, o território que apresentava este recurso, era disputado e defendido com veemência, pois a araucária possuía um importante papel na subsistência dos grupos pré-históricos da região.

Estima-se a existência de cerca de 20 mil espécies de plantas vasculares na Mata Atlântica, o que corresponde a cerca de 30% da riqueza da flora brasileira, detendo o recorde de plantas lenhosas por hectare (458 espécies).

Essa biodiversidade da composição florística aliada às variações geomorfológicas e climáticas ao longo do território dominado pela Mata Atlântica, possibilitou que uma grande diversidade de animais ocupasse esse espaço, sendo muitos destes, endêmicos, ou seja, exclusivos da Mata Atlântica. As pesquisas realizadas nessa formação florestal apontam para a presença de 250 espécies de mamíferos; deste total 55 espécies são endêmicas; 1020 espécies de aves, 188 endêmicas; 197 de répteis, 60 endêmicas; 340 de anfíbios, 90 endêmicas e 350 de peixes, 133 endêmicas (RBMA, 2010) (Anexo 1).

A fauna foi um importante elemento para a estabilidade dos grupos pré-históricos. A diversidade faunística possibilitou a caça de diferentes animais pertencentes a nichos ecológicos distintos. Um exemplo é o comportamento alimentar de grupos indígenas descritos em vários relatos etnográficos. Neles, destaca-se a diversidade de animais consumidos, que poderiam variar desde mamíferos de grande porte como a anta e o veado até larvas de insetos.

A composição ambiental da área da pesquisa - vegetação, clima, relevo, geologia e hidrografia – apresenta em alguns locais, uma disposição irregular dos recursos naturais, criando áreas chamadas de ecozonas, que se caracterizam por algum elemento físico ou biológico que as diferencia do seu entorno. Essas condições poderiam ter influenciado os grupos pré-históricos a certa estabilidade territorial, consistindo no deslocamento do grupo em busca de diferentes recursos no seu próprio território.

A estratigrafia dos sítios arqueológicos escavados por Farias, visualmente apresenta uma camada de ocupação contínua, porém, de acordo com as características ambientais discutidas até o momento, os grupos reocupariam constantemente esses locais, que por estarem implantados nas cristas menos proeminentes do relevo, ficariam menos expostos a eventos naturais, como enchentes, capazes de criar camadas estéreis entre uma ocupação e outra.

De acordo com Farias (2005) este ambiente diversificado teria propiciado aos grupos pré-históricos e históricos um espaço de relativa abundância. Esta observação não nos impede de pensar que essas mesmas populações tenham se adaptado ou modificado o ambiente de acordo com sua experiência e organização social<sup>11</sup>.

### 2.3 DISCUSSÃO

Como podemos perceber neste capítulo, o ambiente na área da pesquisa é composto por algumas características ambientais como clima, relevo e formação florestal (ecótono) que sofrem um alto gradiente de oscilação. Essas alterações decorrem principalmente das variações de altitude do terreno.

De acordo com Rosa (2009), ambientes de maior heterogeneidade espacial apresentam maior diversidade biológica, em consequência da variedade de micro-habitats, que, por sua vez, proporciona uma gama maior de micro-climas e refúgios para animais de grande porte. É importante lembrar que a diversidade biológica não implica necessariamente em abundância de espécimes, seu conceito indica a variedade de espécies capaz de ser demonstrada quantitativamente (ROSA, 2009).

---

<sup>11</sup> Esta consideração segue a premissa do adaptacionismo, que tende a enfatizar a flexibilidade da reação humana frente ao ambiente (MORAN, 1994; MORAN; OSTROM, 2009).

Durante as pesquisas realizadas não foi identificado nenhum sítio arqueológico com presença de vestígios faunísticos, essa característica é devido principalmente às condições de solo e clima da região. A falta destes vestígios dificulta conclusões quanto às estratégias de subsistência utilizadas pelos grupos (generalistas ou especialistas).

Estudos zooarqueológicos em sítios de caçadores-coletores realizados por Rosa (2009) e Jacobus (2007), entre outros, apontam os caçadores-coletores aplicando estratégia de captação de alimento mais generalista quando comparados a outros grupos. De acordo com tais estudos, grupos caçadores-coletores exploravam o ambiente de maneira muito mais ampla, consumindo animais de diversos filos e espécies. Essa característica de exploração do ambiente é condizente com a descrição ambiental realizada nesse capítulo, que aponta um alto grau de diversidade biológica, sendo a cultura caçadora-coletora plenamente adaptada ao ambiente da encosta catarinense.

O próximo capítulo apresentará o levantamento bibliográfico realizado no município da pesquisa, bem como, nos municípios vizinhos. Este estudo objetivou compreender a dinâmica ocupacional pré-histórica do ambiente pesquisado, através da identificação dos diferentes tipos de sítios arqueológicos.

### 3 A ARQUEOLOGIA REGIONAL COM ENFOQUE EM RIO FORTUNA – SC

As pesquisas arqueológicas na encosta catarinense não são recentes, há pelo menos 40 anos esta região vem sendo estudada por pesquisadores como Piazza (1966), Eble (1973 *apud* Farias 2005), Rohr (1979-1982), Lavina (1994), e mais recentemente, Farias (2005) e Schmitz et al. (2009).

Esses primeiros pesquisadores, principalmente os ligados ao PRONAPA<sup>12</sup> (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), não tinham como objetivo compreender de forma mais detalhada a ocupação pré-histórica deste ambiente. Porém, não nos restam dúvidas, de que esses primeiros trabalhos foram fundamentais para a construção da problemática ocupacional da região em estudo.

Contudo, a encosta catarinense só foi objeto de um estudo mais aprofundado na década de 1990, quando Lavina (1994) criou, a partir de documentos e relatos históricos, um modelo etnográfico para o grupo Xokleng. Em suas considerações, o pesquisador ressaltou que este modelo poderia ser usado ou testado em sítios arqueológicos contemporâneos à colonização européia, como também em pré-históricos. Ele concluiu, a partir do seu modelo, que os Xokleng estavam condicionados às variações ecológicas, que, por sua vez, favoreciam ao nomadismo. Assim, este grupo circulava em seu território histórico em um movimento pendular estacional entre a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Ombrófila Mista consumindo os recursos oferecidos por cada um destes ambientes.

Somente 11 anos depois, Farias (2005) contrapôs esse nomadismo, sugerindo um modelo<sup>13</sup> mais estável para os grupos na região da encosta. A autora apresentou um esquema de assentamento com média mobilidade, levantando a hipótese de que a encosta não seria

---

<sup>12</sup> No ano de 1964 foi realizado um seminário organizado pela Universidade Federal do Paraná (financiado pelas CAPES e Fulbright Commission) que reuniu todos os pesquisadores em arqueologia do Brasil. O objetivo do encontro foi discutir diversos temas ligados à arqueologia brasileira que iam desde atributos para análise cerâmica até problemas relacionados com a própria arqueologia nacional. Deste encontro surgiu a idéia de criar o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA. O programa durou cinco anos, de 1965 até 1970, foi coordenado por Bety Meggers e Clifford Evans, patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas, pelo Smithsonian Institution em colaboração com a secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, contou com uma equipe de 11 professores das universidades e museus do Brasil (BROCHADO 1968, p. 3-4). Segundo Barreto (1999-2000, p. 37), foi a partir da década de 1960 que a arqueologia brasileira passou a ter característica acadêmica, uma vez que as pesquisas realizadas entre meados do século XIX até a década de 1950 estavam ligadas a questões pontuais, como à construção dos sambaquis costeiros, artificiais ou naturais e a cronologia do povoamento de grupos pré-coloniais no Brasil (DIAS, 2003, p. 8).

<sup>13</sup> Os grupos Xokleng e seus respectivos modelos serão discutidos de forma mais aprofundada no quarto e quinto capítulo.

apenas um local de transição entre o planalto e o litoral. Assim como o modelo de Lavina (1994), esta proposta foi apoiada em inúmeros relatos etnohistóricos produzidos a partir da colonização européia na encosta.

Efetivamente, as pesquisas arqueológicas na área em estudo vem sendo realizadas há 5 anos. Na encosta sul com o GRUPEP-Arqueologia\UNISUL coordenado pela Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias, através do projeto<sup>14</sup> AMA: Arqueologia na Mata Atlântica, e na encosta norte com Instituto Anchieta de Pesquisas\UNISINOS coordenado pelo Dr. Pedro Ignácio Schmitz, com o projeto: Taió<sup>15</sup>, no Vale do Rio Itajaí – encontros de antigos caçadores com as casas subterrâneas.

O desenvolvimento da Arqueologia nesta área deve-se também à arqueologia de contrato<sup>16</sup>, estimulada pelo governo federal através do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

### 3.1 OS SÍTIOS PESQUISADOS NA BIBLIOGRAFIA

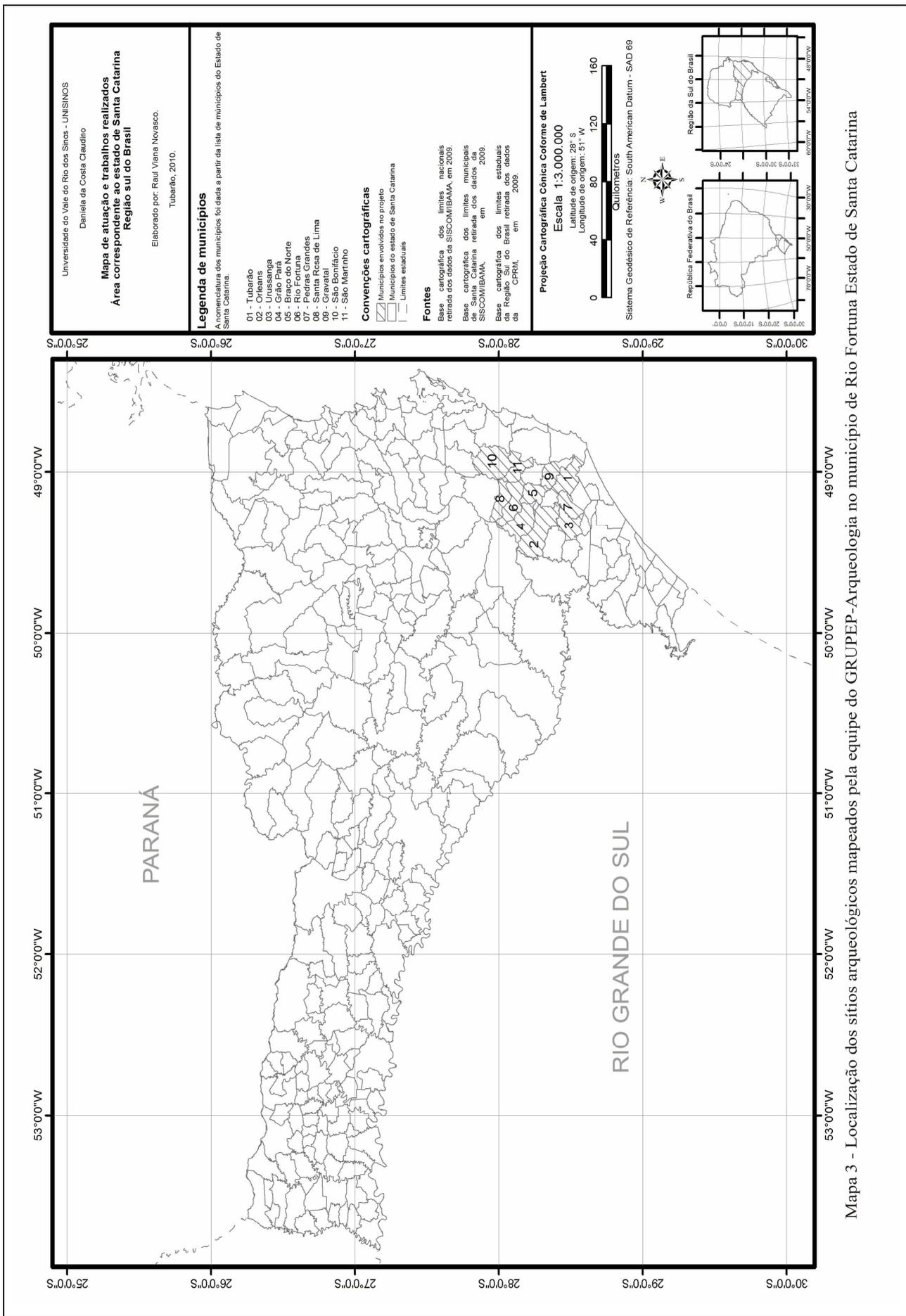
---

<sup>14</sup>A proposta principal do projeto foi realizar uma pesquisa detalhada da encosta, com o objetivo de evidenciar elementos da cultura material que comprovassem a ocupação pré-colonial permanente e constante. Segundo Farias (2009) na primeira fase da pesquisa foram mapeados vários sítios líticos ligados à Tradição Umbu e aos grupos ceramistas do litoral e do planalto. No entanto, não foi possível esclarecer aspectos cronológicos e culturais. Já na segunda fase, continuou-se mapeando novos sítios arqueológicos, localizados em Rio Fortuna, Grão Pará, Laguna, Armazém, Jaguaruna, Tubarão e demais municípios da AMUREL (Associação dos municípios da região de Laguna). Houve um aprofundamento da pesquisa com a escavação de sítios situados em compartimentos diferenciados dessa região. Em locais com sítios preservados realizaram-se os seguintes procedimentos: quadrículas de 1m x 1m, com profundidade suficiente para se encontrar a camada estéril. Outro dado importante foi a datação em C14, uma vez que a identificação de estruturas de combustão possibilitou a retirada de material adequado para esse tipo de análise (FARIAS, 2009). Este projeto mapeou mais de 69 sítios arqueológicos na região da AMUREL; grande parte deles serão descritos neste capítulo.

<sup>15</sup>Neste projeto, Schmitz e et al. (2009) estudaram no município de Taió 26 sítios arqueológicos ligados a caçadores-coletores com pontas de projétil. Desses, 25 estão a céu aberto, 1 possui um conjunto de 12 casas subterrâneas e com um suposto montículo funerário. Dois dos sítios a céu aberto foram datados, um em 8.000 anos A.P. e outro em 4.000 anos A.P. No conjunto de casas subterrâneas, dois fogões obtiveram aproximadamente 1.200 anos A.P., um terceiro em 1.300 anos A.P., e uma casa subterrânea alcançou a data de 650 anos A.P. Este projeto além de estudar o sistema de assentamento na área e suas respectivas cronologias “se pergunta a respeito do significado que possa ter a associação de elementos tradicionalmente ligados a culturas e populações diferentes, percorrendo sobre outras situações em que supostos antepassados dos Jê Meridionais estão associados com distintas populações ceramistas ou pré-ceramistas” (SCHMITZ et al., 2009, p. 185).

<sup>16</sup> De Masi (2003), Farias (2005), Gearqueologia (2007); Lavina (2003; 2006) e Scientia (2007).

O levantamento bibliográfico contemplou sítios mapeados em Rio Fortuna e nos municípios vizinhos, como Tubarão, Gravatal, São Martinho, Braço do Norte, Urussanga, Orleans, Pedras Grandes, Grão Pará, Santa Rosa de Lima e São Bonifácio (Mapa 2).



Mapa 3 - Localização dos sítios arqueológicos mapeados pela equipe do GRUPEP-Arqueologia no município de Rio Fortuna Estado de Santa Catarina

Nosso objetivo foi visualizar a dinâmica ocupacional pré-histórica da encosta sul catarinense. As informações foram retiradas do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, dos relatórios de pesquisa acadêmica, principalmente do projeto AMA, e da arqueologia de contrato. Reunimos 216 sítios arqueológicos que se apresentaram com as seguintes características:

**a) Abrigo sob rocha<sup>17</sup>:** Formações naturais que supostamente foram ocupadas por grupos pré-históricos da região em estudo. Em nenhum dos abrigos mapeados foi identificada ou informada a presença de vestígios arqueológicos.

**b) Casa subterrânea<sup>18</sup>:** Corresponde a depressões cavadas no solo em formato oval ou circular. Essas ocupações apresentaram dois padrões: casas isoladas associadas a lascas, pontas de projétil, núcleos e afloramentos em quartzo; e casas agrupadas e conectadas a lascas, artefatos bifaciais e fragmentos cerâmicos.

**c) Cerâmico<sup>19</sup>:** Representa ocupações pré-históricas identificadas no vale do Rio Capivari. Porém, nos relatórios analisados não encontramos nenhuma descrição que pudesse caracterizar este sítio arqueológico. Por já termos percorrido esta região, acreditamos tratar-se de sítios com cerâmica da Tradição Taquara.

**d) Cerâmico Guarani<sup>20</sup>:** Relacionado às ocupações Tupi-Guarani no médio curso do Rio Capivari, especificamente no município de São Martinho. O material arqueológico foi coletado em superfície e nas sondagens. Em menor quantidade apareceu o lítico, já os fragmentos cerâmicos, que representaram a maioria dos vestígios, caracterizaram-se pelas seguintes decorações: lisa, corrugada, ungulada, pintada, escovada e reticulada.

**e) Lítico<sup>21</sup>:** Este tipo de sítio arqueológico geralmente é encontrado em áreas de cultivo. O material lítico é típico da Tradição Tecnológica Umbu, sendo comum encontrar grande quantidade de lascas, artefatos unifaciais e bifaciais, além de pontas de projétil, confeccionadas quase sempre em quartzo.

**f) Lítico com mancha escura no solo<sup>22</sup>:** Representa sítios líticos ligados à Tradição Umbu, que por estarem em superfície, associam-se as estruturas (combustão, fundo de cabanas e

---

<sup>17</sup> Farias (2005, 2009); Rohr (1979/1982).

<sup>18</sup> Farias (2005,2009); Geoarqueologia (2007).

<sup>19</sup> De Masi (2003).

<sup>20</sup> De Masi (2003);

<sup>21</sup> De Masi (2003); Dias (2007); Farias (2005,2009); Geoarqueologia (2007); Lavina (2006); Perin (2007); Rohr (1979/1982).

<sup>22</sup> De Masi (2003); Dias (2007); Eble e Reis (1976 *apud* Farias, 2005); Farias (2005, 2009); Geoarqueologia (2007); Perin (2007).

outras) de coloração escura no solo. Os líticos identificados quase sempre são lascas, bifaces e pontas de projétil confeccionados em quartzo, sílex ou arenito silicificado, eventualmente aparecem alguns artefatos polidos como lâminas de machado e mãos de pilão, produzidos em basalto, diabásio e arenito. Já as manchas escuras possuem formato circular ou oval e suas medidas variam em torno de 4 a 15 metros de comprimento.

**g) Mancha<sup>23</sup>:** Caracteriza-se pela presença de estruturas (combustão, fundo de cabana e outras) superficiais. Junto a essas não é encontrado nenhum outro vestígio arqueológico aparente.

**h) Mancha escura com lítico e cerâmica<sup>24</sup>:** Foi identificado apenas um sítio arqueológico com estas características no município de São Bonifácio. Os materiais arqueológicos são representados por pontas de projétil e cerâmica guarani.

**i) Mancha escura com montículo e cerâmica:** Caracterizado por apenas um sítio arqueológico, também no município de São Bonifácio. Os materiais arqueológicos são representados por manchas escuras no solo, montículos sem material lítico e cerâmica guarani.

**j) Montículo:** Pequenas construções em formato circular ou elipsoidal que não atingem 80 cm de altura. Alguns foram encontrados agrupados em áreas correspondentes a 300m<sup>2</sup>.

Conforme as categorias definidas anteriormente, percebemos que a encosta sul catarinense, possui uma variedade de sítios arqueológicos pré-coloniais. Esses poderiam estar ligados a espaços de moradia permanente ou temporária, áreas de confecção cerâmica ou lítica, rituais religiosos ou funerários, abrigos e outros.

Reunimos no gráfico abaixo todas as categorias de estruturas arqueológicas identificadas no levantamento bibliográfico. Destas destacaram-se três tipos de sítios: lítico (62%); lítico com mancha escura no solo (23%); e manchas escuras no solo (6%) (Gráfico 1).

As casas subterrâneas corresponderam a 4,3% da totalidade. Essas geralmente estão associadas a outros vestígios arqueológicos, que na maioria das vezes, são líticos (pontas de projétil e lascas). A cerâmica se fez presente em apenas uma casa subterrânea (Gráfico 1).

As demais categorias, somando juntas não alcançaram 5%, sendo que dessas, 3,5% corresponderam a sítios cerâmicos. Diante desses resultados, podemos adiantar que a

<sup>23</sup> De Masi (2003); Eble e Reis (1976 *apud* Farias, 2005); Farias (2005; 2009); Perin (2007).

<sup>24</sup> As categorias descritas nos itens h, i, j foram identificadas por Eble e Reis (1976 *apud* Farias, 2005).

encosta sul catarinense no período pré-colonial foi mais intensamente habitada por grupos que não produziam cerâmicas (Gráfico 1)

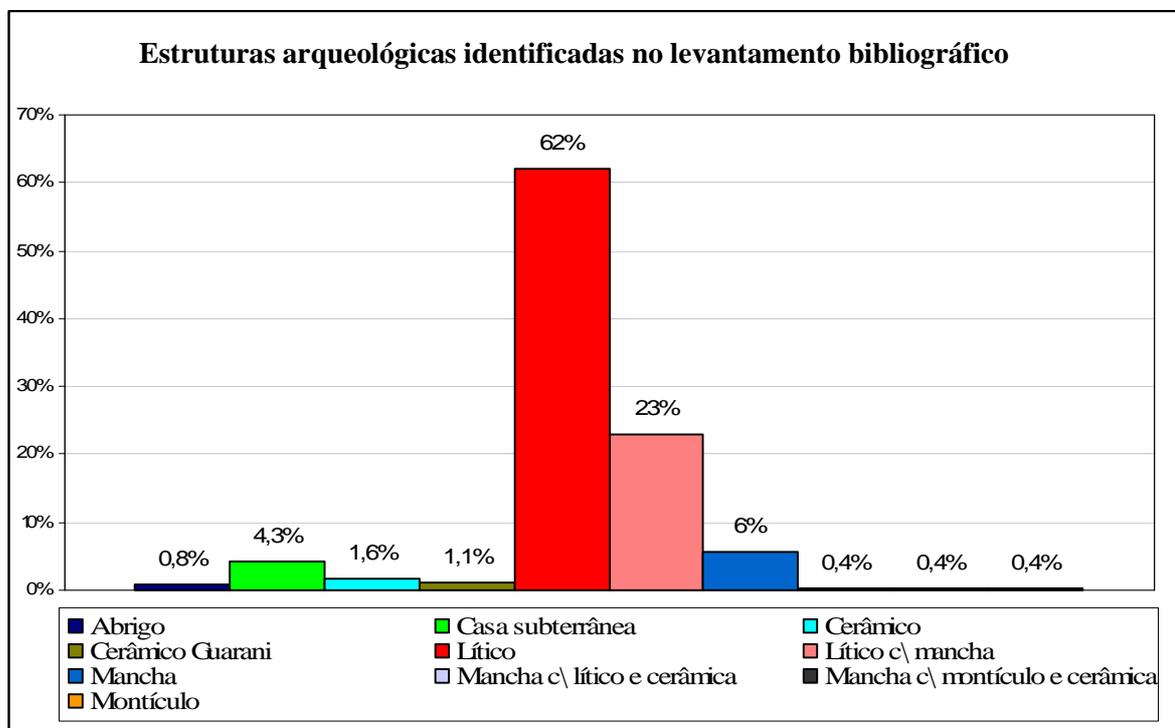


Gráfico 01- Estruturas arqueológicas identificadas na encosta sul catarinense através do levantamento bibliográfico

Fonte: Elaborado pela autora.

Como tivemos bastante dificuldade em organizar<sup>25</sup> as informações coletadas dos relatórios técnico-científicos e do banco de dados do IPHAN, optamos por apresentar os dados em formato de tabelas, cada uma representando um município; também mantivemos as nomenclaturas encontradas nos registros examinados.

### 3.1.1 Município de Tubarão

A primeira tabela apresenta os sítios mapeados na parte oeste do município de Tubarão<sup>26</sup>, mais precisamente, na comunidade da Guarda. Dias (2007) e Farias (2005; 2009)

<sup>25</sup> Constatamos que ainda não há consenso entre os arqueólogos e o IPHAN nas informações disponibilizadas. Observamos sítios arqueológicos mapeados recentemente sem coordenadas UTM, com descrições subjetivas e metodologias confusas. Percebemos também que nem todos os sítios arqueológicos são designados por uma nomenclatura padrão, tornando os dados divergentes, pois um mesmo sítio corre o risco de ter sido mapeado mais de uma vez e com denominações diferentes.

<sup>26</sup> No município de Tubarão também ocorrem Sambaquis, mas não os incluímos na tabela.

identificaram ao todo 28 sítios arqueológicos, desses, 26 são líticos e 2 caracterizam-se por líticos associados a manchas escuras no solo.

Estão localizados a céu aberto numa distância máxima de 500 metros do rio Caruru. Geomorfologicamente, encontram-se na Planície Costeira e na Serra do Leste Catarinense. A vegetação é constituída pela Floresta Ombrófila Densa numa altitude que varia de 10 a 400 metros. Segundo Dias (2007) pelo menos 11 sítios (10 líticos e 1 lítico associado a mancha escura no solo) foram localizados entre 30 e 50 metros de altitude (Tabela 1).

Tabela 1 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Tubarão

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-TUB-Guarda-01	22J 0691243/6854476	Pedro Antunes	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-02	22J 0690977/6854290	Hélio Cascaes	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-03	22J 0688766/6854772	Marta T. Marcolino	Pontas de projétil em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-04	22J 0687871/6852264	Marta T. Marcolino	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-05	22J 0689418/6854819	Hercílio Correa da Silva	Mancha escura associada a pequenas lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-06	22J 0688745/6854902	Edissânia S. Teodoro	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-07	22J 6886330/6854373	Edissânia S. Teodoro	Lítico polido e lascas em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-08	22J 0688772/6854266	Pedro Antunes	Pontas de projétil em superfície	Farias (2005)
SC-TUB-Guarda-09	22J 0690245/6854742	Sítio Meurer	Lascas em quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-10	22J 0690950/6854723	Valério Fernandes Bressan	Pontas de projétil em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-11	22J 0689723/6855584	José de Oliveira	Pontas de Projétil	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-12	22J 0690983/6855514	Emerli de Souza Nunes	Pontas de Projétil	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-13	22J 0690519/6855750	Valter Oliveira	Pontas de Projétil	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-14	22J 0691944/6855738	Paulo de Souza Martins	Lascas e Pontas de Projétil em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-15	22J 0689547/6853998	Laércio Gonçalves	Artefatos líticos e sedimento escuro em	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-16	22J 0689647/6854092	Laércio Gonçalves	Artefatos líticos em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-17	22J 0690026/6854069	Brás dos Santos	Ponta de Projétil	Farias (2009)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-TUB-Guarda-18	22J 0688464/6854324	Antônio Dandoline	Artefatos líticos em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-19	22J 0688492/6854184	Antônio Dandoline	Pontas de Projétil em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-20	22J 0688332/6854079	Antônio Dandoline	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-21	22J 0689822/6855417	Albertina Mendes dos Santos	Pontas de Projétil em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-22	22J 691990/6854810	Jair Ceoloin Oriques	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-23	22J 0692128/6854811	Rodolfo Alves de Souza	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-24	22J 0690107/6854321	Brás Mendes	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Guarda-25	22J 0688611/6853348	Bento João Marques	Lascas em quartzo	Farias (2009)
SC-TUB-Sanga da Areia -26	22J 0690188/6858308	Ivonete Vitória Vicente	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-Sanga da Areia -27	22J 0690282/6858290	Ilda da Silva Vicente	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-TUB-S Sanga da Areia -28	22J 0690716/6858661	Ilda da Silva Vicente	Pontas de projétil em superfície	Farias (2009)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Todos esses sítios arqueológicos estão vinculados à Tradição Tecnológica Umbu, pois apresentaram lascas, artefatos bifaciais, pontas de projétil confeccionadas em quartzo e calcedônia, além de artefatos polidos. Nesta região também foram mapeados afloramentos em sílex, matéria-prima utilizada principalmente para a confecção de pontas de projétil (Figura 8 e 9).



Figura 8 - Ponta de projétil do sítio SC-TUB-16  
Fonte: Dias (2007).



Figura 9: Lascas em quartzo sítio SC-TUB-20  
Fonte: Dias (2007).

Dias (2007) observou que as ocupações pré-históricas ocorreram em áreas de meia encosta e várzea. Para ela, os recursos hídricos também foram determinantes para as escolhas dos locais dos assentamentos, assim, o grupo teria disponibilidade de água, local propício para a conservação de alimentos e também para obtenção de matérias-primas.

### 3.1.2 Município de Orleans

Os dados coletados sobre os sítios do município de Orleans apontam para uma ocupação baseada na caça. Dos 21 sítios arqueológicos mapeados, 20 caracterizam-se pela presença de pontas de projétil, lascas, artefatos polidos e brutos; e 1 como abrigo sob rocha sem presença de vestígios arqueológicos. Utilizamos os dados de Rohr (1979/1982) e Lavina (2001; 2006). Nenhum desses pesquisadores relatou a presença de manchas escuras no solo (Tabela 2).

Tabela 2 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Orleans

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
Orleans 1	Sem informação	Ernesto Frohn	Pontas de projétil, material polido e lascas	Rohr (1979/1982)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
Orleans 2	Sem informação	Vital Cancelier	Pontas de projétil, material polido e lascas	Rohr (1979/1982)
Orleans 3	Sem informação	José Catâneo	Pontas de projétil, material polido e lascas	Rohr (1979/1982)
Orleans 4	Sem informação	-	Abrigo sob rocha	Rohr (1979/1982)
Acampamento Furninha 1	Sem informação	Claudenir Zanini Salvagio	Lítico lascado em quartzo e calcedônia	Lavina (2001)
Acampamento Furninha 2	Sem informação	Claudenir Zanini Salvagio	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2001)
Acampamento Furninha 3	Sem informação	Claudenir Zanini Salvagio	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2001)
Pindotiba 1	22J 067983/6856767	Sem informação	Lítico lascado em quartzo e basalto	Lavina (2006)
Pindotiba 2	22J 0675336/6857256	José Mazucco	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 3	22J 0675487/6858112	José Mazucco	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 4	22J 0675599/6858599	José Mazucco	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 5	22J 0675800/6858628	José Mazucco	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 6	22J 0675646/6858482	Terezinha Fortunato Mazucco	Lascas	Lavina (2006)
Pindotiba 7	22J 0674073/6859533	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 8	22J 0674004/6857878	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 9	22J 0674095/6857692	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 10	22J 0673951/6858127	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 11	22J 0674026/6858287	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 12	22J 0673970/6858030	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 13	22J 0674094/6859405	Joacir Warmiling	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)
Pindotiba 14	22J 0674340/6859575	Sem informação	Lítico lascado e pontas de projétil	Lavina (2006)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Além das informações dispostas na tabela 2, Farias (2005) ressaltou uma pesquisa realizada por Baggio<sup>27</sup> (2004 apud Farias, 2005) Vale do Rio Furnas. Foram cadastrados 45 sítios arqueológicos, 44 atribuídos à Tradição Umbu. O material lascado foi confeccionado em quartzo leitoso e basalto, alguns desses, estavam associados a manchas escuras no solo. As ocupações ocorreram em pequenas elevações, longe das áreas de enchente. No período pré-colonial, a região estava totalmente coberta pela Floresta Ombrófila Densa, que oferecia aos grupos importantes espécies que serviam para alimentação, produção de artefatos, de tintas e uso medicinal (FARIAS, 2005).

### 3.1.3 Município de Urussanga

Dos 11 sítios mapeados, 10 são característicos da Tradição Tecnológica Umbu, com pontas de projétil, lascas e, alguns com lâminas de machado. Apenas 1 sítio foi identificado como abrigo sob rocha, porém, não foi descrito nenhum material arqueológico (Tabela 3).

Tabela 3 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Urussanga

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
Urussanga 1	Sem informação	Teonaz Rocha	Pontas de projétil, lascas e lâmina de machado	Rohr (1979/1982)
Urussanga 2	Sem informação	Pedro Feltrin	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 3	Sem informação	Pedro Magdalena	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 4	Sem informação	Vitório Justi	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 5	Sem informação	Vitório Justi	Pontas de projétil, lascas e lâmina de machado	Rohr (1979/1982)
Urussanga 6	Sem informação	Alcione de Tal	Pontas de projétil, lascas, lâmina de machado e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 7	Sem informação	José Catâneo	Abrigo sob rocha	Rohr (1979/1982)
Urussanga 8	Sem informação	Luiz Silveira	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)

**continua**

<sup>27</sup> Não tivemos acesso às informações, por isso, os dados desta pesquisa não estão inseridos na tabela 3.

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
Urussanga 9	Sem informação	Bruno Peraro	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 10	Sem informação	Marcos Costa	Pontas de projétil e lascas	Rohr (1979/1982)
Urussanga 11	Sem informação	Imobiliária Içarense	Pontas de projétil, lascas e lâmina de machado	Rohr (1979/1982)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Farias (2005) em pesquisa para sua tese de doutorado, analisou os materiais líticos coletados por Rohr (1979/1982) em Urussanga. A pesquisadora observou que os artefatos lascados associados à Tradição Umbu representam a maioria da coleção. Esses não apresentaram córtex, indicando que o lascamento inicial se dava em outro lugar.

### 3.1.4 Município de Grão Pará

Identificamos 28 sítios arqueológicos em Grão Pará que podem ser caracterizados como: sítios líticos com presença de lascas, pontas de projétil e artefatos polidos; 7 sítios caracterizam-se pela presença de lítico associado a manchas escuras no solo; 1 pequeno abrigo e uma estrutura subterrânea (Tabela 4).

Tabela 4 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Grão Pará

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-Grão Pará-01	22J 0673636/6884712	Augusto Gonçalves	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-Grão Pará-02	22J 0673394/6884965	Augusto Gonçalves	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-Grão Pará-03	22J 0672199/6884615	Genésio Perin	Pontas bifaciais em superfície	Farias (2005)
SC-Grão Pará-04	22J 0664597/6883628	Celso Souza	Ponta de projétil e lascas em superfície	Farias (2005)
SC-Grão Pará-05	22J 0664229/6883732	Nadir de Oliveira Souza	Lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-GP-06	22J 0666379/6880803	Estacionamento da Capela de Santa Augusta	Material lítico em superfície	Farias (2009) <sup>28</sup>
SC-GP-07	22J 0666840/6880627	Heriberto Perin	Material lítico em superfície	Farias (2009)
SC-GP-08	22J 0665183/ 6881504	Anévio Perin	Material lítico em superfície	Farias (2009)
SC-GP-09	22J 0671232/6881694	Floriano Novadesick	Mancha escura sem lítico	Farias (2009)
SC-GP-10	22J 0668343/6881344	oelson França	Mancha escura com lítico	Farias (2009)
SC-GP-11	22J 0666172/6882864	Damião	Mancha escura com lítico	Farias (2009)
SC-GP-12	22J 0667345/6881913	Olívio Chafanski	Material lítico em superfície	Farias (2009)
SC-GP-13	22J 0671922/6884543	Laércio Meurer	Pequeno abrigo	Farias (2009)
SC-GP-14	22J 0666431/ 6879674	Laércio Orbem Laipelt	Mancha escura com lítico	Farias (2009)
SC-GP-15	22J 0668713/6879236	Olívio Antonelo Perin	Mancha escura com lítico	Farias (2009)
Santos Pazetto I	22J 0671645/6884647	Santos Pazetto	Mancha escura com lítico	Geoarqueologia (2007)
Santos Pazetto II	22J 0671750/6884757	Santos Pazetto	Mancha escura com lítico	Geoarqueologia (2007)
Santos Pazetto III	22J 0671625/6884870	Santos Pazetto	Mancha escura com lítico	Geoarqueologia (2007)
Benjamin Picler	22J 0671548/6887008	Benjamin Picler	Ponta de projétil e lascas	Geoarqueologia (2007)
Estrutura Subterrânea	22J 0663079/6894528	Sem informação	Estrutura subterrânea descampada	Geoarqueologia (2007)
Antídio Borguezan	22J 0642768/6902041	Antídio Borguezan	Raspadores, núcleos e lascas	Geoarqueologia (2007)
Engenho de Farinha Benjamin Picler	22J 0671450/6886986	Benjamin Picler	Ponta de projétil	Geoarqueologia (2007)
René Edman Margotti	22J 0675500/6881867	René Edman Margotti	Ponta de projétil	Geoarqueologia (2007)
Laércio Oenning Meurer	22J 0671963/6884572	Laércio Oenning Meurer	Ponta de projétil	Geoarqueologia (2007)
Luiz Elias Kunhen	22J 0670835/6887482	Luiz Elias Kunhen	Ponta de projétil	Geoarqueologia (2007)
GP-AB-01	22J 0664832/6879509	Não identificado	Artefato lítico lascado em arenito silicificado	Scientia (2007)

continua

<sup>28</sup> Os dados contidos em Farias (2009) também pode ser verificado em Perin (2007).

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
GP-AB-02	22J 0664745/6879678	Não identificado	Lascas em arenito silicificado e artefato polido	Scientia (2007)
GP-AB-02	22J 0664162/6878785	Estanislau Matuchki	Lascas em arenito silicificado, pontas de projétil, virotes ou pingentes	Scientia (2007)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

No geral, esses sítios arqueológicos estão localizados em elevações próximas a algum curso d'água. Na maioria das vezes, apresentam em sua composição lascas, pontas de projétil, raspadores bifaciais, unifaciais em forma de lesma e artefatos foliáceos. A matéria-prima predominante é o quartzo, seguido do sílex e do arenito silicificado (PERIN, 2007) (Figura 10).



Figura 10 - Ponta de lança, coleção particular do Senhor Lourenço Gil  
Fonte: Perin (2007).

Dados obtidos com a análise lítica<sup>29</sup> demonstraram a predominância de materiais em quartzo seguidos do sílex e do arenito silicificado. O quartzo foi a principal matéria-prima utilizada que pode ser encontrado em todo o alto curso do Rio Tubarão (PERIN, 2007).

Os grupos pré-históricos utilizaram tanto blocos quanto seixos. Como todas as rochas e minerais presentes nos artefatos estão disponíveis na área pesquisada, não foram necessários grandes deslocamentos para obtenção da matéria-prima mineral, pois esta estaria disponível em um raio de 5 a 10 km no entorno dos sítios (PERIN, 2007).

Perin (2007) observa que os sítios mapeados pelo projeto AMA no município, concentram-se no topo de colinas, em áreas onde se pode ter boa visibilidade do entorno e do vale abaixo. O autor também ressalta que a hidrografia regional é marcada por uma intensa capilaridade, distribuindo pequenos cursos d'água em praticamente toda a área pesquisada.

### 3.1.5 Município de Braço do Norte

O município de Braço do Norte possui ao todo 8 sítios mapeados (FARIAS, 2009). Desses, 7 são líticos pertencentes à Tradição Umbu, e 1 corresponde a um conjunto de 8 casas subterrâneas associadas a lascas e cerâmicas (Tabela 5).

Tabela 5 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Braço do Norte

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-BNT-02	22J 0680693/6876829	Não identificado	Lascas e núcleos em superfície	Farias (2009)
SC-BNT-03	1 – 22J 0680427/6875455 2 - 22J 0680443/6875415 3 – 22J 0680448/6875415 4 – 22J 0680404/6875499 5 – 22J 0680615/6875426 6 – 22J 0680626/6875403 7 – 22J 0680610/6875375 8 – 22J 0680588/6875392	Heriberto Meurer	Conjunto de oito casas subterrâneas associadas a lascas, artefato bifacial e cerâmica	Farias (2009)
SC-BNT-04	22J 0681513/6873152	Sinésio Coan	Lascas, núcleos, pontas de projétil em superfície	Farias (2009)

continua

<sup>29</sup> Essas informações estão relacionadas aos sítios mapeados por Farias (2005, 2009) e Perin (2007).

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-BNT-05	22J 0681343/6873247	Sinésio Coan	Lascas e núcleos em superfície	Farias (2009)
SC-BNT-06	22J 0680727/6875156	Não identificado	Lascas e núcleos em superfície	Farias (2009)
SC-BNT-07	22J 0681310/6873590	Não identificado	Lascas e artefatos bifaciais em superfície	Farias (2009)
SC-BNT-08	22J 0681145/6873960	Não identificado	Lascas e artefatos bifaciais em superfície	Farias (2009)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Tanto os sítios líticos quanto o conjunto de casas subterrâneas estão a céu aberto, implantados na serra do leste em área de Floresta Ombrófila Densa. A proximidade de água potável varia entre 100 e 500 metros (FARIAS, 2009).

Os sítios líticos estão numa área de aproximadamente 100 x 100 metros, enquanto que o aglomerado de casa subterrânea ocupa um espaço estimado de 200 x 100 metros. Essas últimas estão bastante alteradas, pois suas concavidades foram aterradas para a agricultura (FARIAS, 2009).

### 3.1.6 Município de Pedras Grandes

O município de Pedras Grandes possui apenas 4 sítios, sendo 3 deles mapeados por Farias (2005) e 1 por Rohr (1979/1982). São característicos da Tradição Umbu, pois apresentam lascas, pontas de projétil e artefatos polidos. Nenhum foi associado a manchas escuras no solo (Tabela 6).

Tabela 6 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Pedras Grandes

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-Pedras Grandes-01	22J 0675542/6843823	Laurita Demo Micheleto	Líticos polidos e lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-Pedras Grandes-02	22J 0675890/6844067	Laurita Demo Micheleto	Líticos polidos e lascas de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-Pedras Grandes-03	22J 0675943/6844286	Laurita Demo Micheleto	Lascas e pontas de projétil de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2005)
SC-Pedras Grandes-04	22J 0674103/6843153	Elaine Brolesi	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2005)
Pedras Grandes-01	Sem informação	Elias Niezo	Pontas de projétil, material polido e lascas	Rohr (1979/1982)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Estão situados em área plana, geralmente no topo das colinas, possuem dimensão aproximada de 300 m<sup>2</sup>, distantes de 300 a 500 m dos recursos d'água. Segundo Farias (2005) o grau de integridade desses sítios é bastante ruim, devido, principalmente, às atividades agrícolas.

### 3.1.7 Município de Gravatal

Em Gravatal encontramos 9 sítios mapeados por Farias (2005; 2009). Todos são pertencentes à Tradição Tecnológica Umbu, apresentam lascas, artefatos lascados como pontas de projétil, geralmente em quartzo. São sítios superficiais e não apresentam manchas escuras no solo (Tabela 7).

Tabela 7 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Gravatal

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-GVT-São Miguel -1	22J 0688152/6858927	Italiano	Lascas e artefato lítico de quartzo e calcedônia em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-MEDEIROS-2	22J 0692396/6857886	Valdecir de Oliveira	Artefatos líticos em superfície	Farias (2009)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-GVT-MEDEIROS – 3	22J 0692581/6857791	Veloci da Silva Souza	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 4	22J 0690049/6859026	Claudino Guimarães Anacleto	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 5	22J 0689961/6858891	Claudino Guimarães Anacleto	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 6	22J 0689052/6857838	Dona Noemia	Pontas de projétil em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 7	22J 0689015/6857973	Pedro da Silva	Pontas de projétil em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 8	22J 0690369/6858703	Valdemar Motta Mendes	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)
SC-GVT-Sanga da Areia – 9	22J 0690109/6858366	Maria do Carmo Guimarães Rabelo	Lascas de quartzo em superfície	Farias (2009)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Esses sítios ocorrem numa altitude que varia entre 50 a 500 metros. O estado de preservação é bastante ruim devido à intensa atividade agrícola. Quanto à área de dispersão do material lítico não possuímos informações.

### 3.1.8 Município de São Bonifácio

Os sítios identificados em São Bonifácio são predominantemente ligados à Tradição Tecnológica Umbu. Da totalidade de 24 sítios arqueológicos, 3 sítios possuem líticos espalhados em superfície, 17 foram identificados por manchas escuras no solo com presença de material lítico, 1 com apenas como mancha, 1 com forma monticular, 1 com mancha associada a líticos e fragmentos cerâmicos e 1 com estrutura monticular e cerâmicas integradas (Tabela 8).

Tabela 8 - Sítios arqueológicos mapeados no município de São Bonifácio

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material associado	Pesquisador
SC-SB-01	Sem informação	Dalto Buss	Lítico	De Masi (2003)
SC-SB-02	Sem informação	Dorival Hawerot	Lítico	De Masi (2003)
SC-SB-03	Sem informação	Wendolino Petri	Lítico	De Masi (2003)
SC-PEST-29	Sem informação	Martino Rohling	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976) <sup>30</sup>
SC-PEST-30	Sem informação	Gabriel Boehs	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-31	Sem informação	Augustinho Nack	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-32	Sem informação	Adelino Mayer	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-33	Sem informação	Itília Küel Heinzl	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-34	Sem informação	Baldoino Defraing	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-35	Sem informação	Alfredo Petersen	Mancha escura	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-36	Sem informação	Silvestre Schneider	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-37	Sem informação	Lino Wener	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-38	Sem informação	Teobaldo Ern	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-39	Sem informação	Guilherme Berkenbrock	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-40	Sem informação	João Rohling	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-41	Sem informação	Armando Petry	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-42	Sem informação	Armando Petry	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-43	Sem informação	Alberto Rohling	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-44	Sem informação	Alberto Rohling	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-45	Sem informação	Marcos Shnem	Mancha escura com lítico e cerâmica	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-46	Sem informação	Marcos Shnem	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-47	Sem informação	Marcos Shnem	Mancha escura, montículos com cerâmica	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-48	Sem informação	Simão Buss	Montículos	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-57	Sem informação	Evaldo Westphal	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

<sup>30</sup> Eble e Reis (1976 *apud* Farias, 2005).

Os assentamentos líticos apresentavam-se nas várzeas ou elevações suaves, por não estarem associados a nenhum outro vestígio arqueológico, Eble e Reis, consideraram os sítios arqueológicos ligados a um modelo caçador-coletor de nomadismo sazonal (FARIAS, 2005).

Já os demais sítios foram encontrados próximos a cursos d'água que não ultrapassaram de 600 metros de distância. As manchas escuras no solo e os montículos apresentaram formas circulares ou elipsóides (FARIAS, 2005).

Segundo Farias (2005) na década de 1860 os índios que habitavam o centro de São Bonifácio, deslocaram-se para onde hoje estão localizados três sítios arqueológicos: o SC-PEST-40, SC-PEST-41 e SC-PEST-42. Esta área, território histórico dos Xokleng, apresentou vestígios da Tradição Umbu. Para a pesquisadora existe uma associação tanto espacial quanto social entre os grupos ceramistas e os caçadores-coletores, cujos vestígios da cultura material foram identificados nos sítios.

### 3.1.9 Município de São Martinho

Ao todo são 25 sítios arqueológicos cadastrados em São Martinho, apenas 2 possuem coordenadas UTM. A grande maioria caracteriza-se pelas pontas de projétil e lascas, ao todo são 10 sítios. Foi possível identificar mais 6 sítios, sendo que 3 possuem apenas uma mancha escura de formato circular no solo, e mais 3 estão associados a líticos dispersos. Também ocorre a presença de 3 sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani<sup>31</sup> que não é comum na encosta sul catarinense; desses, 2 sítios apresentam cerâmicas e material lítico e somente 1 com cerâmica. De Masi (2003), mapeou mais 4 sítios como cerâmicos, porém, não sabemos se estão ligados culturalmente aos Jê ou Guarani. Identificamos ainda, 1 sítio cadastrado por Eble e Reis (1976) que não possui descrição do material encontrado (Tabela 9).

Tabela 9 - Sítios arqueológicos mapeados no município de São Martinho

Sítio	Coordenadas	Proprietário	Material	Pesquisador
-------	-------------	--------------	----------	-------------

<sup>31</sup> Datação de C<sup>14</sup>(AMS – Beta 181365) para o sítio SC-SM-05, Tupi-Guarani é de 505 a 305 (Cal AP). Nas escavações realizadas neste mesmo sítio foi encontrado restos de alimentação, caracterizados por ossos de animais carbonizados, a análise zooarqueológica permitiu identificar dois animais: a paca e o bugio (DE MASI, 2003).

	UTM		Associado	
SC-São Martinho-01	22J 06878915/0700253	Guido Michels	Pequenas lascas, artefatos brutos, raspadores, pontas de projétil, lâminas de machado e mãos de pilão em superfície	Farias (2005)
SC-São Martinho-02	22J 06878000/0698115	Leopoldo Rocha	Lascas de quartzo e calcedônia e fragmentos de cerâmicos de Tradição Tupiguarani	Farias (2005)
SC-SM-01	Sem informação	José Wienes	Lascas de quartzo	De Masi (2003)
SC-SM-02	Sem informação	Wolnei Eing	Cerâmica Tupi- Guarani, lascas de produção de bifaces e lascas	De Masi (2003)
SC-SM-03	Sem informação	Ivo Bonifácio Nack	Cerâmica	De Masi (2003)
SC-SM-04	Sem informação	Nelson Wienes	Cerâmica	De Masi (2003)
SC-SM-05	Sem informação	Ademar João Sehnen	Cerâmica	De Masi (2003)
SC-SM-06	Sem informação	Sebastião Preis	Pontas de projétil	De Masi (2003)
SC-SM-07	Sem informação	Bruno Mathias Erhardt	Lascas e pontas de projétil	De Masi (2003)
SC-SM-08	Sem informação	Pedro Steiner	Cerâmica Guarani	De Masi (2003)
SC-SM-09	Sem informação	Pedro Steiner	Lítico	De Masi (2003)
SC-SM-10	Sem informação	Sem identificação	Lítico	De Masi (2003)
SC-SM-11	Sem informação	Sem identificação	Lítico	De Masi (2003)
SC-SM-12	Sem informação	Ostvin Winz	Cerâmica	De Masi (2003)
SC-SM-13	Sem informação	Sem identificação	Lítico fragmento de lâmina de machado	De Masi (2003)
SC-SM-14	Sem informação	Salvador Santos	Lítico	De Masi (2003)
SC-SM-15	Sem informação	Sem identificação	Lítico	De Masi (2003)
SC-SM-16	Sem informação	Sem identificação	Lítico	De Masi (2003)
SC-PEST-49	Sem informação	Fredolino Preuss	Mancha escura	Eble e Reis (1976)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-PEST-50	Sem informação	Simão Sehe	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-51	Sem informação	José Hoerps	Mancha escura	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-52	Sem informação	Luiz Helmann	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-53	Sem informação	José Prech	Mancha escura com lítico	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-54	Sem informação	Balduino Feuser	Sem Material	Eble e Reis (1976)
SC-PEST-55	Sem informação	Hogo Berkambrock	Mancha escura	Eble e Reis (1976)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

De Masi (2003) analisou um total de 903 artefatos líticos, destes 92,3% foram considerados lascas, e outros tipos são menos representativos como fragmento de pontas de projétil (2,6%); pré-formas (1,2%); fragmentos pré-formas (1,2%); machado polido (0,1%); núcleos (0,8%); fragmentos de núcleos (0,4%); lascas de redução de biface (0,3%); lascas com retoque unifacial (0,1%); lascas com retoque denticulado (0,1%); fragmentos (0,1%).

As matérias-primas mais utilizadas foram: o quartzo leitoso com 49%; e a sílica microcristalina com 44,7%. O restante dividiu-se em quartzitos 3,3% e basaltóides 3,0%. O quartzo e sílica microcristalina são provenientes dos veios de quartzos muito comuns nos granitóides do embasamento cristalino típicos da área de estudo.

As indústria lítica caracterizou-se pela produção de lascas de quartzo leitoso com tamanhos entre 2 e 0,5 cm (Figura 11 e 12).



Figura 11- Lascas completas confeccionadas em quartzo  
Fonte: De Masi (2003).



Figura 12- Pontas de projétil e pré-formas confeccionadas em quartzo  
Fonte: De Masi (2003).

A datação obtida para os sítios Tupi-Guarani foi de Cal AD 1445 a 1645. Dos 516 cacos analisados, 248 são provenientes das coletas de superfície e 292 da sondagem (DE MASI, 2003).

Nas coletas de superfície e nas sondagens os cacos pintados caracterizaram a maioria das peças. Quase todos os cacos pintados internamente e externamente apresentaram a cor vermelha. Alguns com pintura interna evidenciaram linhas vermelhas sobre engobo branco, com parte interna do lábio pintada de vermelho (DE MASI, 2003) (Figura 13 e 14).



Figura 13: Fragmentos de bordas com decoração plástica corrugado-ungulado  
Fonte: De Masi (2003).



Figura 14: Fragmentos com pintura interna engobo branco, vermelho e vermelho sobre engobo branco  
Fonte: De Masi (2003).

Os fragmentos de cerâmica lisos predominaram nas coletas de superfície tendo como secundários, os corrugados ungulados seguidos pelos ungulados. Nas sondagens a impressão externa mais comum foi o corrugado ungulado seguido pelos lisos, ungulados, reticulados e escovados. O reticulado pode ter sido de origem Jê, indicando possivelmente o contato com outros grupos (DE MASI, 2003).

Nas coletas de superfície a maioria dos fragmentos corresponderam a parte do corpo dos vasilhames. Nas sondagens o predomínio de fragmentos de partes do corpo de vasilhames também ocorreu em todos os níveis estratigráficos, sendo que fragmentos de bordas são secundários (DE MASI, 2003).

As panelas reconstruídas apresentaram os seguintes tipos: caçarola para cozimento (Naetá) (2); tigelas para beber, pintadas interna e externamente (Cambuchí Caaguâba) (2); e jarra para guardar líquido (Cambuchí) (DE MASI, 2003).

### 3.1.10 Município de Santa Rosa de Lima

Os 3 sítios mapeados em Santa Rosa de Lima caracterizam-se pela presença de líticos associados a manchas escuras no solo. Estão implantados no topo da colina numa área plana, com altitude variando entre 230 a 280 metros, possuem uma área estimada de 600<sup>2</sup> a 900<sup>2</sup> metros (Tabela 10).

Tabela 10 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Santa Rosa de Lima

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material associado	Pesquisador
Santa Rosa de Lima 1	22J 0682113/6891645	Danilo Felghaus	Mancha escura associada a lascas, núcleos e pontas de projétil	Lavina (2003)
Santa Rosa de Lima 2	22J 0682000/6891704	Danilo Felghaus	Mancha escura associada a lascas, núcleos e pontas de projétil	Lavina (2003)
Santa Rosa de Lima 3	22J 0682110/6892270	José Heidemann	Mancha escura associada a lascas, núcleos e pontas de projétil	Lavina (2003)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Os sítios arqueológicos mapeados e posteriormente escavados em Santa Rosa de Lima estão associados à Tradição Umbu. Apesar de poucos sítios cadastrados, esses 3 apresentaram uma grande densidade de material arqueológico que foi analisado por Farias e Claudino (2009). Juntos, contabilizaram 16.619 peças líticas. Os resultados da análise lítica demonstraram que a técnica priorizada foi o lascamento bipolar, associada ao quartzo. A ausência de percutores duros infere na possibilidade dos grupos terem utilizado batedores de osso ou madeira. Uma outra hipótese é o fato dos núcleos estarem praticamente todos descorticados e de não haver quase lascas primárias, indicando que o lascamento inicial ocorreu num outro local fora do sítio, isso também explicaria a falta de percutores em pedra, uma vez que as peças se encontraram quase sempre no processo final de confecção de artefatos (FARIAS; CLAUDINO, 2009).

### **3.1.11 Município de Rio Fortuna**

O último município averiguado, Rio Fortuna, contabilizou 54 sítios arqueológicos mapeados. Quase sempre, os proprietários guardam consigo algum artefato lítico ou pequenas coleções; as preferidas são as pontas de flechas que chamam a atenção pelo formato e cor, já que a maioria encontrada é confeccionada em quartzo.

O que mais impressiona nesta região, principalmente na comunidade do Rio Facão é a quantidade de manchas, geralmente de formato elipsoidal ou circular. Estão próximas umas das outras, na maioria das vezes, associada a materiais líticos lascados em quartzo e calcedônia; ocorre também material polido em menor quantidade.

O mapeamento desses sítios equivaleu ao conjunto de manchas ou ao material lítico disperso em superfície mais ou menos próxima. Assim, um sítio foi caracterizado pelo entorno e não individualmente. Há casos, como poderemos ver no Mapa 3, de sítios compostos por apenas uma mancha ou pela concentração de material lítico; isso ocorreu porque em suas proximidades não foram encontrados outros vestígios arqueológicos (FARIAS – comunicação pessoal, 2010).

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS  
Daniela da Costa Claudino

**Mapa de localização dos sítios mapeados pela equipe do GRUPEP - Arqueologia no município de Rio Fortuna Estado de Santa Catarina.**

Os sítios que se encontram neste mapa foram mapeados em prospeções realizadas em função do projeto AIMA.

Elaborado por: Raul Viana Novasco  
Tubarão, 2010

**Legenda de sítios**

● SC-RFT-01	● SC-RFT-09	● SC-RFT-24	● SC-RFT-36	● SC-RFT-44
● SC-RFT-02	● SC-RFT-11	● SC-RFT-25	● SC-RFT-37	● SC-RFT-45
● SC-RFT-03	● SC-RFT-12	● SC-RFT-26	● SC-RFT-38	● SC-RFT-46
● SC-RFT-04	● SC-RFT-13	● SC-RFT-27	● SC-RFT-39	● SC-RFT-52
● SC-RFT-05	● SC-RFT-14	● SC-RFT-28	● SC-RFT-40	● SC-RFT-53
● SC-RFT-06	● SC-RFT-15	● SC-RFT-29	● SC-RFT-41	
● SC-RFT-07	● SC-RFT-21	● SC-RFT-30	● SC-RFT-42	
● SC-RFT-08	● SC-RFT-22	● SC-RFT-31	● SC-RFT-43	

**Convenções cartográficas**

- Curvas de nível (20 metros)
- Hidrografia
- ▨ Municípios de Braço do Norte e Grão Pará

**Fontes**

Base hidrográfica digitalizada a partir das cartas topográficas 1:50.000 DSC/IBGE.

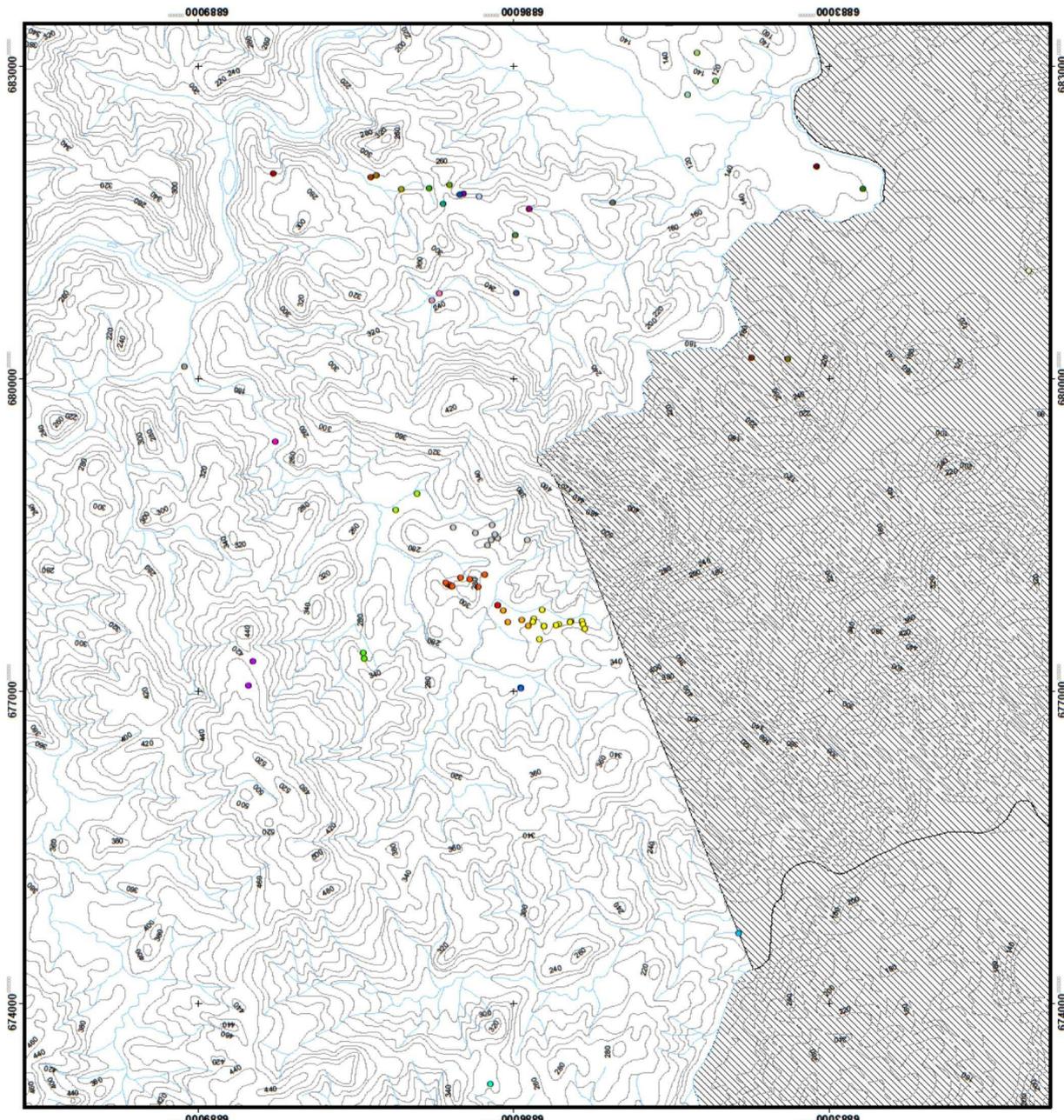
Base hipsométrica digitalizada a partir das cartas topográficas 1:50.000 DSC/IBGE.

Projeção Universal Transversa de Mercator  
Escala 1:25.000

Origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr.  
Acréscidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.

0 1.240 1.480 2.480  
Meters

Datum horizontal: WGS 84



Mapa 3 - Localização dos sítios arqueológicos mapeados pela equipe do GRUPEP-Arqueologia no município de Rio Fortuna Estado de Santa Catarina

É possível identificar três tipos de sítios arqueológicos nesta região, os com apenas líticos dispersos em superfície e sem pacote estratigráfico; com manchas escuras no terreno e sem presença de líticos; e os que possuem líticos e mancha escura no solo (PERIN, 2007). Desde o início do projeto AMA até o presente momento nunca foi encontrada cerâmica, mas, há relatos orais de sua ocorrência.

Na tabela abaixo podemos verificar os sítios arqueológicos<sup>32</sup> cadastrados com suas respectivas descrições. Dentre eles, há dois que estão sendo pesquisados com mais cuidado o SC-RFT-01 e o SC-RFT-02 (Tabela 11). Além disso, também é possível visualizar no mapa 3 a disposição dos sítios arqueológicos mapeados pelo projeto AMA em Rio Fortuna-SC.

Tabela 11 - Sítios arqueológicos mapeados no município de Rio Fortuna

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-RFT-01	Mancha 1 - 22J 0678521/6886365	Paulo Bloemer	Carvão, lascas, pontas de projétil em quartzo	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 2 - 22J 0678404/6886249	Paulo Bloemer	Carvão, lascas, pontas de projétil e artefatos polidos	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 3 - 22J 0678452/6886213	Paulo Bloemer	Carvão, lascas, pontas de projétil e artefatos polidos	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 4 - 22J 0678471/6886152	Paulo Bloemer	Carvão, lascas, pontas de projétil e artefatos polidos	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 5 - 22J 0678508/6886175	Paulo Bloemer	Carvão e artefato polido	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 6 - 22J 0678599/6886205	Paulo Bloemer	Carvão e lascas em quartzo	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 7 - 22J 0678455/6885867	Paulo Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-01	Mancha 8 - 22J 0678574/6886578	Paulo Bloemer	Lascas e artefatos polidos	Farias (2009)
SC-RFT-02	Mancha 1 - 22J 0677828/6886155	Marli Bloemer	Lascas, pontas de projétil em quartzo	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 1 - 22J 0678028/6886627	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 2 - 22J 0678025/6886609	Silvino Sipinski	Carvão, lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 3 - 22J 0678010/6886594	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)

continua

<sup>32</sup> Durante o levantamento constatamos que faltam as descrições dos sítios: SC-RFT-15; SC-RFT-16; SC-RFT-17; SC-RFT-18; SC-RFT-19; SC-RFT-20.

continuação

<b>Sítio</b>	<b>Coordenadas UTM</b>	<b>Proprietário</b>	<b>Material Associado</b>	<b>Pesquisador</b>
SC-RFT-03	Mancha 4 - 22J 0678010/6886587	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 5 - 22J 0678044/6886648	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 6 - 22J 0678003/6886341	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 7 - 22J 0678093/6886509	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 8 - 22J 0678077/6886413	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-03	Mancha 9 - 22J 0678120/6886275	Silvino Sipinski	Carvão e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-04	Mancha 1 - 22J 0677828/6886155	Fernando Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-04	Mancha 2 - 22J 0677686/6885921	Fernando Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-04	Mancha 3 - 22J 0677777/6886097	Fernando Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-04	Mancha 4 - 22J 0677665/6886057	Fernando Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-04	Mancha 5 - 22J 0677630/6885864	Fernando Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 1 - 22J 0677676/6885349	Lauro Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 2 - 22J 0677646/6885341	Lauro Bloemer	Carvão e lascas em quartzo	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 3 - 22J 0677601/6885326	Lauro Bloemer	Carvão e líticos	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 4 - 22J 0677675/6885452	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 5 - 22J 677666/6885464	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 6 - 22J 677647/6885567	Lauro Bloemer	Carvão e líticos	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 7 - 22J 677635/6885600	Lauro Bloemer	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 8 - 22J 677784/6885730	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 9 - 22J 677697/6885807	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 10 - 22J 677669/6885818	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 11 - 22J 677627/6885715	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 12 - 22J 677627/6885715	Lauro Bloemer	Carvão e líticos	Farias (2009)
SC-RFT-05	Mancha 13 - 22J 677500/6885757	Lauro Bloemer	Carvão	Farias (2009)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-RFT-06	Mancha 1 - 22J 0678897/6886916	Salésio Kulkamp	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-06	Mancha 2 - 22J 0678743/6887123	Salésio Kulkamp	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-07	Manha 1 - 22J 0677316/6887421	Agostinho Dusman	Carvão	Farias (2009)
SC-RFT-07	Manha 2 - 22J 0677372/6887434	Agostinho Dusman	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-08	Mancha 1 - 22J 0673232/6886223	Lourenço Gil	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-09	22J 0674673/6883860	Zeferino Dacorégio	Material lítico sem mancha	Farias (2009)
SC-RFT-10	Mancha 1 - 22J 0675367/6884503	Jaime Kons	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-11	Mancha 1 - 22J 0677036/6885934	Damião Sipinski	Carvão e material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-11	Mancha 2 – Sem informação	Damião Sipinski	Carvão, material lítico e três marcas de estaca	Farias (2009)
SC-RFT-12	Mancha 1 - 22J 0677056/6888527	Elias Dusman	Carvão, lascas e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-12	Mancha 2 - 2J 0677288/6888485	Elias Dusman	Carvão, lascas e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-13	Mancha 1 - 22J 0679398/6888271	Julita Becker	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-14	Mancha 1 - 22J 0680118/6889137	Luiz Boing	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-15	Mancha 1 - 22J 0677243/6885890	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-16	Mancha 1 - 22J 0677224/6886058	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-17	Mancha 1 - 22J 0677259/6886279	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-18	Mancha 1 - 22J 0677109/6886348	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-19	Mancha 1 - 22J 0676921/6886267	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-20	Mancha 1 - 22J 0676931/6886280	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)
SC-RFT-21	22J 0681970/6888289	Zilda Feldhaus	Lascas e Núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-22	22J 0681936/6887360	Zilda Feldhaus	Líticos dispersos em superfície	Farias (2009)
SC-RFT-23	22J 0681952/6887308	Zilda Feldhaus	Líticos dispersos em superfície e profundidade	Farias (2009)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-RFT-24	22J 0681821/6887067	Não identificado	Casa subterrânea associado a núcleos, pontas de projétil e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-25	22J 0681862/6886609	Não identificado	Lascas, núcleos e ponta de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-26	22J 0681830/6886800	Não identificado	Lascas, núcleos e bifacies	Farias (2009)
SC-RFT-27	22J 681680/6886669	Não identificado	Lascas, e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-28	22J 0681768/6886515	Não identificado	Lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-29	22J 0681777/6886477	Não identificado	Lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-30	22J 0681630/6885854	Não identificado	Pontas de projétil e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-31	22J 0681689/6885058	Leontino Wiggers	Pontas de projétil e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-32	22J 0680448/6878334	Jânio Michels	Pontas de projétil e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-33	22J 0680521/6878043	Não identificado	Pontas de projétil e lascas	Farias (2009)
SC-RFT-34	22J 0680375/6877892	Não identificado	Lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-35	22J 0680727/6875156	Lorena Burguever	Lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-36	22J 0680752/6886781	Hervino Duesman	Lascas, núcleos e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-37	22J 0680822/6886707	Hervino Duesman	Lascas, núcleos e pré-formas	Farias (2009)
SC-RFT-38	22J 0680825/6885978	Danilo Augusto Boeing	Lascas, núcleos, pré-formas e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-39	22J 0681381/6885983	Não identificado	Lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-40	22J 0682726/6884340	Não identificado	Lascas, núcleos e ponta de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-41	22J 0682858/6884076	Não identificado	Lascas, e ponta de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-42	22J 0683129/6884257	Roseli Schoten Liuckman	Lascas, núcleo, pré-forma e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-43	22J 0680203/6883740	Hamilton May	Lascas, núcleo, pré-forma e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-44	22J 0680192/6883393	Hamilton May	Lascas, núcleos, pré-forma	Farias (2009)
SC-RFT-45	22J 0682037/6883117	Bertoline	Lascas, núcleos e pré-forma	Farias (2009)

continua

continuação

Sítio	Coordenadas UTM	Proprietário	Material Associado	Pesquisador
SC-RFT-46	22J 0681824/6882677	Noemia Michels Schmuller	Lascas, núcleos, pré-forma e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-47	22J 0680031/6880282	Simão Tenfen	Lascas, núcleos, pré-forma e pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-48	22J 0680330/6879040	Não identificado	Lascas, e núcleos de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-49	22J 0681295/6879005	Adelino Schweroff	Lascas, núcleos, pontas de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-50	22J 0680281/6877504	Não identificado	Casa subterrânea associada a lascas e núcleos	Farias (2009)
SC-RFT-51	22J 0685367/6882101	Não identificado	Lascas, núcleo, ponta de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-52	22J 0681749/6886324	Não identificado	Lascas, núcleo, ponta de projétil	Farias (2009)
SC-RFT-53	22J 0681037/6881095	Não identificado	Casa subterrânea	Farias (2009)
SC-RFT-54	Mancha 1 - 22J 0676891/6885980	Damião Sipinski	Material lítico	Farias (2009)

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

O SC-RFT-01 é composto por oito manchas escuras associadas a material lítico confeccionado principalmente em quartzo. Sua implantação dá-se em área de média vertente, encontra-se a 251 metros do Rio Facão e está bastante impactado pela agricultura. As intervenções realizadas até o momento foram: coleta de líticos em superfície, abertura de poços testes para a retirada de amostras de carvão<sup>33</sup> para datação em C14 que apresentou uma data de Cal BP 1180 a 970 – Beta-235320 (Figura 15 e 16) (Mapa 3).

<sup>33</sup> Este sítio foi mapeado em 2005, nesta época foram cadastradas 11 manchas, porém, as atividades agrícolas acabaram destruindo essas estruturas. Em julho de 2009, voltamos a esta área com o intuito de realizar novas ações, porém não encontramos as onze, restando apenas oito manchas.



Figura 15 - Na mancha 1 do sítio SC-RFT-01 é possível verificar em destaque, evidenciar os materiais líticos em quartzo (vermelho) espalhados pela mancha (azul).  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 16 - Mancha 7 do sítio SC-RFT-01 datada em C14, possui coloração cinza escura  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

A coleção lítica é formada 1524 peças<sup>34</sup>. A análise tecno-tipológica demonstrou que 68% dos líticos correspondem a lascas bipolares, 15% detritos, 4% núcleos, 3% blocos naturais e lascas bipolares, 2% fragmentos de artefatos e artefatos polidos e 1% artefatos bifaciais, brutos e termóferos (Gráfico 2) (FARIAS, 2008).

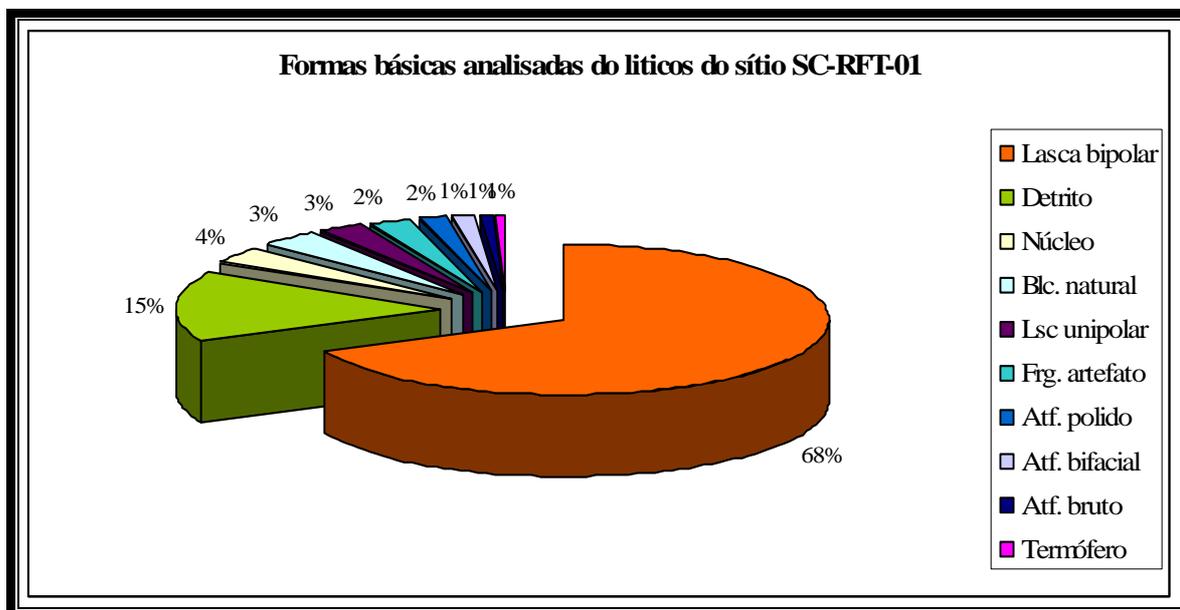


Gráfico 2 - Formas básicas do material lítico coletado em superfície do sítio SC-RFT-01  
Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar dos artefatos bifaciais estarem representados por apenas 1%, são caracterizados principalmente pelas pontas de projétil. A grande representatividade de lascas indica uma atividade mais ou menos intensa na área, já que a matéria-prima predominante é o quartzo leitoso, mais de 90% de todo material analisado. Em geral é um quartzo bastante quebradiço e intemperizado. No mapeamento deste sítio encontramos um afloramento de quartzo próximo à mancha seis.

Em relação aos artefatos polidos, há presença de poucas lâminas de machado e mãos-de-pilão em diabásio oxidado. Os artefatos brutos são pouco abundantes no sítio. Isso pode estar relacionado com o uso de madeiras, ossos e/ou outros materiais para a confecção de seus utensílios; a acidez do solo e o clima subtropical podem ter provocado a destruição de tais vestígios. A presença de pontas de projétil caracterizada pela Tradição Umbu é atribuída à ocupação de caçadores-coletores. Mas não se descarta a hipótese da confecção desses materiais pelos Xokleng (FARIAS, 2008).

<sup>34</sup> Este material foi analisado por mim e por Fabrícia Machado Fernandes sob orientação de Deisi Scunderlick Eloy de Farias.

Enquanto no sítio SC-RFT-01 foram realizadas intervenções esporádicas. No SC RFT-11, cuja datação em C14 equivale a 920 a 730 BP – calibrada, Beta-242801 - está sendo escavado efetivamente. Está implantado na média vertente, distante a 593 metros do Rio Facão, encontra-se em área de pastagem. Mapearam-se duas manchas escuras, próximas uma da outra, e por ser um local que nunca havia sido arado, decidiu-se escavá-lo (FARIAS, 2009).

A metodologia utilizada foi a decapagem em níveis artificiais de 10 cm. Ao encontrar estruturas significativas, o local era decapado em níveis naturais. O sítio foi escavado do centro para a periferia, essa estratégia demonstrou um padrão onde as estruturas de combustão estão no centro da mancha, sendo que na periferia foi observada a presença de pequenas lascas de retoque em quartzo (FARIAS, 2009) (Figura 17 e 18).

Na mancha 1, observamos uma estrutura de combustão que já havia sido evidenciada com a abertura da trincheira, feita durante a primeira etapa. Essa estrutura de combustão apresentou material lítico grosseiro, utilizado para delimitar a área de fogueira, muito carvão e nenhum vestígio arqueofaunístico. Na mancha 2 repetiu-se a estrutura de combustão no centro da mancha, além disso, verificamos três marcas de estacas nas extremidades da mancha. O material arqueológico evidenciado foi composto por lítico, carvão e algumas sementes. O material lítico apresentou-se pouco trabalhado, sendo algumas peças parcamente lascadas. Essas peças estão sendo higienizadas em laboratório, para posterior análise (FARIAS, 2009, p. 46).



Figura 17 - Abertura da segunda etapa de escavação do sítio SC-RF-11  
Fonte: Farias (2009).



Figura 18 - Carvão evidenciado na mancha 1 do sítio SC-RFT-11  
Fonte: Farias (2009).

Realizamos um exercício com auxílio do programa *ArcGis 9.3* para verificar as distâncias entre a mancha 1 do SC-RFT-11 e as manchas do SC-RFT-01. A distância máxima entre sítios é de aproximadamente 1 700 metros. As manchas do SC-RFT-01 estão muito próximas, não ultrapassam 200 metros. Já a menor distância foi verificada entre a mancha 1 do SC-RFT-11 e a mancha 2 do SC-RFT-01, cerca de 1 403 metros. Podemos perceber que a área de estudo possui uma grande densidade de sítios. Isso corrobora com a idéia de estabilidade territorial (FARIAS, 2005).

### 3.2 DISCUSSÃO

Os dados apresentados neste capítulo permitem-nos realizar algumas considerações quanto à ocupação pré-histórica da encosta sul catarinense.

Dos 216 sítios identificados, 62% correspondem a líticos; 23% a líticos com manchas escuras no solo; 6% a somente manchas escuras no solo e sem estruturas aparentes; 4,3% a casas subterrâneas; 1,6% a sítios cerâmicos; 1,1% a cerâmicos guarani; 0,8% a abrigos sob rocha; 0,4% a montículos, manchas com lítico e cerâmica, e manchas com montículo e cerâmica.

Partindo dos dados acima podemos observar que a encosta sul foi mais ocupada por grupos caçadores representados pelos sítios líticos com ou sem manchas escuras no solo, do que por grupos ceramistas.

Os assentamentos estão implantados a céu aberto, geralmente em média vertente de suaves ondulações, próximo a recursos hídricos. A vegetação predominante é a Floresta Ombrófila Densa, mas também há ocorrências de Floresta Ombrófila Mista. Esses sítios encontram-se numa altitude que varia de 200 a 500 metros, salvo algumas exceções como os sítios líticos mapeados por Dias (2007) em Tubarão.

Os sítios superficiais (líticos) são caracterizados por lascas, detritos e artefatos bifaciais, os mais frequentes dos quais são as pontas de projétil. Sem dúvida a tecnologia utilizada é a Umbu que, aliás, não foi somente encontrada em sítios líticos, há também casas subterrâneas associadas a lascas e pontas de projétil.

Beber (2005) em sua tese de doutorado propôs um sistema de assentamento para os grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro. Para ele, as casas subterrâneas<sup>35</sup>, abrigos, montículos, áreas entaipadas e aldeias a céu aberto fariam parte de uma mesma tradição, identificada como cerâmica Taquara\Itararé, ocorrente desde o litoral atlântico até os planaltos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Esta mesma tradição estaria relacionada às populações humanas descritas como Kaingang. Quanto à funcionalidade, as casas subterrâneas seriam áreas domésticas, da mesma forma que os sítios lito-cerâmicos. Os montículos cercados de taipas e as grutas seriam os espaços funerários. No que se refere à cronologia, a ocupação foi considerada duradoura, desde pelos menos o ano 1.000 de nossa era (BEBER, 2005).

Apesar de também termos identificado na bibliografia sítios arqueológicos semelhantes aos que Beber (2005) descreveu e entendeu como parte de um mesmo sistema de assentamento para o Planalto-sul-brasileiro, não podemos considerar estes encontrados na encosta da mesma forma, pois a quantidade de sítios é muito pequena, geralmente estão muito distanciados entre si e não existem pesquisas relacionadas a casas subterrâneas e aos demais sítios que poderiam estar ligados a elas.

O que nos intriga é que a região em estudo, no período histórico, foi território dos Xokleng, não dos Kaingang. As casas subterrâneas, montículos, abrigos estariam relacionados a que população?

As pesquisas realizadas por Schmitz e equipe (2009) no Vale do Rio Itajaí do Oeste não respondem necessariamente essas questões, mas nos fazem refletir sobre as interconexões culturais. Nesta pesquisa acadêmica foram mapeados sítios líticos da tradição Umbu com as mesmas características dos sítios levantados na encosta sul. A diferença entre eles? Como já observamos neste capítulo, os sítios líticos da encosta sul estão em superfície e as datas variam entre 1180 a 700 A.P., enquanto que os sítios líticos da encosta norte estão enterrados entre 0,40 cm e 1 metro de profundidade e as datações estão em 8.000 e 4.000 anos atrás.

Junto ao grupo de sítios líticos a céu aberto identificados na encosta norte também aparecem casas subterrâneas sem cerâmica, com presença de ponta de projétil em uma das casas. Essas possuem pisos extremamente rebaixados com bordas niveladas. As datas equivalem a 1.200 a 1.400 anos atrás. O material lítico encontrado nos fogões, nas casas subterrâneas e em seus arredores, é bem menos abundante que nos sítios a céu aberto, mas possui a mesma técnica de confecção, a tecnologia Umbu (SCHMITZ et al., 2009).

---

<sup>35</sup> Ver também Schmitz (2002); Copé e Saldanha (2002); Corteletti (2008).

Segundo Schmitz et al. (2009), todos estes dados da encosta norte de Santa Catarina sugerem que os grupos que vem sendo chamados de antepassados do Jê Meridional facilmente se associavam com populações de outras culturas ou tradições tecnológicas, que viviam no mesmo território e com os quais entravam em contato.

Na encosta sul catarinense não há até o momento datações para as casas subterrâneas. Apesar de as informações serem incipientes, podemos pensar numa certa conexão entre as casas e os sítios líticos. Ou ainda, de que a tecnologia ou tradição Umbu foi comum a vários grupos pré-históricos e não apenas a caçadores-coletores.

Quanto aos sítios Guarani<sup>36</sup> encontrados por De Masi (2003) correspondem ao período da colonização européia no litoral catarinense. Provavelmente, essas populações, pressionadas pela ação colonizadora, foram para o interior (encosta) em busca de refúgio.

Podemos definitivamente afirmar que a ocupação desta região, em períodos pretéritos, não se deu de forma tão esporádica e homogênea como pensavam pesquisadores alguns anos atrás. Pelo contrário, as informações demonstram uma heterogeneidade de sítios e também de populações (caçadoras coletoras, Jê e Guarani).

O quarto capítulo caracterizará a cultura material e imaterial dos Xokleng, grupo documentado historicamente em relatos escritos e orais. Esta descrição será feita a partir de fontes históricas (primária e secundária). Apresentaremos as entrevistas realizadas com os moradores das comunidades pesquisadas, e também, os sítios arqueológicos mapeados a partir de indicações dos próprios entrevistados.

---

<sup>36</sup> Para um maior aprofundamento sobre as pesquisas arqueológicas dos grupos Guarani no sul do Brasil ver os trabalhos de: Milheira (2008); Schmitz e Sandrin (2009); Schmitz (1991).

## 4 OS XOKLENG SEGUNDO AS FONTES ESCRITAS E ORAIS

Este capítulo é composto por um conjunto de fontes escritas e orais que versam sobre os Xokleng no período de contato com os imigrantes europeus em Santa Catarina. Como já ressaltamos em capítulos anteriores, a área de pesquisa dessa dissertação, as comunidades de Rio Facão, Rio dos Bugres e Rio Chapéu no município de Rio Fortuna são consideradas território histórico Xokleng. Por isso, tentamos reunir o máximo de informações sobre a cultura material e imaterial dessa etnia. Traçamos um histórico da ocupação e do contato trágico entre índios Xokleng e colonos no interior catarinense. Também apresentamos os dados de uma pesquisa realizada na Cúria Diocesana de Tubarão, que demonstra os batismos e até adoções de crianças indígenas em Orleans, Tubarão e Nova Veneza.

Exibiremos 8 entrevistas realizadas no mês de julho de 2009 com os moradores das comunidades pesquisadas. Nelas destacaremos a versão dos moradores em relação ao contato entre índios e colonos, a cultura material Xokleng e se os moradores associam os sítios arqueológicos identificados em suas propriedades aos Xokleng.

Por fim, discutiremos os dados apresentados ao longo deste capítulo.

### 4.1 OS XOKLENG SEGUNDO AS FONTES ESCRITAS

Os Xokleng pertencem ao tronco lingüístico Macro-Jê, da família Jê. Segundo Urban (1992) toda rede de línguas filiadas ao tronco Macro-Jê concentraram-se na parte oriental e central do planalto brasileiro. A primeira separação teria ocorrido com os Jê meridionais - Kaingang e Xokleng<sup>37</sup>. Estes teriam iniciado sua migração em direção ao sul há aproximadamente 3 mil anos. Não se tem ideia por que migraram<sup>38</sup> e quando teriam chegado ao sul do Brasil.

---

<sup>37</sup>Noelli propõe que os Xokleng e Kaingáng seriam “integrantes do conjunto multicultural que define os povos Jê do Brasil Central”. Para ele, apesar dos registros arqueológicos terem apresentado diferenças significativas que questionem os elementos que distinguem os povos Guarani, Charrua, Minuano, Kaingáng e Xokleng, existe a possibilidade de detectar no futuro evidências materiais que revelem distintas etnicidades, verificadas historicamente em nível lingüístico, biológico antropológico e sociológico (VIEIRA, 2004, p.15).

<sup>38</sup>Quanto ao motivo da migração, alguns pesquisadores a relacionam a uma drástica mudança ambiental ou a um enorme aumento populacional.

A população Xokleng ao longo de sua história foi identificada por outras designações, dentre elas destacam-se: Bugre<sup>39</sup>, Botocudo, Aweikoma, Xocrén e Kaingang. No entanto, nenhum desses termos possui fundamento na autodenominação do grupo, pelo contrário, foram denominações feitas pelos europeus. Santos (1973) observa que:

O termo Bugre é usado no sul do Brasil para designar indistintamente qualquer índio. Sua aplicação tem conotação pejorativa, pois encerra as noções de “selvagem” e “inimigo”. Botocudo, outra designação dos Xokleng, foi termo decorrente da utilização de enfeite labial – tembetá – por parte também encerra conotações negativas (...). Aweikoma, surgido na literatura etnológica a partir de uma comunicação realizada por Von Ihering, em 1910 (...). Xocren significa taipa de pedra, da mesma maneira que Xokleng. Finalmente, o termo Kaingang, utilizado por Henry (1941) para designar os Xokleng significa apenas “homem”, qualquer homem (SANTOS, 1973, p. 30-31).

É importante ressaltar que os índios Xokleng<sup>40</sup> que residem no Estado de Santa Catarina, atualmente autodenominam-se Laklanõ que significa “povo ligeiro” ou “povo que conhece todos os caminhos” (D’ANGELIS, 2003; SANTOS, 2003; WICK, 2001). No entanto, continuaremos a utilizar neste trabalho o termo Xokleng. Compreendemos essa designação como a mais segura, pois permite o reconhecimento direto dessa população pela comunidade científica.

Santos (1973; 1997) afirma que o território Xokleng não tinha contornos bem definidos, pois mantinham uma disputa territorial com os Guarani e Kaingang. Mas, este mesmo autor os localizava entre o litoral e o planalto. Ao norte, chegavam até a altura de Paranaguá; ao sul, até as proximidades de Porto Alegre; ao noroeste, dominavam as florestas que chegavam até o rio Iguaçu e aos campos de Palmas.

Para Boiteux (1912) o território Xokleng correspondia a toda a região localizada entre as encostas marítimas da Serra do Mar até o Rio Timbó, nas bacias hidrográficas dos rios Negro e Iguaçu ao norte da área, e até o Rio do Peixe, na bacia do Rio Pelotas, ao sul.

Em Santa Catarina, Piazza e Hübner (1983) afirmam que o Xokleng se subdividia em três grupos: um ocuparia o alto vale do Itajaí; outro habitaria as cabeceiras do Rio Negro; e o terceiro assentava-se nos vales dos rios Capivari<sup>41</sup> e Tubarão<sup>42</sup>. Dessa forma

<sup>39</sup> Mabilde (1983) explica que a palavra Bugre pode ter se originado a partir de uma interjeição realizada pelos Xokleng quando viram os portugueses pela primeira vez. Teriam dado um grito de alerta, espanto, muito agudo no qual parecia ouvir-se a palavra “pucri”.

<sup>40</sup> Diante de uma convenção estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia, os termos indígenas são grafados somente no singular, como por exemplo, os Xokleng (D’ANGELIS, 2003).

<sup>41</sup> Schaden (1937) relatou que no sul do Estado de Santa Catarina, entre Anitápolis e o Rio Capivari foi identificada à presença de um pequeno grupo de índios Xokleng.

circulavam e exploravam largas faixas do território catarinense sem fixar-se em um único lugar.

Com relação ao porte físico, Kempf (1947, p.26) escreveu que os homens Xokleng eram robustos e altos, já as mulheres tinham estatura baixa. Schaden (1937, p. 25) os relatou da seguinte forma:

(...) estatura baixa e a cor da pele cobre. Os músculos da perna são bem desenvolvidos, principalmente nas mulheres, já que elas carregam, durante as migrações, as crianças, os utensílios da casa e as presas, pois para isso o homem era muito vaidoso ou então, para deixar as mãos livres, a fim de pegar nas armas (...). Nas migrações, os homens vão na frente com as armas em mão e atrás as mulheres e crianças. Eles não fazem um caminho (ou estrada), mas sim, se metem no meio da mata (...) (SCHADEN, 1937, p. 25).

Um dado curioso trazido por Schaden (1937:25) é que os Xokleng tiravam todo o pelo do corpo, com exceção dos cabelos. Como extraíam a sobrancelha, ao ficar fora da floresta, seus olhos inflamavam. Talvez a falta de proteção aliada à claridade e aos raios solares provocasse a enfermidade.

Enquanto Kempf (1947, p. 27) afirma que os Xokleng eram monogâmicos, Paula (1924, p. 125) evidencia a poligamia. No entanto, parece haver consenso entre esses dois autores de que os guerreiros “de acordo com seu valor” poderiam casar-se com duas ou mais mulheres, o mesmo acontecendo com os chefes da tribo.

Os jovens a partir dos 18 anos podiam escolher uma noiva, mas não parente. As mulheres podiam procurar um marido em qualquer grupo de sua tribo (KEMPF, 1947, p. 27).

O matrimônio não era indissolúvel. O homem poderia trocar de mulher quando quisesse. A mulher, enquanto esposa também tinha o direito de separação, mas, raramente isso acontecia. Castigavam o adultério com exclusão da tribo por três ou mais meses (KEMPF, 1947, p. 27).

Os homens utilizavam somente uma cinta, trançada de talas de taquara diversamente coloridas. Na junta da articulação da perna com o pé traziam uma espécie de polaina, igualmente trançada, para que não se ferissem com o mato miúdo. Já as mulheres usavam espécie de tanga (saia) de tecido da cintura até a altura dos joelhos (KEMPF, 1947, p. 29).

---

<sup>42</sup> Kempf (1947) constatou a presença de índios Xokleng nas nascentes do Rio Braço do Norte, afluente do Rio Tubarão.

Diversos grupos formavam uma tribo; viviam separados por alguns dias ou mesmo meses. A cada mês costumavam reunir-se a fim de organizar assaltos às colônias ou então para celebrar festas em comum. Aproximadamente 8 a 10 famílias formavam um grupo com cacique (SCHADEN, 1937, p. 26).

O cacique geralmente era o mais valente e forte. “Alguns dias antes do combate cabe-lhes a tarefa de examinar bem o terreno, distribuir os cargos e dar ordens aos chefes subalternos. Durante a peleja é ele quem comanda as manobras, dando do alto de uma elevação gritos e sinais de lança.” (SCHADEN, 1937, p. 26) “Este chefe, “pahi”, exerce o seu poder enquanto o seu valor como guerreiro destemido e audaz é reconhecido por todos. Em sua ausência os guerreiros mais experimentados e mais corajosos tomam a si o mando, exercendo então maior influência sobre os demais”. Um chefe idoso passava seu poder a um outro guerreiro de qualidades. O mais velho torna-se conselheiro sendo respeitado e venerado por todos (PAULA, 1924, p. 125).

Em casos de desavenças, os Xokleng procuravam decidir os problemas entre si. Primeiro através do diálogo e depois, por meio de duelos. Se um desses fosse morto, os parentes mais próximos do vencido procuravam quase sempre organizar uma represália. Muitas vezes, esse era o motivo que originava a subdivisão da tribo. Conflitos internos provocaram verdadeiras chacinas (PAULA, 1924, p.127).

O nomadismo era uma das características dos Xokleng. Lavina (1994) ressalta que os Xokleng deslocavam-se continuamente, caçando e coletando. Este autor observa que o nomadismo pode ser identificado nos documentos históricos, pois registram um movimento entre o litoral e o planalto que estaria relacionado a características estacionais. Podemos também observar a afirmativa de Lavina num artigo publicado por Robert Gernhard em 1901: “(...) no verão vivem no litoral<sup>43</sup> e durante o período do inverno no planalto. (...). Eles habitam, em números expressivos, os quase intransponíveis morros e se sustentam com frutas silvestres, principalmente do pinhão, da caça e da pesca”.

Henry<sup>44</sup> (1941) assinala que nem sempre os Xokleng foram nômades. O sedentarismo parece ter sido também experimentado pelo grupo antes do contato com os

---

<sup>43</sup> Nos documentos históricos há certa controvérsia em relação ao consumo de peixes. Enquanto Gernhard (1901) afirma que esses grupos pescavam, Schaden (1953, p. 137) escreve que: “É curioso que os Xokleng embora vivendo em território banhado por rios bastante piscosos, não comessem peixe. Atualmente, a pesca lhes fornece parte da alimentação”; e Paula (1924, p. 121) descreve o seguinte: “Facto interessantíssimo é não conhecer a tribo dos botocudos a pesca, mesmo na sua forma mais primitiva, não havendo falta de rios muito piscosos na zona por elles habitada”.

<sup>44</sup> Jules Henry, antropólogo americano, que no início da década de 1930 viveu entre os Xokleng por quase 2 anos. Sua obra “*Jungle People: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil*” é considerada uma das principais referências sobre os Xokleng.

européus, pois em tempos passados moravam em pequenas aldeias cercadas, plantavam milho, feijão e abóbora. Santos (1973, p. 37) acrescenta que: “Nem sempre eles foram habitantes da floresta. Outrora, ocupavam o planalto, onde predominam campos naturais, entremeados de pinheirais. Ali praticavam alguma agricultura e tinham no pinhão a base de seu regime alimentar”.

Para Santos (1973), o nomadismo teria sido uma adaptação à Floresta Ombrófila Densa, já que teriam sido expulsos pelos Kaingang do planalto onde a Floresta Ombrófila Mista era predominante. Esse deslocamento se dava de 2 até 8 famílias. Estes pequenos grupos podiam reunir-se a outros no litoral, para realizar ataques a colonos (PAULA, 1924; LAVINA, 1994).

Pelo menos em período histórico, a caça e a coleta foram a principal fonte de subsistência para os Xokleng. Munidos de uma série de técnicas e estratégias, o grupo conseguia animais de pequeno e médio porte, mel de abelha, pinhão, palmito e até larvas.

Segundo Lavina (1994), os Xokleng viviam separados em pequenos grupos compostos de 30 a 50 pessoas; eram caçadores generalistas. Tinham certa preferência por determinadas espécies animais como a anta (*Tapirus terrestris*), o caititu (*Tayassu tajacu*), o queixada (*Tayassu pecari*), o bugio (*Allouata* sp.), o mico (*Cebus apela*) e diversas espécies de cervídeos.

Segundo Schaden (1937, p. 26) por tempo indeterminado ficavam acorados e imóveis, esperando o momento ideal para flechar a caça. Ferido, o animal ficava fraco e passava a ser perseguido e morto com pedaços de madeira. Kempf (1947, p. 28) observou que para caçar animais maiores e também para pegar inimigos, os Xokleng faziam fojos de 2 a 3 metros de profundidade. No fundo dos mesmos fincavam espetos de madeira e cobriam a boca com ramos, folhas e ervas. Paula (1924) ressaltou que os Xokleng preferiam a anta, não só pelo seu sabor, mas também por sua quantidade de carne. Caçavam-na dos seguintes modos:

(...) procuram rasto fresco na qual soltam seus cães, acompanhando-os na carreira até o levante da anta. Orientando-se em seguida da direção tomada pela mesma, que sempre segue aos seus habituaes carreiros, por elles conhecidos, atalham pela floresta, esperando adiante a sua passagem. Atropelada pelos cães, vem a anta em vertiginosa corrida, sendo então atacada e morta a lanças. (...). Antigamente, e hoje ainda, na falta de cães, procuram o rasto, seguindo-o depois, cautelosamente, com uma perícia inigualável, chegando mansamente e surpreendendo a anta na “cama” onde a flecham (119) (PAULA, 1924, p. 119).

Kempf (1947: 29) salientou que os Xokleng não comiam carne de capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), porque esses animais viviam muito debaixo d'água. Dall'Alba (1973) descreveu que eles não caçavam o tatu (*Dasypodidae*).

Havia pelo menos duas formas de preparo para o consumo da caça. Na primeira, cavavam um buraco de 2 metros de comprimento e 1 de largura, depois o enchiam de madeiras secas que eram queimadas. Em cima das brasas colocavam madeiras verdes sobre as quais iam os pedaços de carne ainda com pele. Depois, a carne era coberta com folhas verdes e uma camada de terra. A carne ficava estufada e succulenta. Ao redor das fogueiras jogavam os ossos dos animais consumidos (SCHADEN, 1937, p. 27). No segundo caso, assavam a carne em espetos de madeira (SCHADEN, 1953, p. 138).

Outra informação importantíssima foi relatada por Paula (1924, p. 121), a de que as mulheres também caçavam: “Na ausência dos guerreiros durante longo tempo, é uso da tribu que as mulheres cacem por meio de laços e armadilhas, com que apanham pequena caça para suas alimentações, por não usarem arma”.

Schaden (1937, p. 27) evidenciou não somente a importância da caça como também da coleta: “Ao lado da caça, os Botokuden se sustentam com frutas silvestres de inúmeras qualidades. Na época do amadurecimento do pinhão eles saem das matas em direção aos “Fachinaes<sup>45</sup>”, para se deleitarem com essas frutas macias”.

Paula (1924, p. 121) informou que os pinhões eram tostados ao fogo e depois triturados nos pilões. Além disso, faziam uma espécie de caldo cozido e pequenos bolos redondos e achatados do tamanho de um pires que eram assados sob a brasa. Os pinhões eram conservados em cestos forrados com folhas de caeté. Os cestos eram imersos em pequenos córregos, ficavam, aproximadamente, um mês e meio na água. O pinhão depois de retirado d'água exalava um cheiro muito forte (PAULA, 1924, p. 121). KEMPF (1947, p. 30) também relatou que os Xokleng guardavam os pinhões em balaios e em seguida eram enterrados no lodo.

O palmito<sup>46</sup> (*Euterpe edulis*) também poderia ter sido consumido. Farias (2005) supõe que a extração seria uma atividade masculina e o preparo do alimento uma atividade feminina.

---

<sup>45</sup> Farias (2005) diz que os “Fachinaes” se localizariam nas áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana, ocorrente em altitude acima de 700 m com presença de *Araucaria augustifolia*.

<sup>46</sup> Conforme o capítulo 2 desta dissertação, o palmito (*Euterpe edulis*) ocorre em Floresta Ombrófila Mista.

Segundo Paula (1924, p. 121) o mel era um outro alimento indispensável para os Xokleng. Aproveitavam praticamente tudo das abelheiras como o mel e o favo. A cera era quase sempre toda recolhida para diversos usos. Schaden (1937, p. 27) informou que:

(...) onde os indígenas habitam, seguidamente vemos as pontas das árvores com buracos em formato de janelas de igreja. Esses buracos são obtidos se golpeando contra o tronco da árvore, com o único intento de obter mel. Para subir nas árvores eles se utilizavam de um cipó que ficava pendurado na árvore e as suas pontas entrelaçadas. O cipó é preso na parte superior da cintura e a pessoa é levantada aos poucos (SCHADEN, 1937, p. 27).

Schaden (1937, p. 27) supôs que o território reduzido dos Xokleng no período de contato com os europeus, os obrigou a recorrer a todos os meios para saciar a fome. Por isso, habituaram-se a comer larvas de toda espécie, principalmente o “coró”, bicho do pau podre. Comiam-no cru, assado ou cozido em gomo de taquara.

Peres (2009) mostrou que a caça era uma atividade masculina, ficando a coleta a encargo das mulheres do grupo. Além disso, elas eram responsáveis pela confecção de tecido. Com pequenos cacetetes, surravam a fibra de urtiga brava de todos os lados, até que ficasse inteiramente desprovida de folhas e espinhos. Logo após, davam pequenos talhos no caule, pouco acima das raízes, descascando-o em tiras longitudinais.

(...) Reúnem as tiras em um grande atado, que é colocado nagua durante um certo tempo. Retiram-no mais tarde, para bater fortemente entre dois páos; até que restem unicamente as fibras, sem as partes lenhosas. É repetido esse processo mais vezes, sendo por fim a fibra secca e depois fiada com as mãos, o que executam sobre a coxa nua, enovelando em seguida o fio é obtido. Constroem então uma espécie de tear, muito primitivo que se compõem de duas varas fixadas na terra obliquamente, sendo presas nestas duas outras varas horizontais. Sentadas sobre os pés deante deste tear, traçam ellas de diferentes maneiras, com relativa facilidade, os fios que nelle prenderam (PAULA, 1924, p. 125).

As mulheres também eram responsáveis pelo preparo de alimentos e o cuidado das crianças. Quando saíam da aldeia levavam consigo seus pequenos. As crianças eram levadas no colo, presas em uma faixa trançada. Segundo Vieira (2009) essas faixas eram utilizadas inclusive nos deslocamentos dos acampamentos, quando carregavam as crianças junto com os cestos-cargueiros.

Carregam ellas durante semanas consecutivas, em semanas suas peregrinações pela floresta, enormes cestos com carga de grande peso; montando ainda sobre os mesmos, quase sempre, uma creança. Além

disso tudo, levam nas mãos objetos pesados, como machados, panelas de ferro, etc., etc. São ellas, por assim dizer, os verdadeiros cargueiros da tribo, carregando os guerreiros carga unicamente quando longe das mulheres (PAULA, 1924, p. 119).

Os artefatos utilizados na caça mais comuns entre os Xokleng eram a lança, o arco e a flecha. Cada caçador confeccionava o seu “kit de caça”. “O arco chegava a medir aproximadamente 2 metros e era “feito com cerne de cabreava (...), a corda era feita com fibra de ticu. As pontas de flechas eram ou de pedra ou de madeira então farpada; mais tarde roubando o ferro nos assaltos, fizeram-na em ferro. (...). O arco e as flechas antes do uso deveriam ser examinados pelo cacique. Se ele não aprovasse era mister fabricar outros (KEMPF, 1947, p. 28)”.

Schaden (1937, p.26) observou que, desde que os Xokleng conheceram o ferro, as pontas de estacas e de lanças passaram a ser confeccionadas com esse material. As pontas eram afiadas com pedras bem resistentes. Para a caça comum utilizavam estacas de madeira bem fortes, já com relação à caça de aves, usavam estacas curtas e sem fio. À noite, eles guardavam suas armas num único canto (...) (SCHADEN, 1937, p. 26). As pontas de flecha eram produzidas de três tipos (Figura 19):

(...) a ponta de ferro para o tapir, o cervo e o macaco, a ponta de madeira afiada para atividades menores e uma ponta menos afiada para os pássaros. O corpo das flechas era feito com bambus que são cortados ainda verdes, aquecidos e trabalhados para adquirirem a forma. As pontas dessas flechas são endurecidas no fogo. Quando as pontas estão prontas são encaixadas no corpo e fixadas no lugar com cipó, firmemente amarradas na junção do corpo e da cabeça da flecha. Então todo o conjunto era encerado e polido (VIEIRA, 2004, p. 222).



Figura 19 - Flechas tradicionais. Foto de A. L.V. Nötzold, 1999  
 Fonte: Vieira (2004).

De acordo com Vieira (2004), as lanças podem ser classificadas como um tipo de arma perfurante arremessada com a mão. São bastante confundidas com as flechas. Eram utilizadas tanto na caça quanto na guerra. Cada lâmina possuía aproximadamente de 30 a 40 cm de comprimento e 10 a 12 cm de largura. Eram fixadas em uma haste decorada com cestaria junto ao engate da lâmina. Depois do contato, o metal foi utilizado tanto nas lanças, quanto em outras armas (Figura 20).

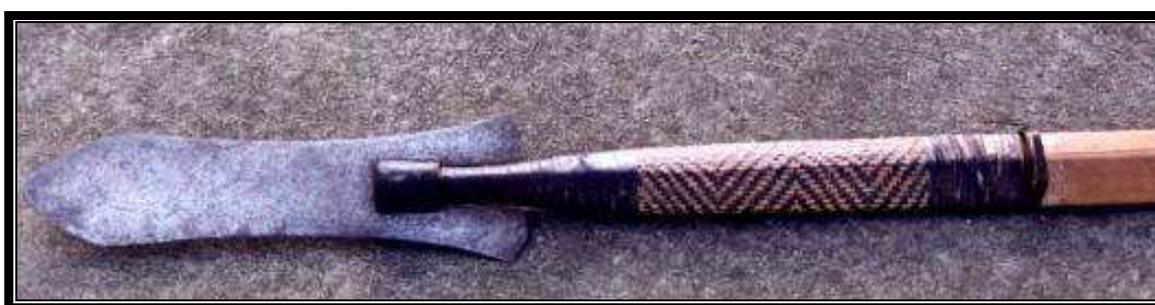


Figura 20 - Lança dos Xokleng. Foto de A. L.V. Nötzold, 1999  
 Fonte: Vieira (2004).

Vieira (2004) observou que a utilização dos objetos domésticos era atributo feminino. No entanto, nem todos os utensílios eram confeccionados pelas mulheres. As técnicas de confecção eram simples e compreendiam a tecelagem, o trançado, a cerâmica. Os materiais utilizados para produzi-los baseavam-se em fibras vegetais, argila e madeira.

A cestaria era confeccionada pelos homens, cada um fazendo sua cesta vedada com cera. As cestas maiores, de carregar carga, às vezes eram produzidas por mais homens. Geralmente os recipientes eram utilizados para o transporte de lenha, mel, frutos e água. Serviam também para armazenar pinhão. Os utensílios pequenos eram usados como canecas para tomar água e bebidas alcoólicas por ocasião das festas (VIEIRA, 2004).

Havia dois tipos de cestas, as usadas para guardar líquidos, vedadas com cera de abelha, e aquelas usadas para carregar alguma carga e não revestidas, ambas feitas a partir da tala do bambu. Segundo Paula (1924, p. 125), todos os cestos eram confeccionados com taquara mansa, variava apenas a largura e a grossura em que a rachavam. Schaden (1937, p. 27) observou que os cestos foram os únicos objetos encontrados em cabanas Xokleng localizadas nas margens do Rio Capivari.

Confeccionavam também pinças de taquara ou de madeira rígida para retirar os alimentos do fogo; as chamavam de “Ko-pama” que significa mão de madeira (PAULA, 1924, p. 125).

Entre os artefatos utilizados pelos índios Xokleng para o processamento de alimentos destacam-se os pilões, confeccionados a partir de troncos de árvores caídas ou derrubadas. Geralmente, eram simples pedaços de tronco com uma cavidade de tamanho pequeno; normalmente eram abandonados nos acampamentos durante as mudanças; as mãos de pilão eram produzidas tanto em madeira quanto em pedra polida. Eram utilizadas para moer grãos do pinhão e entre outros (VIEIRA, 2009). Também faziam uso da bigorna e do machado, ambos em pedra. A cunha do machado era fixada na haste não em ângulo reto, mas sim, em ângulo obtuso. Faziam agulhas de madeira com 20 a 25 cm de comprimento (KEMPF, 1947, p. 28).

A produção cerâmica não é tratada de forma clara nos relatos etnohistóricos, muito embora haja pesquisadores que afirmam a confecção de cerâmica por esse grupo indígena. Schaden (1953, p. 137-138) nos confunde com relação a essa técnica. Num primeiro momento, o autor afirma que os Xokleng desconheciam a confecção cerâmica, depois ressalta que os artefatos cerâmicos provavelmente não teriam resistido às migrações. “Houve mudança igualmente nos métodos de preparar a comida. (...) não possuíam painéis, pois não conheciam a cerâmica (SCHADEN, 1953, p. 137-138)”. Schaden (1937, p. 27) afirmou que os Xokleng “(...) não alcançaram a arte de confeccionar potes (...)”. Vieira (2009, p. 69) ressalta que a confecção cerâmica iniciava com a coleta da argila. Segundo Hoerhann (*apud* VIEIRA, 2004, p. 69) a confecção cerâmica passava por um ritual:

“É evidente que, para a factura destes objetos, necessitam elles de um barro especial; e acreditam os botocudos, que o arco-íris, é o indicador destas jazidas de barro especial, e, por essa crença antiga, denominam-no de ‘Kukron-ndouma’, (flecha da panella), entendendo-se, a que indica o lugar em que se encontra barro proprio para a cerâmica” (VIEIRA, 2004, p. 69).

Para obter o fogo, os Xokleng utilizavam a fricção. Usavam o pau-ignífero, que consistia em um pedaço de madeira mole, firmado pelos pés, com um orifício no centro, no qual era inserida a extremidade de uma vareta de madeira dura (canela branca), da qual, através da fricção, obtinham o fogo (LAVINA, 1994).

As habitações são descritas como sendo simples abrigos em forma de meia-água, ou entortavam uma árvore fina, sob a qual colocavam folhas ou galhos. Nessas cabanas, todos

pertenciam a uma mesma família (SCHADEN, 1937, p. 27). Vieira (2004, p. 31) relacionou a confecção das casas à atividade feminina, mas, na expectativa da chuva repentina, homens e mulheres colaboravam. As mulheres procuravam as folhas que iriam cobrir a casa, enquanto os homens cortavam e depositavam os galhos que iriam dar sustentação. Kempf (1947, p. 27) as descreveu da seguinte forma:

“De galhos, ramos e folhagens os índios constroem suas chocas (choças) que não passam de simples abrigos, em forma de uma meia-água assentada sobre o solo na parte inferior. Estes abrigos medem aproximadamente 20 m de comprimento. Cada família ocupa um lugar determinado. Sendo a tribo mais numerosa, fazem dois abrigos um em frente do outro na distância de mais ou menos 50 a 100 metros. Quando constroem quatro habitações a planta da aldeia assume a configuração de um quadrado ou de um retângulo. Permanecem acampados na mesma região por três meses ou mais, conforme a abundancia de caça (KEMPF, 1947, p. 27).

Se as casas fossem construídas inteiramente por mulheres, a tendência era de ser mais baixa do que se fosse construída por homens. As mulheres ligavam os postes inclinados contra os postes de sustentação, de forma que os primeiros pudessem permanecer sobre os últimos, alcançando assim certa altura. A altura da casa era muito mais variável que a largura (VIEIRA, 2004, p. 31).

Os rituais também eram fundamentais para a manutenção da sociedade Xokleng; entre eles destacam-se o de nascimento, o da tatuagem nas pernas das meninas, o da perfuração dos lábios dos meninos para a inserção do botoque, e o funerário.

Vieira (2004, p. 25) observou que nos rituais ligados à gestação e ao nascimento, tanto a criança quanto os pais eram submetidos ao ritual de passagem. O reconhecimento da gravidez da mulher colocava o pai e a mãe num estado de cuidados. Ficavam separados até que a criança nascesse e que os ritos de sua incorporação pela sociedade Xokleng fossem realizados. Peres (2009, p. 93) afirmou que no ritual de nascimento, o tio por parte de mãe era a figura mais importante:

Quando a criança nascia a placenta e o cordão umbilical eram esfregados com ervas e postos em um cesto, que seria colocado ocultamente pelo irmão da mãe dentro de um curso d'água. O irmão da mãe e sua esposa tornavam-se, neste momento, os pais cerimoniais da criança. A seguir os tornozelos da criança eram envolvidos com vinte voltas de cordel, que serão conservados por cerca de duas semanas, quando então a criança receberá seu primeiro alimento cozido (HENRY *apud* LAVINA, 1994, p. 71).

No ritual da perfuração dos lábios para a colocação dos botoques, uma grande área era limpa, sendo construídos em sua periferia pequenos abrigos. No centro era acesa uma fogueira onde os homens iniciavam uma dança (PERES, 2009, p. 94).

Com relação ao botoque, existia uma variação de formas, e os membros das famílias eram reconhecidos a partir delas (HENRY, 1964, p. 72).

Segundo Vieira (2004) a bebida utilizada nos rituais dos Xokleng era preparada com vários dias de antecedência. Podia ser feita por homens ou mulheres.

Para estas festas, preparam os botocudos uma bebida, “Móng-ma”, cuja base, como ingrediente principal, é o mel silvestre; requerendo o seu preparo bastante tempo. Por esse motivo, já uma lua antes, subdividem-se os índios tomando cada um a sí um *affazer*. Aos pais dos meninos á batizar, cabe a construção dos grandes cochos para o preparo da bebida, verdadeiras obras de mestre, exigindo maxima paciencia e habilidade. Enquanto os pais se ocupam neste serviço, os demais parentes, sahem á procura de mel. Em todas as direções embrenham-se na floresta pequenos grupos de índios que, muito alegres com a proxima festa, sahem contando e galhofando entre sí. Na sua volta, não só trazem mel em abundancia, como também o resultado de sua caça (HOERHANN *apud* VIEIRA, 2004, p. 27).

Para o preparo da bebida fermentada, consumida durante os rituais, os Xokleng faziam uma espécie de cocho, de madeira de cedro. O tamanho dos cochos variava, dependendo da aldeia e do número de pessoas. Sua profundidade dependia do tamanho da árvore.

Quando a tora chegava ao acampamento, alguém era encarregado de prepará-la com um machado. Primeiro marcava-se a forma da abertura e começava-se a cortá-la. Quando o homem ficava cansado, outro assumia o trabalho, e esse processo só terminava quando o cocho ficasse oco. Então, era feito fogo no seu interior, com bambu seco, para limpá-lo, e depois o carvão era raspado. Para protegê-lo contra vazamento, a cera era bem aquecida e esfregada sobre as pontas do cocho. Quando o cocho era finalizado, cavavam um buraco raso para acomodá-lo. A partir desse momento, era iniciada a fabricação da bebida, que levava vários dias (HENRY *apud* VIEIRA, 2004, p. 79).

Lavina (1994, p. 68) explicou que durante as danças ritualísticas era consumida uma grande quantidade de bebida alcoólica. Nas crianças a bebida funcionava como um anestésico, a bebiam até que ficassem dormentes. Para aumentar o efeito da bebida, as crianças eram ainda sacudidas e arremessadas de uma pessoa para outra. Era nesse estágio que os lábios eram perfurados, sendo introduzido no orifício um pequeno labrete de madeira.

As meninas não tinham o lábio perfurado, mas sofriam duas incisões na perna esquerda (PERES, 2009). Vieira (2004, p.28) ressaltou que o ritual de perfuração dos lábios dos meninos era realizado junto ao ritual das meninas - a inserção de uma marca que, assim como o botoque, tinha a finalidade de identificação da comunidade, à qual as crianças pertenciam. Kempf (1924, p. 32) nos informa que as meninas com idade de 8 a 10 anos (ou ainda 4 ou 5) faziam o emblema da tribo nas pernas acima dos joelhos. Para isso os Xokleng organizavam uma festa durante o dia, mas o autor não associou esta festa com a da perfuração dos lábios dos meninos.

Os ornamentos eram feitos pelas mulheres e usados na cerimônia de perfuração dos lábios dos meninos e tatuagem na perna das meninas. Eram pequenos objetos de cestaria, fixados na ponta dos postes de aproximadamente 2,5 metros de comprimento e fixos na área de dança. No momento que as festividades começavam, os postes eram elevados de seus buracos e carregados ao redor nos ombros dos homens. (VIEIRA, 2004, p. 80).

Outro importante momento na sociedade Xokleng era o sepultamento de seus mortos. Peres (2009, p. 50) afirmou que o ritual de sepultamento ocorria com a colaboração dos parentes do membro que falecera. Eles quebravam os arcos e as flechas que pertenciam ao morto e os colocavam ao seu lado. Logo, cobriam o corpo com madeira até a pilha alcançar a altura de um homem. Em seguida ateavam fogo, recolhendo o resto dos ossos para enterrá-los em cestas forradas com folhas de xaxim. Todo esse ritual era acompanhado pelo som dos chocalhos. Estes eram balançados pelas mulheres durante o ritual da morte e da perfuração dos lábios. Schaden (1937, p. 28) demonstrou que:

Como foi observado, inúmeras vezes, os Botokuden levam, quando possível, os seus mortos ao campo e lá os queimam. Talvez o medo da morte seja maior que os velhos costumes, visto que me é conhecido que na região Capivari, onde um indígena foi morto em combate, seu cadáver ficou deitado. Mas, ficou comprovado que mais tarde a estirpe familiar retornou ao local e levou o corpo (SCHADEN, 1937, p.28).

Kempf (1947, p. 34) descreveu o ritual funerário da seguinte forma: colocavam o corpo de cócoras e o amarravam com cipó de todos os lados. Em seguida juntavam-lhe o arco quebrado além de outros utensílios utilizados pelo morto, por fim ateavam fogo. Por último, toda a cinza era depositada numa cova sobre a qual levantavam uma grande bola de barro. Diante desse túmulo, de quinze em quinze dias, por quase 1 ano iam chorar e reclamar o morto. Ficavam cerca de 30 dias de luto, que era identificado pelos riscos e pontos de carvão no rosto.

As informações que acabaram de ser apresentadas foram relatadas a partir do contato estabelecido entre índios Xokleng e imigrantes europeus. Contudo, a relação estabelecida entre indígenas e colonos não foi tão amistosa como talvez possa parecer. Infelizmente existe uma escassez de dados sobre os Xokleng no período histórico; quase todas as referências estão contidas nesse capítulo. E mais do que isso, o contato trágico entre essas populações ainda hoje inviabiliza a história dos Xokleng em Santa Catarina; são praticamente invisíveis diante da história das colônias e das etnias européias. Por isso, trataremos agora de evidenciar a história do contato entre Xokleng e europeus.

#### **4.1.1 O Contato entre Índios Xokleng e Colonos Europeus em Santa Catarina**

A historiografia tradicional de Santa Catarina geralmente narra que o contato estabelecido entre índios Xokleng e imigrantes europeus era de hostilidade e violência. Estamos certos de que o choque cultural provocado entre essas populações foi decorrente de campanhas promovidas pelo império brasileiro. O governo tinha como objetivo ocupar as várias regiões “desabitadas”, “que em forma de bolsões, isolavam áreas de interesse e importância para a jovem nação (SANTOS, 1973, p. 48)”.

A ocupação permanente desses espaços por colonos foi incentivada e legalizada pela Lei de Terras de 1850<sup>47</sup>. No entanto, o interior catarinense foi alvo de colonização anos antes, em 1829<sup>48</sup> com a instalação da colônia alemã de São Pedro de Alcântara. Esta funcionava como um importante ponto de distribuição de imigrantes para as demais áreas a serem colonizadas. Porém, as grandes concessões de terras só ocorreram entre 1850 e 1851, período em que surgiram Blumenau e Joinville. A partir desses dois núcleos coloniais, apareceram pelo Vale do Itajaí novas colônias. O Governo Provincial estimulava essas iniciativas distribuindo novas concessões e abrindo estradas (SANTOS, 1973, p. 51).

No Vale do Rio Tubarão, o Governo Provincial iniciou os núcleos coloniais, localizando italianos a partir de 1877. Santos (1973) escreveu que a colonização dos vales litorâneos de Santa Catarina teve sua fundamentação econômica baseada na pequena

---

<sup>47</sup>Editada em 18 de setembro de 1850, a Lei Imperial de n. 601, regulamentada em 30 de janeiro de 1854 garantiu a presença do imigrante entre o litoral e o planalto catarinense. Numa conotação a nível nacional essa lei surgiu para “ajustar os conflitos de interesse entre o Estado brasileiro e os proprietários de terras, defensores do sistema colonial, que agiam para impedir medidas modernizadoras (SILVA, 1996 *apud* SELAU, 2006, p. 74)”.

<sup>48</sup> Período anterior a Lei de Terras de 1850.

propriedade agrícola, que se constituiu a partir de massas humanas que migraram da Europa, particularmente da Alemanha e Itália.

Já a ocupação do Vale do Rio Braço do Norte e Capivari ocorreu oficialmente no final do século XIX e início do XX, isso porque os colonos que se estabeleceram em São Pedro de Alcântara não obtiveram êxito em suas plantações. Esses abandonaram seus lotes e passaram a ocupar as terras mais ao sul de Santa Catarina (TENFEN, 1997).

A região da pesquisa, o município de Rio Fortuna foi colonizado principalmente por imigrantes alemães. Esses vieram da região noroeste da Alemanha denominada Westfália. O perfil desses imigrantes foi caracterizado como sendo produtor rural, às vezes meeiro, de família numerosa e profundamente religiosa (RICKEM; RICKEM, 2008).

À medida que os colonos iam se instalando nas faixas demarcadas entre o litoral e o planalto, outro personagem entrava em cena, o índio. Segundo Paula (1924, p. 117) as primeiras notícias de assalto de índios aos núcleos coloniais datam do ano de 1830. Isso foi se tornando mais freqüente à medida que a demografia das colônias aumentava e conseqüentemente o território indígena passou a ser reduzido.

Com intuito de proteger os colonos dos ataques indígenas foram enviados “os Pedestres”, tropa criada em 1836<sup>49</sup> que tinha como função afugentar os índios. No ano de 1856 o presidente da Província de Santa Catarina, João José Coutinho afirmou que a única medida realmente eficaz seria obrigar os índios a deixarem a floresta, confinando-os em locais dos quais não pudessem fugir. Mesmo assim o “perigo indígena” continuou a assombrar, exigindo sérias providências. Organizaram-se turmas de sertanejos que deveriam se aproximar dos índios e, caso não fosse possível torná-los amigos, deveriam então afugentá-los sem lhes fazer mal. No entanto, muito pouco se conseguiu.

Em 1879, como medida de economia, foi extinta essa turma de sertanejos. A partir de então iniciaram-se as “batidas”, regime que visou o extermínio completo dos índios. Sempre por ocasião de um assalto de índios organizavam-se grandes turmas, tanto por iniciativa particular, como oficial (PAULA, 1924, p. 117).

No final do século XIX e início do XX houve a intensificação dos conflitos entre Xokleng e imigrantes. Para amenizar a situação, os próprios presidentes da Província e a imprensa ofereceram soluções para o “problema” com os “selvagens”: a catequese ou extermínio. “A contraposição à mão de obra européia, branca modernizante e trabalhadora, apresentava-se o bugre selvagem cruel, traiçoeiro, diante de quem todas as medidas são cabíveis (LAVINA, 2000, p. 80)”.

---

<sup>49</sup> “Os Pedestres” refere-se à Companhia de Pedestres criada 1836 e que perdurou até 1879.

Podemos constatar num depoimento do bugreiro Ireno Pinheiro a Silvio Coelho dos Santos em Santa Rosa de Lima, em 1972, em que narra como os índios eram afugentados por ele e seus companheiros:

(...) pela boca da arma. O assalto se dava ao amanhecer, primeiro, disparava-se uns tiros. Depois passava-se o resto no fio do facão. O corpo é que nem bananeira, corta macio (...) Tinha que matar todos. Se não, algum sobrevivente fazia vingança (...) Quando foi acabando o governo deixou de pagar a gente. A tropa não tinha como manter as despesas. As companhias de colonização e os colonos pagavam menos (...) ficaram só uns poucos homens, que iam dois ou três pro mato, caçando e matando esses índios extraviados (SANTOS 1997 *apud* BLOEMER 2008, p. 47).

Os bugreiros eram homens contratados por agentes colonizadores, governantes provinciais e imigrantes europeus, que tinham como profissão planejar e realizar ataques contra índios (WITTMANN, 2007). Após uma batida na região que hoje é o município de Rio Fortuna, os bugreiros Ireno Pinheiro e Zé Domingos decidiram levar para a “civilização” um indiozinho que havia sobrevivido à matança feita em sua aldeia:

Contou o seu Zé Domingos que certa vez, depois da matança, viram um indiozinho vivo sob os corpos. O compadre Ireno achou-o tão engraçadinho que levou consigo.

[Zé Domingos] - E que vai fazer com esta gatinha? Você tá doido compadre?

[Ireno Pinheiro] - Vou criá-lo para ver como fica o bichinho.

[Zé Domingos] - Leve-o. Mas que fique longe de mim. Não tenho sossego perto dessa raça.

Seu Ireno pôs o indiozinho às costas, mas após alguns minutos de andanças o pequeno quase triturou os dedos do seu protetor, à mordidas. Indignado, seu Ireno joga-o ao chão:

- Tu quéis mesmo morrê, diabo?

Seu “Zé Domingos pega-o por uma perna e lança-o para o ar, aparando-o com o facão ao cair (DALL’ALBA, 1973, p. 358).

De acordo com Dall’Alba (1973, p. 356) e Lavina (2000, p. 80) os bugreiros mais atuantes da região sul catarinense foram João Domingos, Zé Domingos, Ireno Pinheiro, Martinho Bugreiro, Vandresen, Natal Coral, Nicolau Bugreiro, Serafim Bugreiro, Manuel Roque, João Tomás, Joaquim Felisbino, Manuel Aberto Rocha e Juca Rocha.

Geralmente narra-se o índio invadindo a propriedade e “roubando” os pertences dos colonos, bem como, atacando-os com flechas. A reação do colono era imediata, para vingar-se iniciavam a matança, o extermínio do bugre. Abaixo, temos na íntegra algumas das ocorrências que evidenciam esses dados.

Nesta primeira ocorrência policial de 9 fevereiro de 1883, enviada ao presidente da Província, foi registrado um ataque indígena contra um italiano na ex-colônia de Azambuja. Neste documento o delegado propõe providências quanto ao empecilho chamado índio.

**Do Del. De Tubarão Glycerio Alves de Boaventura ao Vice Pres. Da Prov. Enviando-lhe uma flecha com que um indígena ferira um colono e solicitando providências. Delegacia de Polícia do Termo do Tubarão, em 9 de fevereiro de 1883.**

“Com este envio a Vexa uma flecha / com que antehontem um indigina / ferira gravemente a um italiano da ex-colonia Azambuja. Outro factio, igual, se dera no lu-/gar “Caypora”, e assim, / para perve-/nir maiores damnos, seria de grande / utilidade que Vexa desse algumas pro-/vidências. (...)” (SCHEIBE, 1996, p. 20).

Witmann (2007) afirmou que 2\3 da população Xokleng morreu a partir da colonização. Contrapondo o modelo que argumentava que o Xokleng era sanguinário, o imigrante Hugo Gensch, médico da colônia de Blumenau, após uma longa pesquisa chegou a um número aproximado de índios e brancos mortos em combates. Afirmou que: “(...) nestes cinqüenta e oito anos da existência de Blumenau, não foram massacrados nem quarenta pessoas pelos índios, confrontando este número com várias centenas de pelespardas (WITMANN, 2007, p. 57)”.

O segundo documento escrito narra furtos de animais pelos índios em propriedades particulares. É importante salientar que a noção de propriedade privada dos colonos não existia para os povos indígenas. Por isso, “roubavam” - no entender do branco - animais de criação doméstica e os abatiam. Os imigrantes, bem como o governo não entendiam a dinâmica cultural dos Xokleng, tachando-os de irracionais e selvagens. “A noção de periculosidade dos índios acabou legitimando a violência investida contra estes (...) (WITMANN, 2007, p 36)”.

**Do Suplente do Subdelegado de Tubarão João Antunes Sobrinho ao Del. Antonio Antunes de Souza sobre o aparecimento de vestígios dos bugres. Sbdelegacia em São Gabriel do 3º distrito / do termo da villa de Tubarão. 11 de outubro de 1880.**

“... lhe par-/ ticipo que indo o Sr. Manoel Miranda caçar oRio ariba em controu tanto vistijos de bugre que / neste mundo muito oso de animar e de gado que / elles tem matado dos morador eseguiro par o / lado do caminho da cerra aonde acho huma/ tigela delles oque lhe mando hum pedaço / para a VSa ver ...” (SCHEIBE, 1996, p. 23).

Neste terceiro documento, identificamos novamente os índios caçando animais em propriedades particulares. Está claro que o objetivo dos índios era muito mais saciar a fome do que propriamente matar pessoas, como fica evidente nos relatos encontrados. A justificativa é óbvia: com o território limitado e com a escassez de caça - principal atividade para a obtenção de alimento - a alternativa era abater os animais que estavam nas propriedades coloniais. Contudo, não podemos vitimizar os Xokleng. Em nenhum momento foram passivos diante da presença do outro.

**Do Suplente do Subdelegado de Tubarão João Antunes Sobrinho ao Del. Antonio Antunes de Souza sobre um abarracamento dos bugres no caminho velho da serra do Tubarão.**

**Sbdelegacia em São Gabriel do 3º distrito / do termo da villa de Tubarão. 19 de outubro de 1880.**

“... Manoel Miranda dizendo que os bugres / estão abaracado no caminho vello da serra do tu-/barão no lugar dominado Almazem perto da colonia do Almazem que são bastante eque Manoel Mi-/ randa foi ver topou logo Alguns porcos do matto / mortos pr elle eque tinha hum trilho bastante / grande feito pr elles pois os bugres já mataro as / mullas do Sr. Manoel Gregório e tendo tão bem ma-/ tado Algumas reis dos morador ...” (SCHEIBE, 1996, p. 24).

Muitos índios sobreviviam às “batidas”, principalmente crianças. Era bastante comum os bugreiros trazerem além de pares de orelhas e objetos, os próprios sobreviventes das matanças. Em Blumenau isso foi bastante ocorrente. Nesta região debatiam-se dois projetos relacionados ao Xokleng, a tentativa do extermínio e a adoção de crianças indígenas. Abaixo, apresentaremos algumas informações sobre os batismos e sobre os dados coletados da Cúria Diocesana de Tubarão-SC.

#### **4.1.2 A Inserção de Crianças e Jovens Xokleng na Sociedade Catarinense**

Na primeira década do século XX no XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena, Hugo Gensch apresentou uma monografia que contava a história de Korikrã, filha adotiva. Ele narrou detalhadamente o processo educacional pelo qual passou a menina indígena. O pai dos bugres, como era chamado ironicamente, propôs que famílias respeitáveis de Blumenau adotassem crianças indígenas como foi o caso dos Flesch, Ebert, Zimmermann entre outros (WITTMANN, 2007).

De acordo com Wittmann (2007, p. 95), “o batismo era realizado logo que as crianças indígenas chegavam à cidade”. Apadrinhados, alguns eram levados por famílias que se comprometiam em educá-los seguindo o preceito judaico-cristão da época.

Quanto ao batismo, Alves (*apud* WITTMANN, 2007, p. 95) acrescentou que era uma espécie de ritual de passagem à civilização. “(...) Podemos pensar o batismo como uma das formas de domesticar as diferenças, onde a religião torna o indígena mais assimilável por meio da catequese, pois a conversão amansa o índio como espírito, como alma (...)”.

Em Santa Catarina as histórias de adoção indígena estão bastante evidenciadas na região do Vale do Itajaí. Em Blumenau, os sobreviventes das matanças feitas nas aldeias Xokleng pelos bugreiros eram encaminhados às irmãs da Divina Providência e, posteriormente adotados por famílias da região<sup>50</sup>.

Como na região sul do Estado nunca foi realizado um trabalho como este, decidimos fazer uma pesquisa nos livros de batismo da Cúria da Diocese de Tubarão que nos forneceu dados reveladores. Identificamos seis batismos de crianças indígenas entre os anos de 1890 e 1910.

Com os dados levantados não podemos descrever de maneira aprofundada a história de vida dessas pessoas, não sabemos se houve resistência, como ou se chegaram a se adaptar às famílias, aos costumes, religião enfim, à vida de “civilizado” (Figura 21).

---

<sup>50</sup> Histórias de crianças que foram adotadas em Blumenau podem ser verificadas na obra “O Vapor e o Botoque” de Luiza Tombini Wittmann. Entre algumas narrativas, a historiadora descreve a vida de uma jovem índia batizada com nome de Benedita Inglat que adaptou-se bem a “civilização”. Esta cresceu e constituiu família com um brasileiro. Outra é Isabel, que após fugir da casa de seus pais adotivos, tornou-se prostituta. Depois de contrair doenças sexualmente transmissíveis foi expulsa do bordel em Joinville e, um médico sensibilizado com a condição da jovem tratou-a. Curada, casou-se com suboficial da Marinha em São Francisco do Sul, lá ela o traiu. Nos seus últimos anos de vida adoeceu e foi sepultada como indigente. Um outro caso é o afilhado de Vidal Ramos Júnior, o menino Nukla, que estudou durante anos no Colégio Catarinense, ganhando vários prêmios de excelência. Mas, o caso mais interessante é o menino Francisco Topp que foi adotado pelo Monsenhor Topp. O menino índio foi seminarista e durante uma viagem que fazia a Europa apaixonou-se pela filha de um fazendeiro gaúcho. Francisco Topp largou o seminário, casou-se e tornou-se escrivão distrital. Discordando de Wittmann (2007) Dall’Alba (2005, p.35) descreve resumidamente sobre o índio adotado pelo padre e, afirma que não se sabe qual o paradeiro do menino, “parece ter retornado à floresta”.

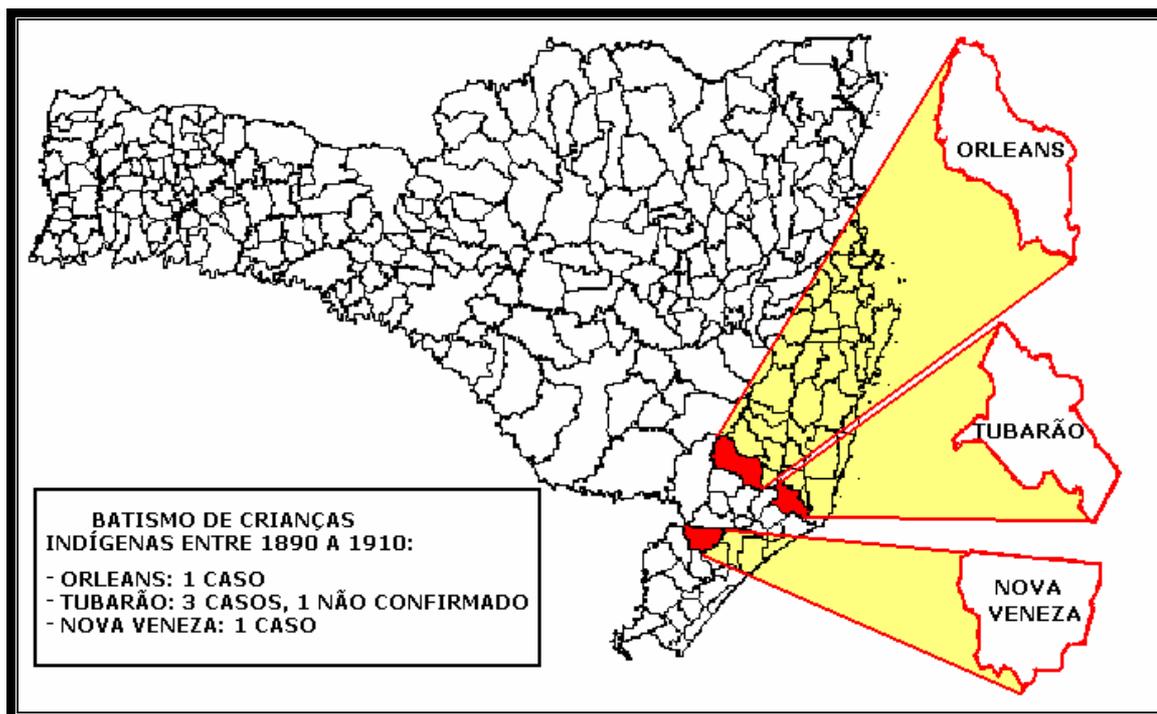


Figura 21 - Batismos de crianças indígenas identificado na Cúria Diocesana de Tubarão

Adaptado de: <http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br/sc.phtml>

Acesso: 02/07/2009.

Os dois primeiros casos identificados são referentes ao menino Iberê e à menina Jandira. Chamou nossa atenção o casal Arthur da Silva Soares e Amélia Noronha Soares que, no ano de 1890, adotaram três crianças. A primeira batizada foi Amélia com aproximadamente 4 anos de idade; seus padrinhos foram Pasqual Simone e Amélia Mauvell. Depois Jandira, batizada com mais ou menos 2 anos por Emílio Gallois e Guilhermina Noronha Costa. Poucos meses após esses dois batismos, foi a vez de Iberê, com três anos de idade, batizado por Oscar Pinto e Leonor Noronha Mauvell. Todas foram batizadas pelo Pe. Frederico Hobate.

Nestes dois casos não temos a confirmação de que essas crianças, Iberê e Jandira são indígenas, mas de qualquer forma, os sinais de sociabilidades são evidentes através da origem dos nomes. O nome Iberê é de origem indígena, porém não possui um significado certo, Jandira é de origem Tupi que significa “*mel da abelha jandaia*”.

Outro caso registrado também na capela matriz de Tubarão ocorreu em julho de 1894. Este foi o primeiro “bugre” batizado pelo Pe. Padre Francisco Topp. Francisco Affonso Arazavin foi o nome dado ao índio que teve como padrinhos Affonso Dosiflinger (ou Dosiflnigev?), Padre Francisco Topp e como madrinha Nossa Senhora da Piedade. Ao analisar esta ocorrência podemos fazer algumas considerações. No registro batismal não consta a idade do indivíduo, não sabemos se é criança ou jovem. Ele não foi adotado, mais

foi batizado. Para onde iam as crianças\jovens indígenas da região quando não adotadas? Possuímos algumas hipóteses relacionadas a esta pergunta, a primeira é que assim como em Blumenau, os indígenas da região sul catarinense poderiam ser também acolhidos pelas irmãs da Divina Providência no Colégio da ordem localizado no município de Tubarão e, posteriormente em São Ludgero. Vale lembrar que Wittmann (2007) não descarta a possibilidade de adoções visando à exploração de mão-de-obra. Outro ponto a ressaltar é a questão dos padrinhos e do nome dado ao índio; coincidência ou não, ele foi denominado a partir dos nomes dos padrinhos. Francisco por causa do nome do padrinho e Vigário Francisco Topp e Affonso em função do outro padrinho Affonso Dosiflinger (ou Dosiflnigev?); já do sobrenome Arazavin não sabemos a procedência. A figura feminina é representada pela Nossa Senhora da Piedade, padroeira da cidade de Tubarão.

O primeiro caso de adoção encontrado em Tubarão foi o do menino Salvator:

Aos três de agosto de 1895 na matriz de Tubarão baptisei solenemente Salvator de idade de 2 anos ou mais ou menos, filho de bugres, pegado aos nove de abril do mesmo ano em cima da serra, adotado de Bernardino Pinto de Sampaio e Maria Duarte de Medeiros Sampaio. Padrinhos: Manuel Cardoso Duarte e Thomasia Luiza de Souza Rocha. Affonso Corrêa da Silva e Esponina Antunes Corrêa. Vigário Padre Francisco Topp (LIVRO DE BATISMO, 1894 -1895, p. 386).

Neste caso, podemos observar através do registro do Padre Topp a composição de uma rede social, uma vez que Salvator foi batizado em Tubarão, município próximo ao litoral, porém foi pego para adoção na Serra catarinense, distante aproximadamente 90 km. Outra informação a considerar é o número de casais envolvidos na solenidade, o primeiro casal foi Manuel Cardoso Duarte e Thomasia Luiza de Souza Rocha e o segundo Affonso Corrêa da Silva e Esponina Antunes Corrêa.

Partiremos agora para os dois batismos feitos em Orleans e Nova Veneza.

Aos vinte seis de setembro de mil oitocentos e noventa e cinco na Capela de Ottilia de Orleans da Paróquia de Tubarão baptizei solenemente ACARY de idade de quatro annos mais ou menos achou-se aos trinta e um de outubro de mil oitocentos e noventa e três filho de Bugres está em casa como filho adoptivo de Domingos Dias e Saturnina Velfloker Dias, padrinhos Valentino Dias e Rosa Carolina Dias. Vigário Padre Francisco Topp (LIVRO DE BATISMO, 1894-1895, p. 520).

Notamos aqui que o nome do menino adotado pelo casal Domingos Dias e Saturnina Velfloker Dias continuou sendo de origem indígena. Pela descrição do Pe. Topp o menino índio parece ter sido batizado dois anos após sua adoção.

Aos vinte e sete de abril de mil oitocentos e noventa e cinco na Capella Di Marco de Nova Veneza da Paróquia de Tubarão baptizei solenemente Ítalo Marco Bral, filho de Bugres de idade de 5 anos mais ou menos foram padrinhos Michael Napoli e Ignacia de Souza. Padre Bernardo Freise (LIVRO DE BATISMO, 1894-1895, p. 1278).

Na Capela de Di Marco em Nova Veneza foi batizado pelo Padre Bernardo Freise o menino Ítalo Marco Bral. O livro de batismo não retrata sua adoção, mas seu sobrenome pode ser de origem portuguesa ou italiana. Percebemos a predominância de crianças do sexo masculino; do sexo feminino, o único caso identificado até aqui é o da menina Jandira que também sabemos ao certo se é de origem indígena ou não. Este índice, pode indicar uma preferência, ou simplesmente coincidência? Será que havia interesse pela mão de obra? Ao observar a idade que essas crianças possuíam quando batizadas, verificamos a preocupação que a sociedade, ou pelos menos algumas famílias e autoridades tinham com a inserção desses infantes à nação brasileira. Quanto mais novos, mais fácil seria “civilizá-los”?

Esses dados servem para percebermos que o contato entre índios e colonos era muito freqüente e que nem sempre ocorria à base da violência física. O indígena utilizou a intolerância cultural dos colonizadores como uma arma para sobrevivência. Foram batizados, apadrinhados, adotados, enfim, aprenderam os “modos de gente civilizada” para sobreviver.

Tudo o que foi produzido até o presente momento neste capítulo, baseou-se em dados escritos. Partiremos agora para as fontes orais, que podem nos oferecer outras informações sobre a ocupação pré-histórica e histórica da área da pesquisa.

#### 4.2 OS XOKLENG SEGUNDO FONTES ORAIS NA ÁREA DA PESQUISA

Utilizamos a história oral<sup>51</sup> neste trabalho como um procedimento metodológico. Delgado (2006, p. 15) afirmou que esta metodologia prima pela construção de fontes a partir de narrativas induzidas. Lozano (2001, p. 16) observou que a história oral é um espaço interdisciplinar de nível local e regional; que visa oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Por isso, a função da história oral é ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; e de trazer a tona versões que a escrita não consegue transmitir ou testemunhar.

Por isso, a aplicação da história oral<sup>52</sup> nesta pesquisa visou identificar novas versões sobre a cultura material dos Xokleng; o contato estabelecido entre índios e colonos; e a que grupo indígena os moradores<sup>53</sup> das três comunidades estudadas<sup>54</sup> – Rio Facão, Rio dos Bugres e Rio Chapéu – associam os sítios arqueológicos que encontram em suas propriedades.

---

<sup>51</sup> O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevista de caráter histórico e documental com atores e testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modo de vida da história contemporânea (ALBERTONI, 2004, p. 77)

<sup>52</sup> Ao recolher depoimentos individuais, podemos apresentar inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, entre as quais destacamos a seguintes (THOMPSON 1992 *apud* DELGADO 2006, p. 19): a) Revelar novos campos e temas para pesquisa; b) Apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos; c) Recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões; d) Possibilitar a construção de evidências via o entrecruzamento de depoimentos; e) Recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registradas em outros tipos de documentos; f) Possibilitar a redefinição de cronologias históricas através de depoimentos que revelam novas óticas e diferentes interpretações em relação às predominantes sobre determinado assunto ou tema; g) Contemplar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história, nem sempre considerados pela denominada história oficial; h) Possibilitar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história, por meio de entrevistas com membros da própria elite e com pessoas vinculadas às instituições de poder; i) Possibilitar a associação entre acontecimentos de vida pública e da vida privada, por meio de narrativas individuais; j) Apresentar-se como alternativa ao caráter estático do documento escrito, que permanece o mesmo através do tempo.

<sup>53</sup> Segundo as orientações do centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC), uma pesquisa em história oral sobre determinado tema deverá conter “uma quantidade de roteiros individuais correspondentes ao número de entrevistados, e uma quantidade de roteiros parciais correspondente ao número de sessões com todos os entrevistados” (ALBERTONI, 2004, p. 60).

<sup>54</sup> Para a aplicabilidade dos roteiros de história oral é necessário seguir os seguintes pontos: a) Ser preparados somente após o aceite do entrevistado; b) Ser flexíveis e adequados à linguagem e ao vocabulário do entrevistado; c) Considerar dados biográficos em maior grau para as histórias e trajetórias de vida e em menor para as entrevistas temáticas; d) Cruzar informações do roteiro individual, referentes à biografia do entrevistado, com as do roteiro geral, referentes à história da comunidade, país, grupo étnico ou social que está sendo pesquisado; e) Constituir-se como um mapa da memória, e não como uma camisa de força que possa impedir maior flexibilidade na condução das entrevistas e na construção da narrativa (DELGADO, 2006, p. 26-27).

Na metodologia da história oral, ocorrem vários tipos de entrevistas; consideramos mais convenientes para nossa pesquisa, as entrevistas temáticas<sup>55</sup>. Estas relacionam-se às experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. Podem constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa.

Durante as entrevistas, procuramos seguir as recomendações de Albertoni (2004, p. 25):

(...) neutro, evitando demonstrar espanto, discordâncias, concordâncias.  
 (...) deve cultivar a flexibilidade, procurando manter-se disponível para rever roteiros, acrescentar questões e evitar assuntos, quando a dinâmica das entrevistas assim o indicar (ALBERTONI, 2004, p. 25).

Também é recomendado que as entrevistas sejam realizadas, por dois pesquisadores, especialmente, quando há ausência de um técnico de gravação. Enquanto um conduz o depoimento, o outro se responsabiliza pelas atividades de apoio, tais como controle do gravador, registro de informações significativas, anotações de questões que possam ser esclarecidas ou aprofundadas em um próximo encontro (DELGADO, 2006, p. 27).

Seguindo essas orientações, nossas entrevistas foram sempre conduzidas por duas pessoas. Nas 8<sup>56</sup> entrevistas<sup>57</sup> coletadas no mês de julho de 2009, obtivemos auxílio, de Thiago Vieira Torquato e de Geovan Martins Guimarães.

---

<sup>55</sup> Ao realizar as entrevistas com os moradores de Rio Fortuna, consideramos as seguintes observações: a) Considerar que o ato de entrevistar é constituído por uma relação humana que pressupõe alteridade e respeito; b) Buscar um diálogo sincero e consistente com o entrevistado; c) Deixar fluir a entrevista, evitando questionários rígidos, que possam interromper a narrativa; d) Respeitar os momentos de silêncio e esquecimento, pois são tão significativos quanto a narrativa que flui sem interrupções; e) Considerar as possibilidades e os limites do entrevistado como determinantes para o ritmo da entrevista; f) Evitar perguntas longas e indiretas; g) Evitar perguntas em que o entrevistador manifeste antecipadamente sua opinião sobre o assunto em pauta. Esse cuidado é fundamental como contribuição para a espontaneidade e melhor fidedignidade do depoimento; h) Respeitar o temperamento e a personalidade do entrevistado, que muito influenciam as características de sua narrativa; i) Formular perguntas que provoquem respostas; j) A melhor forma de contribuição para se ativar a memória do depoente é a utilização de recursos tais como: correlações, apresentação de documentos, fotos, entre outros; l) Evitar interromper uma narrativa, buscando contribuir dessa forma para que o entrevistado não perca o fio de sua recordação; m) Levar material de apoio como jornais, fotos, objetos, plantas, mapas, entre outros, que possam contribuir para o melhor desenvolvimento da entrevista; n) Realizar a entrevista em local no qual o entrevistado se sinta mais à vontade e confiante; o) Evitar a presença de terceiros, já que isso acaba por interferir na dinâmica da entrevista; p) Tratar o entrevistado com respeito e cuidado absoluto; q) Nunca pressionar o informante, procurando manter um clima de relaxamento e de estímulo ao ato de lembrar (DELGADO, 2006, p. 28).

<sup>56</sup> Os entrevistados foram: 1) Roberto Irineu da Silva, 76 anos de idade, residente no município de Santa Rosa de Lima; 2) Paulo Bloemer, 69 anos de idade, morador da comunidade de Rio Facão, município de Rio Fortuna; 3) Antônio Assing, 80 anos de idade, morador da comunidade de Rio dos

Todos os depoimentos foram transcritos. Tentamos reproduzir as informações com fidelidade, sem cortes ou acréscimos. Além disso, procuramos prestar atenção nas pontuações para que não fosse alterado o sentido das palavras e frases (DELGADO, 2006).

#### 4.2.1 Os Xokleng Segundo as Fontes Orais

Como já informamos, Rio Fortuna é um município de colonização alemã, porém, também são encontradas famílias de outras etnias, como a polonesa e a italiana. As primeiras famílias que obtiveram terras em Rio Fortuna não as ocuparam imediatamente. Como se tratava de mata completamente fechada, os colonos, geralmente os chefes das famílias, distanciavam-se por dias até que conseguissem abrir clareiras nas matas e construir barracos improvisados para guardar alimentos e repousar. Temos informações de que as primeiras derrubadas ocorreram nas margens de rios, pois eram locais planos que favoreciam o plantio (RICKEN; RICKEN, 2008, p. 31).

Rio Fortuna era um núcleo da colônia de Grão Pará que passou a ser ocupada em 1893. Os primeiros registros demonstram que 16 famílias e 2 homens solteiros, de origem alemã, deram início à ocupação desta região (RICKEN; RICKEN, 2008, p. 37).

É a partir da chegada dessas famílias em Rio Fortuna, que iniciam as histórias contadas pelos nossos entrevistados. Cabe lembrar que estes pertencem a 2ª ou 3ª geração de colonos que tiveram contato com índios Xokleng. Dessas famílias, uma em especial, até hoje está presente na memória dos rio-fortunenses, a família Eising.

---

Bugres, município de Rio Fortuna; 4) Arventino Backes, 65 anos de idade, e Lúcia Rolling Backes, 65 anos de idade, moradores da comunidade de Rio dos Bugres, município de Rio Fortuna; 5) Adolfo Schmoeller, 85 anos de idade, e Ludovica Schömmeler, 81 anos de idade, moradores da comunidade de Rio dos Bugres, município de Rio Fortuna; 6) Huberto Boeing e Erica Boeing, moradores da comunidade de Rio Chapéu, município de Rio Fortuna; 7) Lúcia Boeing Backes, moradores da comunidade de Rio Chapéu, município de Rio Fortuna; 8) Benoni Rech e Elizabete Kesten, moradores da comunidade de Rio Chapéu, município de Rio Fortuna.

<sup>57</sup> Os desafios da história oral relacionam-se em grande parte aos seguintes limites: a) Aplicabilidade do método somente às épocas contemporâneas, à história do tempo presente; b) Predomínio da subjetividade; c) Possível influência, mesmo que involuntária, do transcritor da entrevista no conteúdo do documento escrito, oriundo do documento oral; d) Influência da conjuntura sobre o documento produzido, possibilitando alterações de visões sobre o mesmo fato ou processo, à medida que o tempo transcorre e as conjunturas se renovam; e) Dificuldade de se registrar expressões de rosto e emoções no documento escrito decorrente da entrevista, que não foi gravada em vídeo ou DVD;

Todos os 8 entrevistados citaram a morte do Sr. Geraldo (ou Gerhard) Eising. Dois desses forneceram-nos dados preciosos quanto à morte deste homem e sobre os motivos que levaram Ireno Pinheiro a perseguir e matar índios Xokleng (Apêndice A; B; C; D; E; F; G; H).

O primeiro foi o Sr. Roberto Irineu da Silva, filho de Ireno da Silva (Ireno Pinheiro) e Catarina Eising. Suas informações nos dão detalhes não só sobre a colonização e o embate, mas também sobre a cultura material Xokleng. Pois seu pai foi um dos maiores caçadores de índios da história catarinense.

A mãe do Sr. Roberto, Catarina Eising era filha de Geraldo Eising que foi morto por índios Xokleng, e segundo nosso entrevistado, esse foi o motivo que levou seu pai, Ireno Pinheiro a iniciar a perseguição e matança dos índios Xokleng no interior do Estado de Santa Catarina: “Pode acreditar que foi por causa da morte de meu avô. Porque perante isso, ele nunca, nunca tinha feito nada. Depois dessa morte, inventou de fazer vingança<sup>58</sup>”.

Quanto à morte, Geraldo Eising teria sido atingido por 2 flechas. A primeira, teria passado por cima dos braços no momento em que estava derrubando árvores. A segunda foi mortal, atingiu entre a costela e o ombro do colono. As flechas lançadas pelos Xokleng contra Geraldo eram de ferro: “Era de ferro, era um treco feito de dente, né? Então, ela era toda entornada, quando eles atiravam, assim, numa pessoa ou no bicho, ela entrava, para puxar, ela vinha arrebetando tudo, ela tinha aqueles ganchos, pegava e vinha arrebetando (...) <sup>59</sup>”.

O Sr. Paulo Bloemer, também neto de Geraldo Eising, confirmou que Ireno Pinheiro passou a perseguir índios por causa da morte de seu sogro. Em 1973, o próprio Ireno Pinheiro explicou o motivo de tanto ódio contra os Xokleng (Figura 22)

Eu peguei em seguir os bugreiros depois da morte do meu sogro. Aí eu disse que haverá de ter alguém na família que vingasse a morte de um homem tão bom. E o povo também tinha de dar um jeito. Alguém tinha que arriscar a vida. Eu tinha que fazer a defesa tanto da minha família como dos outros. E não é trabalho para todos. Tinha gente, que todos diziam de coragem, que se arrefeciam todos quando chegavam perto (DALL'ALBA, 1972, p. 387).

---

<sup>58</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino**. Em 7 de julho de 2009.

<sup>59</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**



Figura 22 - A delimitação em vermelho evidencia o suposto local do assassinato do sogro de Ireno Pinheiro, Geraldo Eising. Coordenadas UTM: 22J 078399\6887300<sup>60</sup>.  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Ireno e seus colegas jamais iam desarmados para a mata. Manusearam todos os tipos de armas de fogo: mulicha, parabelo, *winchester* e revolver de calibre 38. Fora os facões que utilizavam para terminar “o serviço” nas aldeias indígenas. Segundo Sr. Roberto foram 5 acampamentos Xokleng atacados por Ireno Pinheiro. O primeiro<sup>61</sup> foi em Rio Chapéu (Rio Fortuna); o segundo, no Morro da Palha<sup>62</sup>; o terceiro foi no Campo dos Padres, o quarto no Rio Perdido; e o quinto, no Rio Caeté<sup>63</sup>.

Os bugreiros perseguiram os índios pelo rastro. Dentro do mato, os Xokleng andavam em uma só trilha, e quando chegavam perto de suas aldeias, dispersavam-se. Essa era uma estratégia para confundir seus perseguidores<sup>64</sup>.

<sup>60</sup> Chegamos a este local através da indicação de Paulo Bloemer.

<sup>61</sup> Dall’Alba (1973, p.287) indica a comunidade de Rio dos Índios, também em Rio Fortuna, como sendo o local do primeiro ataque contra índios Xokleng. Segundo o autor, o ataque ocorreu porque índios teriam roubado uma roça de milho. Três homens participaram da empreendida: Ireno Pinheiro, Zé Domingos e Artur Brito.

<sup>62</sup> Não conseguimos detectar a que municípios pertencem estas localidades.

<sup>63</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

<sup>64</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

O porte físico dos Xokleng era bastante variado: “Tinha gente de todo o tipo aqui, porque aqui tinha bastante índios, né. Até o falecido meu pai contava que, quem atirou no falecido meu avô, era um baita de um homem bem alto, branco. Que o índio é uma cor vermelha, acho que aquele era bem branquinho<sup>65</sup>”.

A matança iniciava ao entardecer quando quase todos já estavam dormindo ou ao amanhecer. Não temos um número exato de índios mortos nos ataques, mas, segundo Sr. Roberto, nas primeiras aldeias que seu pai atacou, foram mortos em média 30 pessoas, sendo que 2 ou 3 indivíduos sempre fugiam. Ironia ou não, os bugreiros eram as pessoas que mais conheciam os Xokleng. Observavam tudo, para saber o momento certo de atacar.

As aldeias eram sempre implantadas em locais planos próximos a água corrente. As habitações Xokleng eram redondas, altas, cobertas por palhas do mato, de todos os lados e encostando-se ao chão. Antes do acampamento, havia uma cerca de varas cortadas e amarradas com cipó<sup>66</sup>. Eram bem altas e provavelmente serviam como muro de proteção.

Quanto às habitações, o Sr. Adolfo Schmoeller relata um outro tipo: “Quando nós viemos para cá, havia os arcos das casas deles nas árvores. Esses arcos eram pés plantados, pé crescido natural, era arcado por cima, amarrado em baixo com cipó”<sup>67</sup>.

Além de os Xokleng utilizarem pontas de flecha em ferro, havia também as de pedra e de madeira. As pontas de madeira eram confeccionadas a partir de uma árvore conhecida popularmente como coqueira. Os indígenas assavam essa madeira e depois confeccionavam as pontas com dentes. Para caçar passarinho, utilizavam pontas de madeira, para um animal maior ou pessoas, usavam pontas de ferro ou de pedra<sup>68</sup>.

Provavelmente, as pontas de flecha confeccionadas em pedra eram usadas para caçar animais enquanto que as pontas de metal utilizavam para a defesa<sup>69</sup>.

A maioria dos utensílios era confeccionada em taquara e cipó. Possuíam uma espécie de balaio para carregar a água. Os Xokleng tiravam a casca do cipó, depois colocavam taquara bem fininha e por fim, pegavam a cera de abelha, a derretiam e passavam por dentro do balaio para impermeabilizá-lo.

Ainda com madeira, confeccionavam botoque e cabos de flecha e lança. Produziam pilões que eram utilizados para quebrar a carne que roubavam das fazendas. Os Xokleng

---

<sup>65</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

<sup>66</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

<sup>67</sup> SCHMOELLER, Adolfo da. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino.** Em 10 de julho de 2009.

<sup>68</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

<sup>69</sup> BLOEMER, Paulo. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino.** Em 11 de julho de 2009.

faziam cordas de carne de aproximadamente 10 a 15 cm, além disso, passavam um tipo de erva (saborosa) para que não estragasse. Quanto à cerâmica nenhum dos entrevistados encontrou vestígio ou sequer ouviu falar sobre esta.

As caças eram assadas em espetos de madeira. As fogueiras eram mantidas durante dia e noite. Faziam o fogo com cera de abelha e com dois pedaços de madeira. “Eles pegavam a madeirinha podre, que era bem sequinha, botavam ali, quando dava aquela faisquinha eles passavam aquela madeirinha podre, ali eles iam soprando, até que faziam o fogo<sup>70</sup>”.

O único ritual descrito foi o de sepultamento. Havia dois tipos de enterro. No primeiro, enterravam em locais próximos às aldeias, que eram compostas por um único acampamento; o segundo, depositavam em grutas na serra.

Evidenciaremos a seguir as informações coletadas também nas entrevistas sobre os sítios arqueológicos indicados pelos entrevistados.

#### **4.2.2 Sítios Arqueológicos Identificados Através das Entrevistas**

A partir das entrevistas mapeamos 12 sítios arqueológicos: 6 na comunidade de Rio Chapéu; 5 na comunidade de Rio dos Bugres; e 1 no município de Santa Rosa de Lima. Da totalidade, 5 correspondem a sítios com mancha escura no solo, sem presença aparente de líticos; 5 apresentam líticos lascados e manchas escuras no solo; e apenas 2 caracterizam-se por líticos dispersos no solo. As manchas são de formato circular ou elipsoidal e os tamanhos são bastante variáveis. Estão implantados em terrenos ondulados, porém, em locais mais planos. Tentamos identificar características ambientais diferentes entre os tipos de sítios referidos, no entanto, todos apresentaram as mesmas características. A altitude média, que variou aproximadamente entre 160 a 450 metros, não indicou distinção entre tipos de sítios e altitude (Apêndice I).

O primeiro sítio mapeado a partir das entrevistas, foi o indicado pelo Sr. Roberto. Este sítio não está localizado em sua propriedade e nem no município de Rio Fortuna. Mas, diante da riqueza das informações, já que seria um acampamento Xokleng que seu pai, o

---

<sup>70</sup> SILVA, Roberto Irineu da. **Entrevista cit.**

bugreiro Ireno Pinheiro, teria atacado e matado os indígenas, resolvemos averiguar as informações.

De fato identificamos um sítio arqueológico na área indicada pelo Sr. Roberto, mas não no local exato onde ele nos mostrou, o sítio por nós identificado estava distante uns 300 metros. Este sítio encontra-se no município de Santa Rosa de Lima e está a uns 50 metros do Rio Perdido. Caracteriza-se por uma mancha escura no solo, de formato elipsoidal; suas medidas são de 8 x 7 metros. Seu pacote estratigráfico é de aproximadamente 40 cm. Junto ao sedimento de cor escura observamos fragmentos de seixos que poderiam estar associados a fogueiras. Nenhum material lascado foi identificado. Pensando tratar-se de um sítio recente, do início do século XX, realizamos uma datação em carbono C14. A data correspondeu às datações realizadas pelo projeto AMA, que foi de 990 a 780 A.P. (Calibrada, Beta-265887). A partir dessa informação podemos afirmar que este sítio não correspondeu aos Xokleng históricos. Não realizamos nenhuma escavação sistematizada neste local, entretanto, abrimos uma sondagem para coleta de sedimentos (Figura 23 a 25).



Figura 23 - Local indicado pelo Sr. Roberto Irineu da Silva sobre um acampamento Xokleng que Ireno Pinheiro teria atacado na Comunidade de Rio Perdido, município de Santa Rosa de Lima  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 24 - Sondagem realizada no local indicado pelo Sr. Roberto  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 25 - Sondagem realizada na mancha escura identificada a aproximadamente 300 metros do local indicado  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Próximo a esta mancha encontramos uma pequena gruta, que, segundo os moradores da Comunidade de Rio Perdido, servia como esconderijo para os “bugres”. Há uma história de que uma mulher Xokleng teria se escondido neste local com uma criança de colo, após ter sobrevivido ao ataque dos bugreiros (Figura 26).

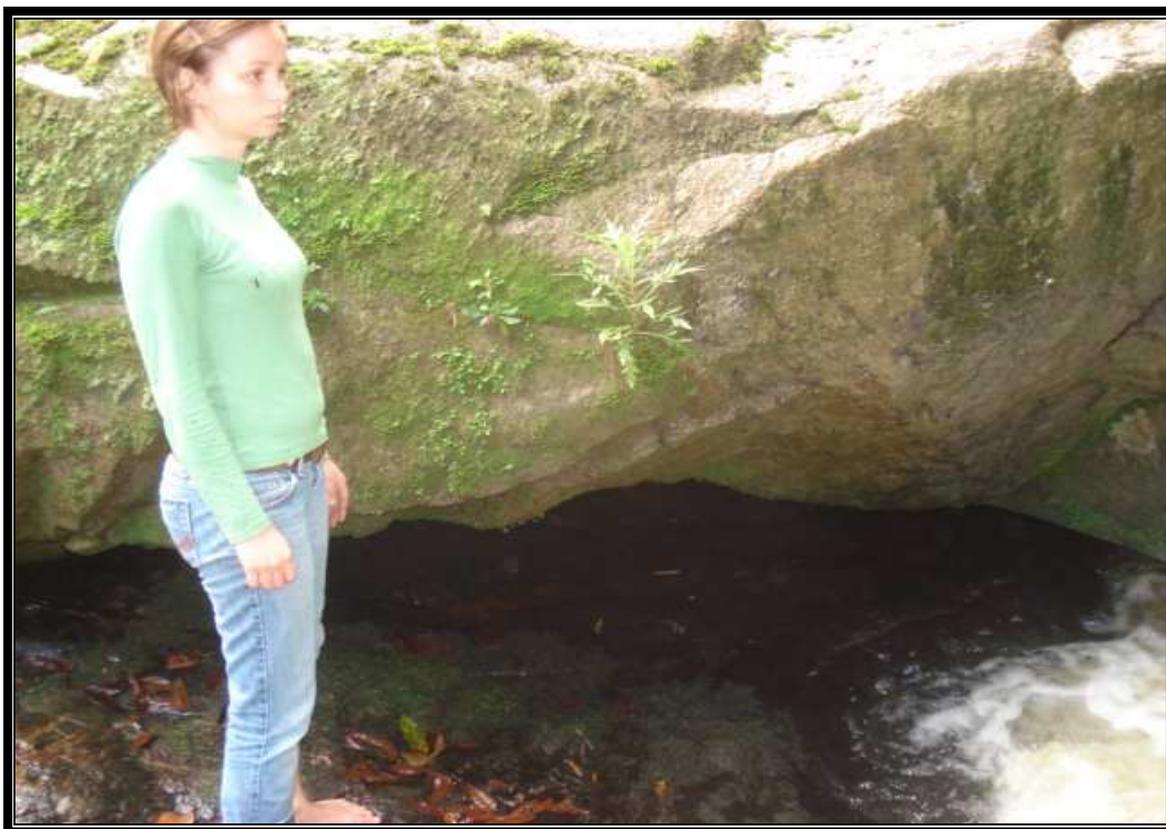


Figura 26 - Gruta encontrada 20 metros da mancha escura

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Podemos concluir que mesmo que “a terra preta<sup>71</sup>” não corresponda aos Xokleng do período histórico, os moradores criaram histórias ao longo do tempo para tentar explicar aquilo que encontram em suas propriedades. Como as histórias sobre os Xokleng ainda estão muito vivas na memória individual e coletiva, geralmente associam estes vestígios arqueológicos a este grupo indígena.

Na comunidade de Rio Chapéu identificamos 6 sítios arqueológicos. O Sr. Huberto Boeing nos indicou 1 em sua propriedade. A mancha (UTM: 22J 0674941/6890765) possui 9 x 10 metros com sedimento bastante escuro. Junto a esta eram encontrados muitos artefatos líticos, principalmente pontas de projétil. Mas, como a terra já foi muito lavrada os

---

<sup>71</sup>Os moradores dessas comunidades referem-se aos sítios arqueológicos com manchas escuras no solo como “terra preta” ou “terra de bugre”.

vestígios arqueológicos escassearam. Atualmente o local indicado encontra-se com pastagem<sup>72</sup>.

Quando perguntamos ao Sr. Huberto com que tipo de objetos os Xokleng obtinham os alimentos, disse o seguinte: “É com flecha, com flecha. Porque primeiro tinha aqui, um ranchinho de palha de mato, ai de lá eles atiravam as flechas, e pegavam ali no ranchinho de palha de mato (...)”<sup>73</sup>. Para ele, não há dúvida de que as pontas usadas eram de pedra, pois encontrava várias dessas em sua propriedade<sup>74</sup> (Figura 27 e 28).



Figura 27 - Pontas de projétil associada à mancha escura no solo, encontradas por Sr. Huberto Boeing  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

<sup>72</sup>BOEING, Huberto. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino.** Em 10 de julho de 2009.

<sup>73</sup> BOEING, Huberto. **Entrevista cit.**

<sup>74</sup> BOEING, Huberto. **Entrevista cit.**



Figura 28 - O círculo em vermelho indica o local da mancha e a seta no fundo da imagem localiza a casa do Sr. Huberto

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Outra mancha (UTM: 22J 0674787/6890824) foi localizada na propriedade de Lúcia Boeing. Possui 10 x 20 metros em formato elipsoidal. A coloração é escura e não apresenta líticos em superfície. Seus pais contavam que, quando se estabeleceram no Rio Chapéu, havia muitos índios. Ao contrário de muitos relatos, a Sra. Lúcia nos contou que os índios não roubavam e nem atrapalhavam as roças do seu pai<sup>75</sup> (Figura 29).

---

<sup>75</sup> BOEING, Lúcia. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino**. Em 12 de julho de 2009.



Figura 29 - Local da mancha indica pela Sra. Lúcia Boeing  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Nas terras do Sr. Benoni Rech também identificamos vestígios arqueológicos. Trata-se de uma estrutura (UTM: 22J 0674787/6890824) de coloração escura com presença de líticos em superfície, do tipo lascas e pontas de projétil em quartzo. A mancha possui forma elipsoidal com 12 X 13 metros. A esposa do Sr. Benoni, a sra. Elizabete nos informou que próximo a esta mancha havia outras, mas a atividade agrícola teria destruído essas evidências: “Meu pai dizia, isso aqui era o rancho dos bugres, nessas terras pretas ai. Aqui no nosso terreno tinha muito, porque é bem alto”<sup>76</sup> (Figura 30 e 31).

---

<sup>76</sup> RECH, Benoni; KESTEN, Elizabete. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino.** Em 15 de julho de 2009.



Figura 30 - Estrutura arqueológica indicada pelo Sr. Benoni Rech  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 31 - Ponta de projétil encontrada pelo Sr. Benoni Rech  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Na propriedade do Sr. Lindolfo Schueroff parece haver uma mancha (UTM: 22J 0681596/6890812) escura no solo. Pelo que contou-nos o morador quando o solo era arado podiam-se encontrar pontas de flecha. Fomos ao local indicado, mas não encontramos vestígios arqueológicos. O tamanho e o formato da mancha foram baseados nas descrições do proprietário do terreno. Infelizmente, não conseguimos realizar entrevista com Sr. Lindolfo. Apesar de termos marcado um horário não o encontramos em sua residência<sup>77</sup> (Figura 32).

<sup>77</sup> Todas as entrevistas foram marcadas nos locais e horários escolhidos pelo entrevistado. Nosso contato com o entrevistado ocorria em 2 momentos. Num primeiro momento visitávamos os moradores, conversávamos sobre a pesquisa, e se fosse de interesse deles, no outro dia realizávamos a entrevista.



Figura 32 - Suposto local de ocorrência de vestígios arqueológicos  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Um sítio lítico (UTM: 22J 0680118/6889137) foi descrito por Luiz Boeing. Segundo o mesmo havia muito material disperso, mas o arado e as constantes atividades agrícolas teriam destruído este sítio. A área de dispersão do material possui formato circular, equivalendo a 1000 metros quadrados.

Ao lado da estrada pela que tínhamos acesso à Comunidade de Rio Chapéu, encontramos uma mancha escura (UTM: 22J 677727/6890876) de 12 X 7 metros. Está próxima a uma cachoeira. Aparentemente não há presença de lascas em quartzo ou artefatos em superfície. Não conseguimos identificar o proprietário do terreno (Figura 33).



Figura 33 - Mancha escura no solo ao lado da estrada de acesso a Comunidade de Rio Chapéu  
 Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Na Comunidade de Rio dos Bugres mapeamos 5 sítios arqueológicos. Em apenas uma propriedade foram indicadas três manchas (UTM: 22J 0677043/6893370; 22J 0677058/6893203; UTM: 22J 0677115/6893196). Estas se encontram na propriedade do Sr. Adolfo Schmoeller, e estão próximas. A distância entre a mancha 1 e 2 é de 160 metros; mancha 2 e 3 apenas 50 metros; e da mancha 1 e 3, de aproximadamente 180 m. Possuem formato circular e suas medidas são: a) Mancha 1 possui 11 x 13 metros; b) Mancha 2 corresponde a 9 x 10 metros; c) Mancha 3 a 10 x 10 metros.

O Sr. Adolfo Schmoeller observou que nas manchas escuras eram achadas “pedras brutas”, provavelmente seixos utilizados e líticos polidos. As peças lascadas e polidas foram encontradas ao redor dessas manchas<sup>78</sup> (Figuras 34 a 40).

<sup>78</sup> SCHMOELLER, Adolfo; SCHMOELLER, Ludovica. **Entrevista cit.**



Figura 34 - Localização da mancha 1 – indicado por Sr. Adolfo Schmoeller  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 35 - Perfil da mancha 1 indica pelo Sr. Adolfo Schmoeller  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 36 - Localização da mancha 2 - indicado por Sr. Adolfo Schmoeller  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 37 - Localização da mancha 3 - indicado por Sr. Adolfo Schmoeller  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

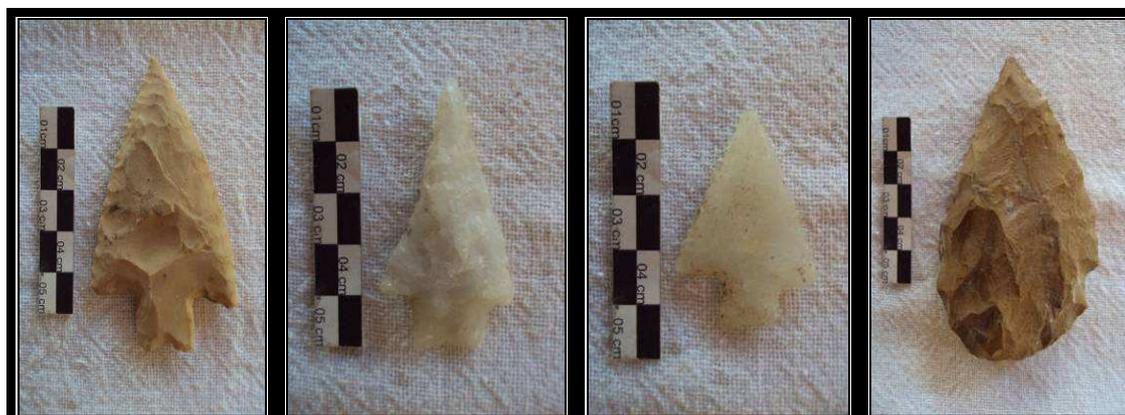


Figura 38 - Artefatos bifaciais coletados por Sr. Adolfo Schmoeller entorno das 3 manchas identificadas em sua propriedade  
Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 39 - Artefatos bifaciais coletados por Sr. Adolfo Schmoeller entorno das 3 manchas identificadas em sua propriedade

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

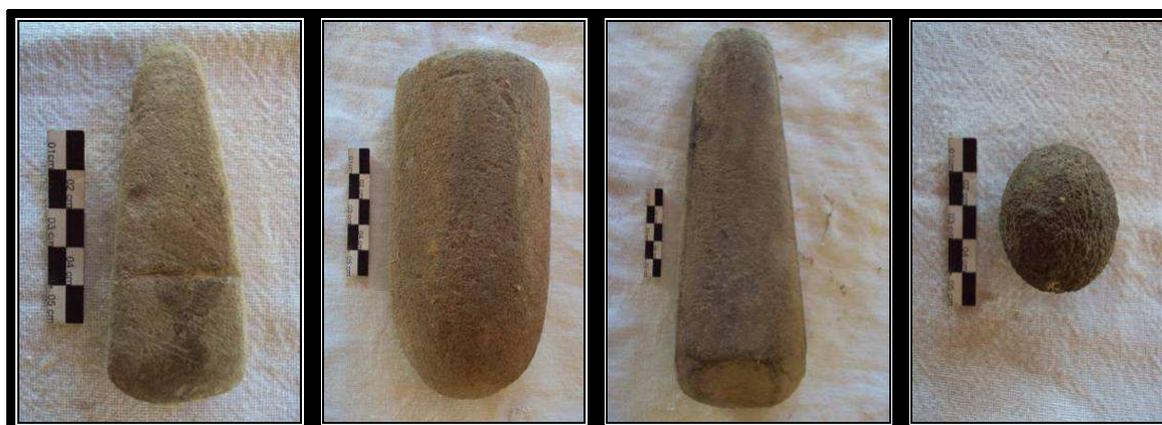


Figura 40 - Artefatos polidos coletados por Sr. Adolfo Schmoeller nas manchas identificadas em sua propriedade

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Como a mancha 1 está bastante preservada, coletamos uma amostra no nível 3 (30 cm) de carvão para datação em C14. A data deste sítio foi similar à da amostra datada em Santa Rosa de Lima, 920 a 700 A.P. (Calibrada, Beta-265886). Como podemos perceber, esses sítios foram contemporâneos. As datas obtidas com esses sítios não indicam nenhuma relação aos Xokleng históricos.

Outra mancha foi indicada em Rio dos Bugres pelo Sr. Arventino Backes<sup>79</sup>: “Eu sei que antigamente os primeiros, dizia que ali era o lugar que eles tinham os ranchos, que eles paravam ali, que eles faziam fogo e tudo. Falavam que era daquilo ali, tinha aquelas mancha preta”. Perto da mancha, encontrou há muito tempo atrás uma ponta de projétil, porém, acabou perdendo. Este sítio arqueológico possui formato elipsóide com aproximadamente 22 x 14 metros.

<sup>79</sup> BACKES, Arventino; BACKES, Lúcia Rolling. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino**. Em 09 de julho de 2009.

O último sítio mapeado foi encontrado na propriedade do Sr. Antônio Assing. Este possui formato elipsóide com 22 x 14 metros (Figura 41 e 42).



Figura 41 - Mancha escura indicada por Sr. Antônio Assing

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.



Figura 42 - No detalhe, a coloração escura da mancha identificada na propriedade do Sr. Antônio Assing

Fonte: Registrado pela a autora, 2009.

Segundo o Sr. Antônio Assing esta mancha representa os restos de um acampamento Xokleng. Os materiais líticos encontrados estão associados a fogueiras, também eram achadas pontas de flechas, no entanto, foram doadas. O proprietário acrescentou que este local foi atacado por bugreiros e que a terra preta não é propícia à agricultura<sup>80</sup>.

As informações coletadas a partir das entrevistas, foram de fundamental importância, pois, além de identificar vestígios materiais, possibilitou-nos compreender o nível de associação entre os sítios arqueológicos, os Xokleng e as colonização da região pesquisada. A seguir, teceremos uma discussão esboçando os dados que levantamos neste capítulo.

<sup>80</sup> ASSING, Antônio. **Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino**. Em 15 de julho de 2009.

### 4.3 DISCUSSÃO

Utilizamos dois tipos de fontes para a elaboração deste capítulo: a escrita; e a oral. A fonte escrita caracterizou-se principalmente por artigos e relatos produzidos no século XX, por indivíduos que se interessaram ou se preocuparam em registrar aspectos culturais e sociais da sociedade Xokleng, além do contato estabelecido entre eles e a sociedade brasileira a partir da Lei de Terras de 1850. Já na fonte oral, procuramos armazenar as particularidades da história do contato ocorrido na área da pesquisa, como a reação dos colonos perante o índio e vice-versa. Procuramos também verificar se os moradores das comunidades pesquisadas associam os sítios arqueológicos encontrados em suas propriedades aos Xokleng; e se a metodologia da história oral pode ser utilizada como ferramenta para a identificação de sítios arqueológicos.

Como essas fontes possuem origens distintas, faremos algumas observações que consideramos fundamentais à discussão. O conteúdo da fonte escrita e oral é transmitido, processado e interpretado por quem registra o fato ou por quem o guarda na memória. Assim, nenhuma informação pode ser tratada como um dado “bruto”, pois ao ser escrita, esta é polida, aparada, retificada. Portanto, a história que aqui escrevemos, foi produzida a partir do olhar do outro, seja do relator ou do entrevistado.

Os relatos utilizados neste capítulo foram produzidos num período em que em Santa Catarina debatiam-se dois projetos relacionados aos Xokleng, a catequização e o extermínio. Enquanto um considerava que os Xokleng podiam ser incluídos na sociedade nacional através de um longo processo de educação; o outro via como única saída o extermínio da etnia. Apesar das intenções serem diferentes, a ideologia dos brasileiros, influenciados pelo pensamento positivista, era apenas uma, a de que os Xokleng eram inferiores, sendo, portanto, identificados por vários autores como “selvagens” ou “primitivos”.

Outro ponto a ser constatado são as divergências de informações trazidas pelos autores. Não há consenso quanto ao território ocupado pelos Xokleng em Santa Catarina. Podemos inferir algumas considerações referentes à mobilidade desse grupo. 1ª) Possuíam uma alta mobilidade; essa hipótese é defendida por alguns pesquisadores, apoiando-se na teoria do movimento pendular, no inverno predominariam no interior, coletando pinhão e no verão se estabeleceriam no litoral, realizando seus rituais funerários e pescando (LAVINA, 1994); 2ª) A migração ao litoral teria ocorrido em função da diminuição do seu território no

interior; 3ª) O campo de visão desses narradores foi limitado, descreveram a parte de um todo, provocando divergências de informações.

As mulheres geralmente são descritas como responsáveis pelo serviço doméstico ou por sua função nas migrações. No entanto, uma informação trazida por Paula (1924, p. 121) atribuiu uma outra função às mulheres, que na ausência dos guerreiros durante longo tempo, caçavam por meio de laços e armadilhas.

A descrição das aldeias e acampamentos está associada aos Xokleng pós-contato. Em função da restrição de territórios, da perseguição dos bugreiros, as aldeias indígenas perderam lugar para os acampamentos. O formato retangular das habitações pode ser atribuído ao contato com o europeu.

A cultura material desse grupo é marcada por artefatos confeccionados em taquara, madeira, pedra e cerâmica. No entanto, não há consenso quanto à produção de cerâmica e nem da confecção de pontas de projétil em pedra. Também houve autores que negaram a prática da tecelagem.

Este conflito de informações muitas vezes é decorrente dos diferentes grupos observados, do período histórico vivido e do olhar do outro. Essas variantes também estão presentes na história oral tratada abaixo.

Partiremos agora para a história oral. Esta metodologia está diretamente ligada à memória individual e coletiva. Individual porque os entrevistados nos passaram suas interpretações pessoais de um ou mais fatos; e coletiva porque a partir dela são criados mitos e lendas passadas de geração a geração.

De acordo com Le Goff (1924) a memória coletiva é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. Para o autor, a memória faz parte do jogo de poder e se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, obedecendo aos interesses individuais ou coletivos.

A primeira consideração que podemos fazer quanto à história do contato na área pesquisada refere-se à vivacidade dos fatos contados. Os entrevistados, ao lembrar das histórias, lembravam também de seus familiares, pais, tios, avós e outros. Percebemos que a história local confunde-se com as histórias pessoais, e talvez por isso, estão tão presentes, tão vivas.

As 8 entrevistas realizadas, nos trouxeram informações, principalmente sobre a atuação dos bugreiros Ireno Pinheiro e Zé Domingos. E foi a partir das histórias que estes contavam depois das matanças nas aldeias ou acampamentos Xokleng que obtivemos a maioria das informações.

Alguns dados sobre a cultura material descrita por nossos entrevistados podem ser associados aos identificados nas fontes escritas. A confecção de artefatos em taquara, madeira e pedra foram evidenciadas por ambas as fontes. A cerâmica não foi descrita por nenhum entrevistado.

As pontas de projétil em pedra são associadas aos Xokleng, porém, não porque os indivíduos que tiveram contato com os indígenas as relataram claramente, mas porque essas pontas são encontradas nas propriedades de nossos entrevistados. Assim, para eles a única explicação para a ocorrência de pontas e de manchas escuras no solo deve-se à presença do Xokleng neste espaço. É importante lembrar que em nenhuma das entrevistas foi ressaltada a possibilidade desses vestígios arqueológicos terem pertencido a outras populações indígenas.

A história oral é uma ferramenta que pode ser usada junto a outras metodologias arqueológicas para a identificação de vestígios materiais. Dos sítios mapeados a partir das entrevistas, 2 foram datados, e estes não corresponderam ao período de contato. Então podemos inferir que quando nossos entrevistados nos disseram que os Xokleng usavam pontas de projétil em pedra, esta era uma conclusão pessoal, baseada numa associação entre os vestígios encontrados por eles e as histórias contadas pelos seus familiares.

Informações quanto às estruturas das aldeias e acampamento são semelhantes às descritas nos relatos.

Muitos entrevistados nos indicaram um livro intitulado como “O Vale do Braço do Norte” escrito por João Leonir Dall’ Alba, publicado pelo autor em 1973. Em um dos capítulos, essa obra narrou o contato trágico ocorrido entre índios e colonos na área de pesquisa. Ao contrapormos os dados citados nas entrevistas com os elementos contidos no livro de Dall’ Alba (1973) percebemos muitas semelhanças. Por isso, podemos deduzir que essas pessoas leram ou ouviram as histórias contidas neste livro.

É importante pensar nessas fontes, não como verdades absolutas, mas como meios de responder aos questionamentos feitos a elas. Por isso, a utilização de outras ciências se faz necessária na medida em que podem nos ajudar a construir não modelos inabaláveis ou intocáveis, mas que nos auxiliem a livrar-nos de olhares viciados, proporcionando ao objeto de pesquisa uma abordagem mais científica.

O quinto capítulo descreverá e comparará o modelo Xokleng proposto por Farias (2005) com os dados arqueológicos. Esta comparação será realizada através de uma tabela

com as duas informações. Em seguida faremos uma discussão e depois, levantaremos duas hipóteses com o propósito de dar continuidade às pesquisas na encosta de Santa Catarina.

## 5 O MODELO XOKLENG PARA A ENCOSTA DE SANTA CATARINA

As questões que compõem este capítulo circulam entre a Pré-história e a História dos povos indígenas que habitaram a encosta sul de Santa Catarina.

De modo geral, a Pré-história foi caracterizada por sítios arqueológicos do tipo manchas no solo e objetos líticos; e a História, pelos índios Xokleng, grupo que ocupava a região no período de expansão da sociedade brasileira. Apesar da intensificação das pesquisas no interior do Estado, muito pouco se conhece sobre esses dois objetos de estudo. Por isso, nosso maior objetivo está em comparar, o modelo etnohistórico e etnográfico Xokleng elaborado por Farias (2005) com os sítios arqueológicos encontrados nesta região.

Prous (1992) ressalta que a comparação etnográfica deve servir para abrir a mente dos pesquisadores, não para fornecer receitas interpretativas. Desta forma, o “arqueólogo não pode pretender pensar como os homens que deixaram os vestígios (...), mas pelo menos deve ser capaz de entender que haja sistemas de pensamentos distintos, (...), e aplicados a condições de vida que mal conseguimos imaginar (PROUS, 1992, p. 52)”.

Inicialmente, apresentaremos o modelo Xokleng; em seguida mostraremos os dados arqueológicos, de maneira sintética, já que os apresentamos em capítulos anteriores. E, por fim, realizaremos uma discussão, a partir de um quadro de comparação entre os dados Xokleng (FARIAS, 2005) e os arqueológicos.

### 5.1 MODELO XOKLENG

Farias (2005) elaborou, em sua tese de doutorado, um modelo de assentamento Xokleng, constituído a partir de fontes etnohistóricas e etnográficas. O mapeamento de sítios arqueológicos e a análise de coleções líticas da Tradição Umbu também contribuíram para a construção desse modelo.

A pesquisadora propôs um assentamento mais estável para os Xokleng que ocuparam a encosta catarinense até o início do século XX. Esse modelo forrageiro caracterizou-se por um número considerável de pessoas que se distribuíam em um acampamento central. Quando parte do grupo saía para forragear, utilizariam os acampamentos periféricos (FARIAS, 2005).

O território ocupado pelos Xokleng é representado por uma região que possui várias zonas de ecótono<sup>81</sup> com uma diversidade florística e faunística intensa.

Farias (2005) considerou que a área seria ocupada por grupos que percorriam a região em busca, não apenas, de alimentos, provenientes de caça e coleta, mas também de espaços rituais e socialmente relevantes, como rios, cachoeiras, corredeiras e montanhas. Esse ambiente possibilitaria, com poucas horas de caminhada, o acesso a recursos diversificados por pequenos grupos que se deslocavam para coletar e caçar, retornando ao local do assentamento principal em algumas horas ou dias<sup>82</sup>.

As trilhas abertas por quase toda a mata indicariam que os diversos grupos da região mantinham algum tipo de contato. Além disso, seriam, também, espaços de manejo de espécies vegetais, imprescindíveis para a alimentação e cura. As trilhas poderiam também definir territórios (FARIAS, 2005) (Figura 43).

---

<sup>81</sup> Ecótono é a transição entre duas ou mais áreas e ecossistemas diferentes (ODUM, 1977).

<sup>82</sup> Para melhor compreensão dessa movimentação, a pesquisadora utilizou a teoria da forragem ótima proposta por Bettinger (1991). Ele afirma que as decisões humanas são feitas para maximizar a taxa líquida de ganho de energia. Os grupos escolhem a dieta (amplitude dietética natural ou forçada), o local da forragem (escolha do trecho), o tempo de forragem, o tamanho do grupo de forragem e o local de assentamento. Bettinger (1991) propõe o Modelo de Amplitude Dietética em que esclarece que os alimentos disponíveis não possuem abundância infinita e, por isso, todos os recursos devem ser buscados antes de sua exploração. Isto significa que a taxa momentânea de retorno de energia deve incluir tempo gasto (e talvez energia) buscando itens para explorar. Isto requer que avaliemos a seleção de recursos, porque o que mais preferiríamos explorar, nem sempre é compensador, pois sua taxa de retorno em energia, uma vez encontrada, é maior e pode ser tão raramente encontrado que buscá-lo exclusivamente resultaria numa taxa de retorno muito baixa (FARIAS 2005, p. 120-121).

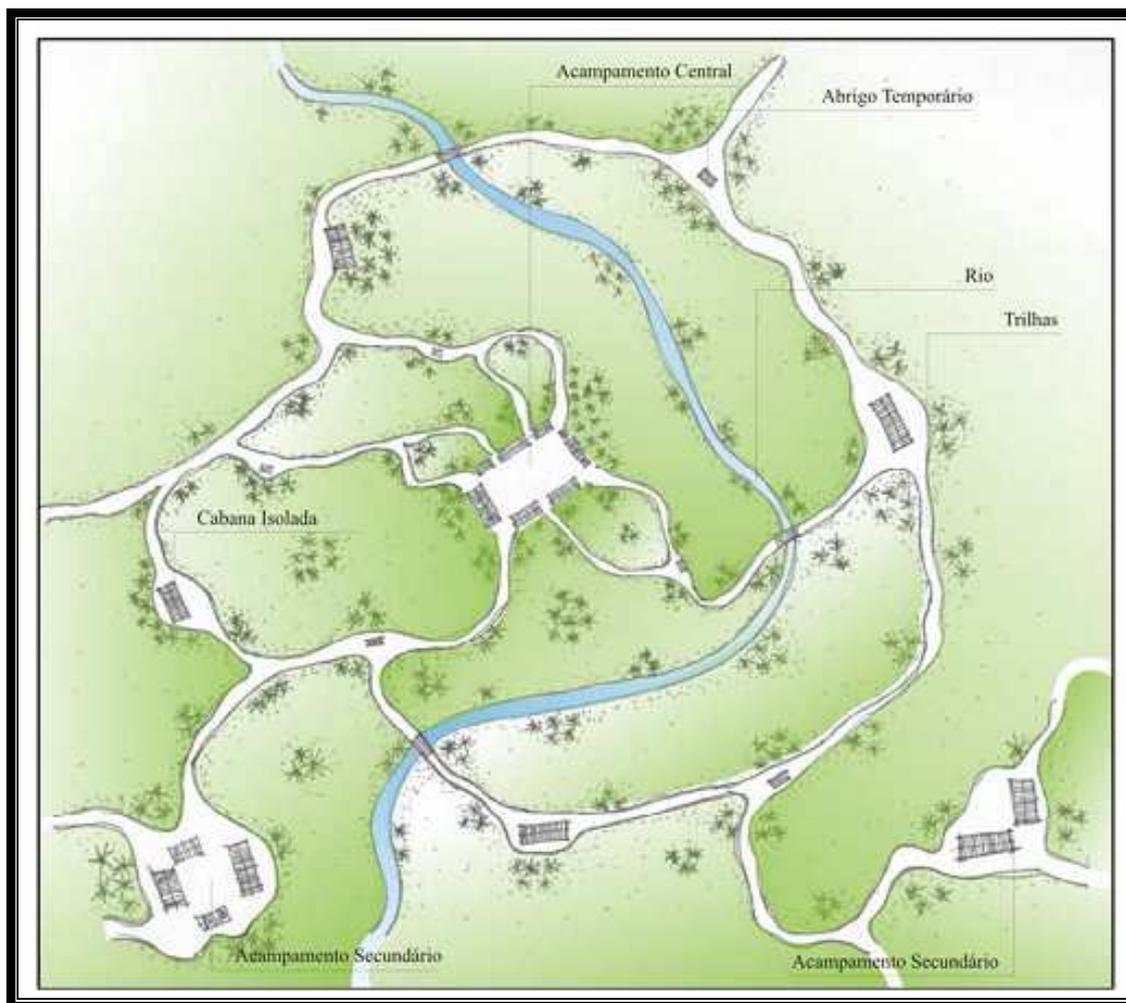


Figura 43 - Planta geral do modelo de padrão de assentamento proposto por Farias para os Xokleng da encosta catarinense  
Fonte: Farias (2005).

A autora do modelo sugeriu também que grupos menores poderiam se deslocar para o planalto em busca do pinhão. Esses pequenos grupos retornariam ao acampamento com os cestos cargueiros cheios do alimento. Esses últimos podiam ser preparados, armazenados, divididos ou consumidos (FARIAS, 2005).

A caça foi entendida como forte motivadora para os deslocamentos. No entanto, o ambiente ocupado pelos Xokleng proporcionava certa estabilidade de alimentos, não havendo, portanto, nenhuma necessidade de armazenar ou salvar recursos, além daqueles necessários para o consumo imediato (FARIAS, 2005).

Farias (2005) apontou dois tipos de habitação: uma grande e resistente que reuniria um número maior de pessoas; e outra menor, utilizada para pernoites de pequenos grupos que se deslocavam no território para caçar, coletar, ou simplesmente visitar parentes (FARIAS, 2005).

Os assentamentos com cabanas maiores estariam localizados na meia-encosta, nas vertentes suaves, próximas às nascentes e aos banhados, onde seriam armazenados os pinhões. Além de abrigar diversas famílias (50 a 300 pessoas), essas cabanas, distribuídas em até 9, estariam distantes entre si de 50 a 100 (FARIAS, 2005).

Dentro das cabanas não haveria nenhum tipo de divisão, diversos dormentes eram amarrados e cobertos com folhas de palmeiras trançadas. Dependendo do local, aproveitavam as árvores disponíveis, utilizando suas copas como parte do telhado. Suas cabeceiras não eram fechadas e seu teto-parede descia até 40 cm do chão. Como o grupo abria pequenas clareiras para a construção de suas cabanas, essas se misturavam à paisagem (FARIAS, 2005) (Figura 44).

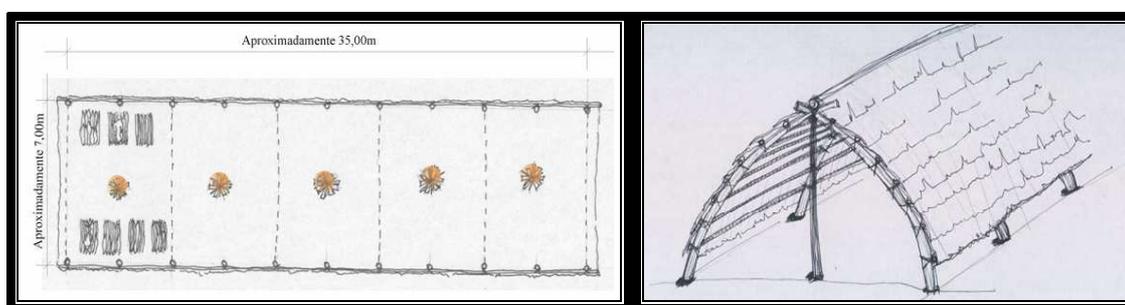


Figura 44 - Croqui esquemático da cabana grande  
Fonte: Farias (2005).

As trilhas davam acesso a locais distantes, onde haveria cabanas pequenas e menos elaboradas, utilizadas para abrigar entre 5 e 20 indivíduos. Deslocar-se-iam por curto período para caçar ou coletar alimentos em áreas mais distantes do acampamento maior. Nesses abrigos as fogueiras estavam na frente, do lado de fora (FARIAS, 2005) (Figura 45).

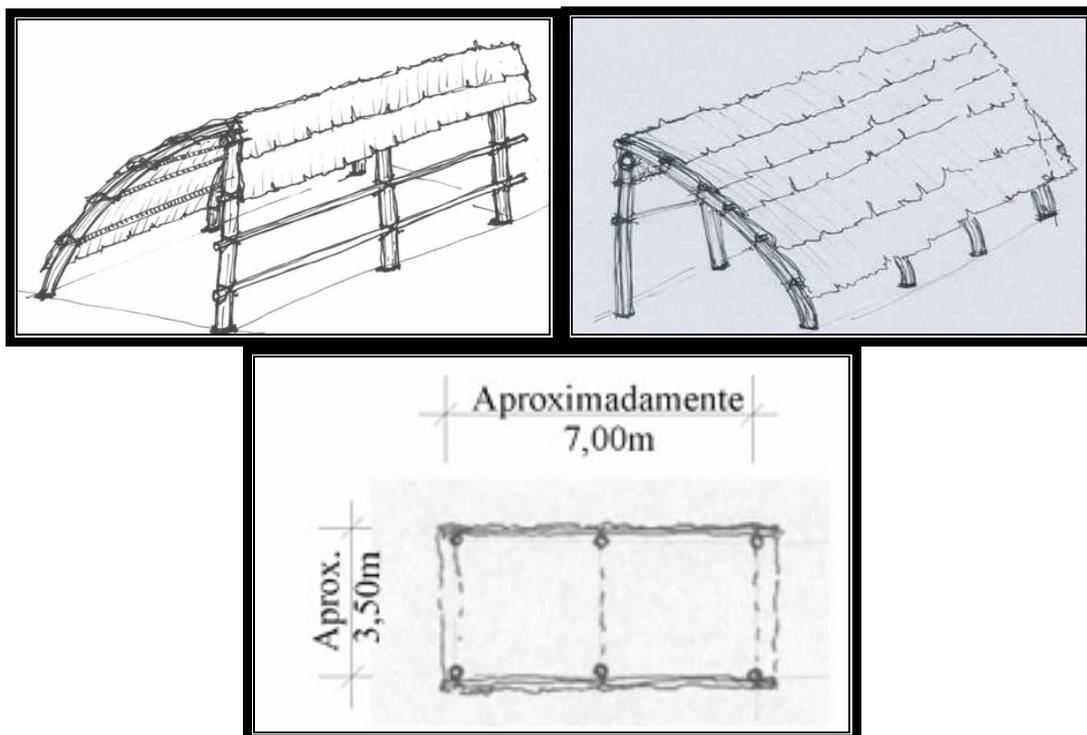


Figura 45 - Croqui do abrigo temporário  
Fonte: Farias (2005).

Quanto aos rituais, um dos mais importantes era a festa de perfuração dos lábios. Farias (2005) afirmou que essa festa atraía pessoas de vários lugares e, por isso, se necessitavam cabanas amplas e reforçadas. A mata em volta era aberta para as comemorações e danças. Vários artefatos eram confeccionados, como os cochos para a preparação da bebida, os fornos subterrâneos e os moquéns. A cerâmica parece ter desempenhado importante papel, já que era produzida em quantidade (FARIAS, 2005) (Figura 46).

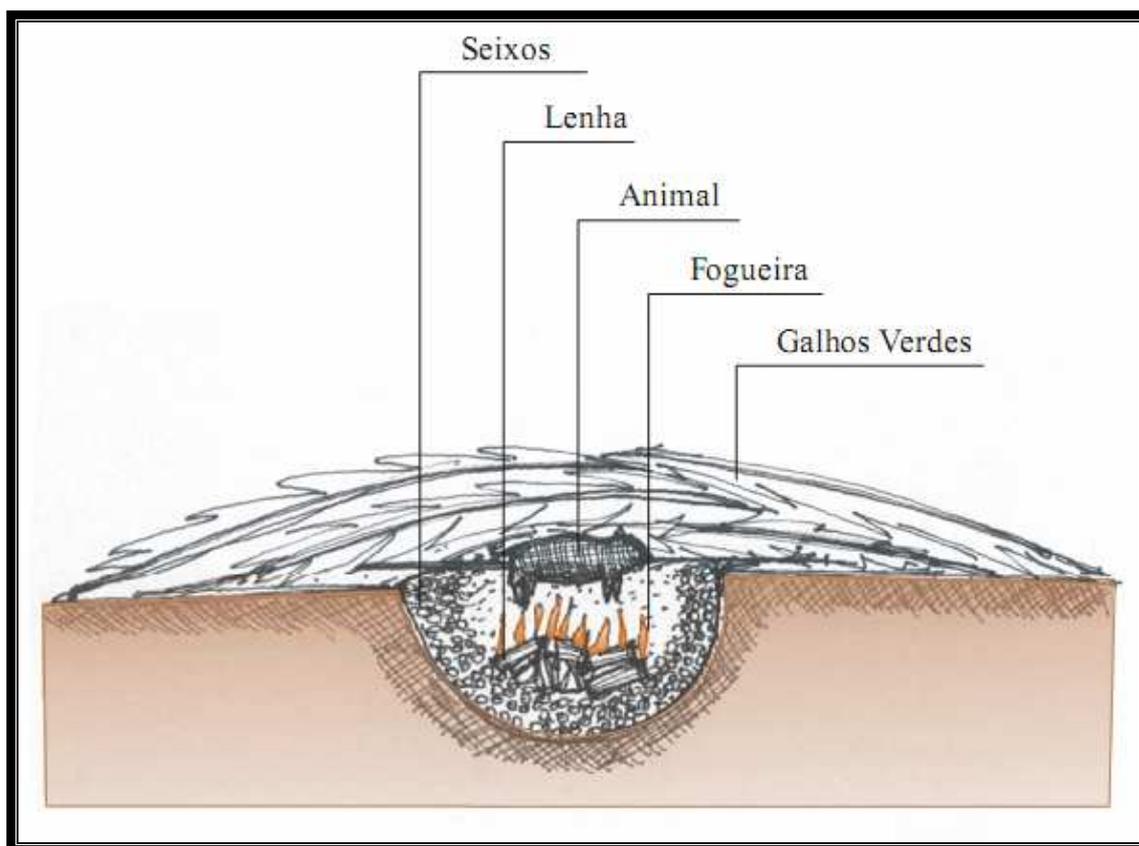


Figura 46 - Croqui do forno subterrâneo  
Fonte: Farias (2005)

Outro elemento ritualístico que se destacava entre os Xokleng era a cremação dos mortos (FARIAS, 2005) (Figura 47).

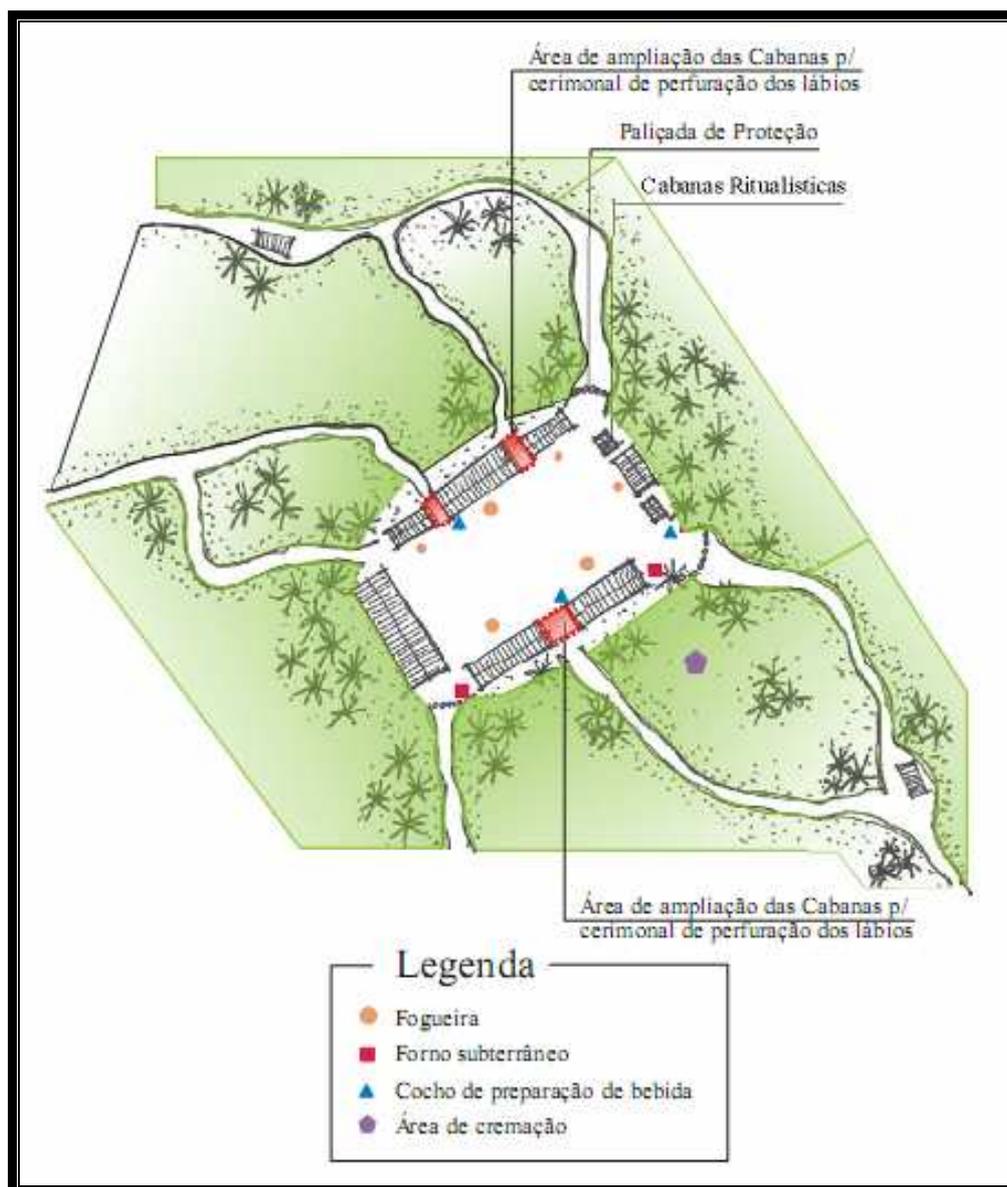


Figura 47 - Planta do acampamento central  
Fonte: Farias (2005).

Este modelo condensa os principais elementos materiais e imateriais Xokleng contidos nos documentos escritos, estudados por Farias (2005) para sua tese de doutorado. Como não foi aplicado, testado ou comparado, encontramos, neste modelo, um forte motivador para o avanço das pesquisas arqueológicas, na encosta de Santa Catarina.

A seguir, faremos uma síntese dos dados arqueológicos.

## 5.2 OS DADOS ARQUEOLÓGICOS

Conforme observamos no capítulo 3 desta dissertação, a encosta sul catarinense é repleta de vestígios arqueológicos: os abrigos, as casas subterrâneas, as cerâmicas, os líticos, as manchas; e outras marcas, que podem ser encontrados com mais ou menos intensidade. Porém, na área desta pesquisa, as comunidades de Rio dos Bugres, Rio Chapéu e Rio Facão, no município de Rio Fortuna, predominam os vestígios líticos e as manchas escuras no solo.

Ao todo foram identificados 66 sítios arqueológicos, 54 pelo projeto AMA e 12<sup>83</sup> por esta pesquisa, que se apresentaram da seguinte forma: **a) Lítico** – O material correspondente associa-se à Tradição Umbu e quase sempre se constitui de lascas e artefatos bifaciais e unifaciais confeccionados em quartzo; **b) Lítico com mancha escura no solo** – Está representado por sítios líticos também ligados à Tradição Umbu, que, por estar em superfície, associa-se a estruturas e a coloração escura no solo. Além de material lascado, aparecem alguns artefatos polidos, como lâminas de machado e mãos de pilão, produzidos em basalto, diabásio e arenito. As manchas escuras possuem formato circular ou oval e suas medidas variam em torno de 4 a 15 metros; **c) Mancha escura** - Caracteriza-se pela presença de estruturas superficiais. Junto a essas não é encontrado nenhum outro vestígio arqueológico aparente.

Para esse conjunto de sítios arqueológicos possuímos apenas 4 datações em C14, duas realizadas pelo projeto AMA, as outras duas por este trabalho. O SC-RFT-01 apresentou uma data de 1180 a 970 A.P. - Cal (Beta-235320); já o SC RFT-11 equivaleu a 920 a 730 A.P. - Cal (Beta-242801)<sup>84</sup>; O sítio de Santa Rosa de Lima apresentou a data de 990 a 780 A.P. - Cal (Beta-265887); e o sítio Adolfo Schömeller I foi datado em 920 a 700 A.P. - Cal (Beta-265886). As datas estão consideravelmente próximas, sugerindo pertencerem a um mesmo período de povoamento.

Esses sítios encontram-se a oeste do centro de Rio Fortuna, em altitudes entre 250 a 400 metros. A vegetação predominante na área é caracterizada por Floresta Ombrófila Densa, mas também podem ser encontradas espécies típicas da Floresta Ombrófila Mista. Além dos recursos florísticos, não podemos esquecer os da fauna, que provavelmente foram abundantes no período pré-histórico, e teriam sido importante fonte alimentar para esses povos.

Geralmente os vestígios encontram-se próximos a recursos hídricos; distantes entre 20 a 250 metros. Além disso, constatamos que as populações indígenas que habitaram a

---

<sup>83</sup> Desses 12 sítios, 1 foi encontrado no município de Santa Rosa de Lima. Os detalhes desse mapeamento estão no capítulo 4.

<sup>84</sup> Os sítios SC-RF-01 e o SC-RF-11 foram datados pelo projeto AMA.

encosta na pré-história utilizavam-se dos recursos minerais e rochosos que o ambiente disponibilizava; o quartzo foi, sem dúvida, a matéria-prima mais usada para a confecção de artefatos, como lascas e pontas de projétil. Os grupos, também, utilizaram diabásio, basalto, arenito silicificado para a confecção de artefatos polidos, mas numa escala bem menor.

Acreditamos que outros recursos foram utilizados pelos grupos, no entanto, não são ou ainda não foram encontrados. De qualquer maneira, a continuidade das pesquisas tanto em campo como em laboratório se faz necessária, já que os dados identificados por nós e por outras pesquisas não possuem um estudo mais aprofundado sobre a ocupação da encosta.

### 5.3 DISCUSSÃO

Na medida em que esta pesquisa foi se encaminhando, outras interrogações surgiam, além daquelas pretendidas neste trabalho. Para algumas dessas problemáticas a pesquisa possibilitou resposta; outras continuam a nos inquietar. Certamente, permanecerão por mais alguns anos, pois continuarão a nortear pesquisas arqueológicas relacionadas à ocupação da encosta catarinense, ou ainda, numa proporção maior, à ocupação do Brasil Meridional, por caçadores-coletores e grupos do Tronco Lingüístico Macro-Jê no período pré-histórico.

O maior desafio desta pesquisa foi comparar o modelo Xokleng de Farias (2005) com os dados arqueológicos levantados em campo e em bibliografias (relatórios, teses, dissertações, monografias e outros). Esta comparação tornou-se, especialmente, complexa devido às divergências nas informações, ocasionadas pelos diferentes tipos de fontes, e pela abrangência temporal das mesmas. Portanto, modelos de ocupação baseados em documentos históricos, pouco provável, serão associados aos modelos produzidos por dados arqueológicos, ou vice-versa. Isso porque estamos lidando com duas ciências que se utilizam em certa medida de teorias e métodos diferentes, apesar de possuírem uma aproximação com o objeto de pesquisa.

Para a criação do modelo Xokleng, Farias (2005) utilizou uma série de documentos baseados nos seguintes autores: Gernhard (1901), Paula (1924), Entres, (1927), Leão (1928), Silva (1930), Henry (1941, 1944), Kempf (1947), Schaden (1937, 1953), Santos (1964, 1966, 1969, 1970, 1987, 1997), Simonian (1975), Lavina (1994), Noelli, (1996, 1998, 1999,

2000, 2003), Silva (1999, 2000), Scheibe (1996) e Silva e Noelli (1996) (*apud* FARIAS, 2005: 88).

Constatamos que essas fontes possuem um extenso período de abrangência, já que a autora não delimitou temporalmente sua pesquisa em termos documentais. Por isso, devemos nos certificar, atentamente, quanto à variação de informações obtidas através dos documentos e pela forma como foram interpretadas e utilizadas para a elaboração do modelo Xokleng. Atentamos para isso, porque, nem sempre, os autores descreveram aquilo que presenciaram. Muitas vezes, relataram apenas o que lhes foi dito. E, também, porque as impressões desses autores são aleatórias, observaram ou relataram observações de vários grupos Xokleng. Isto pôde ser verificado, principalmente, nos registros anteriores à metade do século XX. Assim, o modelo criado por Farias (2005) não, necessariamente, representa o sistema de assentamento dos Xokleng no período histórico.

Com o intuito de que as informações do modelo Xokleng e dos vestígios arqueológicos, encontrados na área de pesquisa desta dissertação, tornem-se mais consistentes, resolvemos apresentá-los em forma de tabela para facilitar a comparação, quando possível, desses dados (Tabela 12).

Tabela 12 - Tabela de comparação entre modelo etnohistórico e etnográfico Xokleng e os vestígios arqueológicos

	<b>MODELO ETNOHISTÓRICO E ETNOGRÁFICO XOKLENG (FARIAS, 2005)</b>	<b>VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS</b>
<b>A) CRONOLOGIA</b>		
❖ Período aproximado das referências utilizadas.	Início do século XX.	1180 a 700 BP.
<b>B) AMBIENTE</b>		
❖ Localização geográfica	Encosta catarinense.	Encosta sul catarinense, município de Rio Fortuna.
❖ Vegetação	Floresta Ombrófila Densa com áreas de ecótono.	Floresta Ombrófila Densa com áreas de ecótono.

**continua**

continuação

	<b>MODELO ETNOHISTÓRICO E ETNOGRÁFICO XOKLENG (FARIAS, 2005)</b>	<b>VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS</b>
❖ Área de implantação	Meia-encosta, nas vertentes suaves, próximas às nascentes e aos banhados.	Meia-encosta, nas vertentes suaves, próximas às nascentes e aos banhados.
❖ Proximidade de água potável e altitude média, em metros.	Sem especificação referente à proximidade de água. Quanto à altitude aproximadamente 500 metros.	Varia de 20 a 250 metros de distância. A altitude varia entre 250 a 400 metros.
<b>C) PADRÃO DE ASSENTAMENTO</b>		
❖ Aldeia e abrigo	<p>Os <b>assentamentos estáveis</b> eram compostos por até 9 cabanas que ficavam distantes, uma da outra, entre 50 a 100 m. Possuíam formato retangular e mediam 35m x 7m, abrigariam de 50 a 300 pessoas. Dentro não havia nenhum tipo de divisão, diversos dormentes eram amarrados em forma abobadada e cobertos com folhas de palmeiras trançadas, ou ainda, aproveitavam as árvores já disponíveis e utilizavam suas copas como parte do telhado. Suas cabeceiras não eram fechadas e seu teto-parede alcançava no máximo 40 cm antes do chão.</p> <p>Os <b>abrigos</b> recebiam indivíduos de outras aldeias ou grupos de caçadores. Essas estruturas comportavam entre 5 e 20 pessoas. Nesses abrigos as fogueiras estavam na frente, do lado de fora.</p>	<p>Os sítios arqueológicos identificados na área da pesquisa estão classificados em: <b>a) Líticos:</b> Material lítico típico da Tradição Tecnológica Umbu (lascas, artefatos unifaciais, bifaciais e pontas de projétil); <b>b) Líticos com mancha escura no solo:</b> Representam sítios líticos ligados à Tradição Umbu e, por estarem em superfície, associam-se a restos de estruturas de coloração escura no solo. Estas manchas possuem formato circular ou oval e suas medidas variam em torno de 4 a 15 metros de comprimento; <b>c) Manchas:</b> Caracterizam-se pela presença de estruturas (combustão, fundo de cabana e outras) superficiais. Junto a essas não é encontrado nenhum outro vestígio arqueológico aparente.</p> <p>As distancias entre um sítio e outro, varia entre 50 e 200 metros. Já o pacote estratigráfico não ultrapassa 30 ou 40 cm de profundidade.</p>

continua

continuação

	<b>MODELO ETNOHISTÓRICO E ETNOGRÁFICO XOKLENG (FARIAS, 2005)</b>	<b>VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS</b>
❖ Espaços de Rituais	a) A festa de perfuração dos lábios; b) Cremação dos mortos;	Não há vestígios identificados.
❖ Trilhas	Da aldeia central eram abertas trilhas por quase toda a mata. Essas ligariam a cabanas maiores e outras menores. Levariam também a locais distantes, onde havia cabanas pequenas e menos elaboradas.	Não há vestígios identificados.
❖ Fornos subterrâneos	Caracterizados como covas circulares, com o fundo e as laterais forrados com seixos até a borda da cova.	Não há vestígios identificados.
❖ Moquéim	Local onde os caçadores preparavam as peças antes de levar para os assentamentos maiores. Era uma espécie de grade de varas que servia para assar ou defumar o animal, que seria levado ao acampamento sem muita dificuldade.	Não há vestígios identificados.
❖ Paliçadas de proteção	Serviam como cerca que protegia principalmente as áreas de rituais.	Não há vestígios identificados.
❖ Fogueiras	Podiam ser acesas dentro das cabanas por cada família, como também fora das cabanas. Estas geralmente eram maiores.	Manchas escuras no solo com presença de carvão e seixos. Junto a essas estruturas podem ser encontrados objetos líticos, como as pontas de projétil. Seu tamanho varia em torno de 4 a 15 metros.
<b>D) ARTEFATOS EM:</b>		
❖ Madeira	Cochos, arcos; lanças, pontas serrilhadas, viotes.	Não há vestígios identificados.
❖ Cerâmica	Associada aos rituais. Recipientes maiores serviam para a cocção de maior quantidade de alimentos. Sem decoração	Não há vestígios identificados.
❖ Cestaria	Cestos cargueiros, balaio, cestos impermeabilizados com cera de abelha.	Não há vestígios identificados.
❖ Artefatos em pedra	Lâmina de machado; pilão; mão de pilão, raspadores, seixos.	Ponta de flecha, lasca, lâmina de machado, mão de pilão.

continua

continuação

	<b>MODELO ETNOHISTÓRICO E ETNOGRÁFICO XOKLENG (FARIAS, 2005)</b>	<b>VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS</b>
❖ Folha de palmito	Travesseiros e esteiras.	Não há vestígios identificados.
❖ Ferro	Armas de caça e guerra.	Não há vestígios identificados.
<b>E) SUBSISTÊNCIA</b>		
❖ Caça	Anta, porco do mato, cervídeos, bugio, jacutinga, diversos tipos de ave.	Não há vestígios identificados.
❖ Coleta	Pinhão, palmito, cará, myrtaceas, larvas de inseto.	Não há vestígios identificados.
❖ Pesca	Sem especificação.	Não há vestígios identificados.
❖ Cultivo	Erva medicinal e alimentar.	Não há vestígios identificados.

Fonte - Elaborado pela autora, 2010.

Como já verificamos, nem todos os dados são passíveis de comparação, principalmente aqueles referentes à cultura material. Já o espaço geográfico, o ambiente, o local de implantação dos sítios arqueológicos e a altitude média foram iguais ou semelhantes nos dois objetos de comparação.

Quanto ao padrão de aldeia explicitado no modelo Xokleng e nos vestígios arqueológicos, constatamos que a distância informada por Farias (2005), entre as cabanas varia entre 50 e 100 metros. Na arqueologia, a distância entre os registros varia de 50 a 200 metros. Concedendo alguma margem de erro, observamos semelhanças entre as fontes. No entanto, nos dados arqueológicos não conseguimos identificar e distinguir aldeias centrais e abrigos dispersos pelo território, como é indicado no modelo. O mapa 3 apresentado no capítulo 3, mostra os sítios mapeados pelo projeto AMA.

Portanto, o mapa 3 não apresenta uma organização espacial compatível com a estrutura apresentada no modelo, sendo que estas são dispostas de forma radial a um centro comum. Já os dados arqueológicos demonstram ora estruturas aglomeradas ora isoladas. Arqueologicamente não houve indicação do que poderia ser uma aldeia central e um acampamento de periferia.

Outro elemento do modelo que não corresponde à realidade arqueológica é o formato das casas Xokleng. O modelo traz estruturas retangulares que mediam 35 m x 7 m.

Arqueologicamente não se identificou nenhuma estrutura retangular, apenas estruturas circulares ou ovais, cuja medida, maior, varia entre 4 m e 15 m de comprimento. Mais uma vez chamamos a atenção para a interpretação das fontes escritas. Casas retangulares ou quadradas estão relacionadas ao padrão europeu. Duas observações podem ser feitas a partir desta informação: 1ª) Estruturas retangulares teriam sido construídas pelos Xokleng quando estes já estavam em contato permanente com a sociedade brasileira<sup>85</sup>; 2ª) Apesar das informações contidas nos documentos estarem relacionadas aos Xokleng, nem sempre os autores teriam descrito a realidade observada com a necessária fidedignidade. Poderiam ter transferido a experiência de sua realidade, baseada em casas retangulares, para suas descrições de outras culturas. O formato da casa poderia ser considerado um pormenor, sem importância. Em se tratando de arqueologia, como não existem escavações sistemáticas das manchas para mostrar suas estruturas construídas, podemos pensar em distribuição de resíduos, mas, não, propriamente, no formato do estabelecimento.

Farias (2005) ressalta que os Xokleng construíam suas casas usando como materiais, árvores e folhas; porém, a pesquisa arqueológica na área em estudo não identificou esses vestígios. Como não foram encontrados outros materiais de construção como adobe, tijolo, pedra ou metal, entendemos que a informação contida no modelo Xokleng pode estar correta.

Vestígios de alimentos tão pouco foram recuperados. A princípio, consideramos dois motivos para a ausência destes vestígios nos sítios arqueológicos, o solo ácido e os agentes tafonômicos. A acidez do solo torna rápida a decomposição dos materiais orgânicos; e agentes tafonômicos diferentes intervêm na decomposição deles: fenômenos naturais, como chuva, vento, alterações térmicas. Os de origem animal, como larvas de insetos, que se alimentam dos restos vegetais. E, por fim, os de origem humana, com a retirada da vegetação e preparo do solo para a agricultura.

Espaços de rituais, trilhas, fornos subterrâneos, moquém, paliçadas de proteção não foram encontrados em nossa pesquisa, porém, isso não quer dizer que não tenham existido. A justificativa para a falta desses vestígios está relacionada aos mesmos motivos do parágrafo à acima e com os objetivos e métodos da pesquisa arqueológica anterior.

Já a ausência de cerâmica, tanto no registro arqueológico como nas entrevistas, demonstra que os grupos que ocuparam a área da pesquisa não a confeccionavam, ou a

---

<sup>85</sup> No Posto Indígena Duque de Caxias<sup>85</sup>, em Ibirama – SC, no início do século XX, os Xokleng eram levados para este local onde deviam ser “pacificados”. Lá aprendiam a se comportar como “civilizados”;

confeccionavam em quantidade tão irrisória que sua presença não pôde ser detectada. Deste modo, esta informação não corrobora com o modelo de Farias (2005) quando afirma que os Xokleng intensificavam a produção de cerâmica nos rituais de passagem.

A cestaria e o ferro também não fazem parte de nossas informações arqueológicas. Acreditamos que a decomposição natural da cestaria impossibilitou a sua percepção nos sítios. A preservação desses objetos se daria apenas em locais com pouca umidade e com solos de pH alcalino. Ressaltamos que os documentos históricos e as próprias entrevistas realizadas com os moradores das comunidades pesquisadas nos revelaram que os Xokleng históricos tanto confeccionavam como utilizavam esses objetos. Os raros objetos de ferro dificilmente seriam abandonados nos sítios e, se isto acontecesse, os proprietários, ao lavrarem a terra, certamente os teriam recolhido. Não possuímos evidências concretas quanto à frequência com que os Xokleng teriam usado o ferro para a confecção de armas e artefatos. Porém, o dado desta utilização demonstra que eles apresentavam alto poder de adaptação, visto que o ferro não era conhecido por essa população antes do contato com os colonizadores.

Como já ressaltamos em capítulos anteriores, os objetos líticos encontrados correspondem à tecnologia Umbu, que é descrita pela arqueologia como uma técnica de grupos caçadores-coletores antigos. No entanto, nada impede os Xokleng históricos de terem aprendido e confeccionado pontas de flechas em pedra, já que segundo documentos históricos, produziam pontas em ferro.

Verificamos que a ponta de projétil é o artefato que mais se destaca arqueologicamente, mas não aparece no modelo Xokleng. Como não há uma ligação material consistente entre Xokleng históricos e povos que viveram entre 1180 e 700 A.P., o que podemos sugerir é que, durante a ocupação representada pelos pacotes estratigráficos (manchas escuras) de até 40 cm de profundidade, os líticos da Tradição Umbu não ocorreram na base dos sítios, apenas superficialmente.

As fogueiras são comuns tanto em nossas informações quanto em Farias (2005), no entanto, não temos como verificar se essas estruturas foram construídas dentro ou fora das moradias, pois não as escavamos. Arqueologicamente, esses vestígios possuem quase sempre o mesmo tamanho, nem sempre possuem objetos líticos lascados em superfície e, quase sempre, estão acompanhados de seixos queimados em profundidade.

Comparando todos os dados coletados por essa pesquisa: entrevistas, mapeamentos de sítios arqueológicos, levantamento bibliográfico e documental, com os dados

apresentados pelo modelo Xokleng de Farias (2005), comprovou-se que o modelo não é totalmente compatível com a realidade arqueológica.

Mesmo que este modelo não seja compatível com as fontes arqueológicas, atentamos à forma inovadora pela percepção da pesquisadora quanto à ocupação indígena na encosta. Se antes, este espaço era visto como passagem entre planalto e litoral<sup>86</sup>, atualmente vimos esta região, como um importante espaço de ocupação humana antes da colonização por imigrantes europeus; e com uma complexidade acentuada em termos científicos.

Através de uma simples análise dos dados arqueológicos podemos esboçar um modelo de ocupação pré-histórica. Esta é representada por sítios líticos com ou sem mancha escura no solo, num período que varia entre 1180 a 700 A.P. Essas populações eram caçadoras, preferiram a meia-encosta para instalarem suas ocupações. A ocorrência sistemática de sítios arqueológicos, associada a estratos de 30 a 40 cm de profundidade, demonstra estabilidade territorial. As pontas de projétil em quartzo e as lascas, as estruturas de combustão e os carvões caracterizam, materialmente, as populações que habitaram essa região em tempos pretéritos.

Por isso, podemos expressar a situação da seguinte maneira: A arqueologia elabora um quadro com dados e datas consistentes para o término do primeiro e o início do segundo milênio de nossa era, de uma população desconhecida, mas numerosa de caçadores, que não poderia ter desaparecido simplesmente sem deixar descendentes. Os etnohistoriadores situam na mesma área, no século XIX de nossa era, a numerosa e aguerrida população Xokleng, também, descrita como de caçadores, para a qual a pesquisa arqueológica não identifica nenhum sítio. A pergunta que se insinua imediatamente é esta: Se não conhecemos os descendentes dos numerosos primeiros povoadores da região, que não podem ter desaparecido repentinamente e, ainda, não descobrimos os ascendentes dos numerosos Xokleng, presentes na mesma região, num período muito próximo, por que não supor que os primeiros caçadores são os ascendentes dos Xokleng históricos, por mais que os elementos resultantes da pesquisa possam ainda ser descontraídos? Com isso uniríamos histórias de pais caçadores-coletores desconhecidos a uma população de filhos caçadores-coletores Xokleng. Logo, é mais fácil elaborar a proposição do que testá-la:

---

<sup>86</sup> Assunto discutido no capítulo 3.

### a) Hipótese 1

Esta primeira hipótese considera a continuidade de populações levando em consideração dois elementos: a ocupação do mesmo território por grupos caçadores-coletores e pelos Xokleng; e a falta de indicadores de que a primeira população, sem identificação, tenha migrado maciçamente para outro lugar ou se extinguido. Com isto, não se afirma uma evolução linear entre antigos caçadores-coletores e Xokleng histórico, mas uma possível associação entre essas populações.

Hoje, temos conhecimento de que grupos caçadores da tradição Umbu estão presentes na encosta norte do estado, ao menos desde 8.000 anos A.P. (SCHMITZ et al., 2009). No mesmo texto, Schmitz et al. (2009, p.187) propõem que os Jê Meridionais teriam ocupado a encosta norte de Santa Catarina, filtrando-se em “pequenos grupos, que se apropriariam de forma variada do ambiente, não recusando contatos e mesmo associação com populações pré-existentes ou supervenientes”. A plasticidade social e política dos adventícios teria sido crucial para a afirmação cultural e biológica dessas populações. Segundo Strauss (1967 *apud* NEVES, 1988, p. 151) grupos primitivos poderiam, até mesmo, rearticular suas regras de matrimônio e residência com o objetivo de aproximação política com outros grupos.

Santos (1973) caracteriza os Xokleng originalmente, como grupos muito pequenos, nômades, que dependiam da caça e da coleta para a sobrevivência. As poucas informações disponíveis sobre sua estrutura social indicam a ocorrência de exogamia. Essa informação é corroborada por Neves (1988) em análise de similaridade biológica, intra-sítio no litoral de Santa Catarina, onde conclui serem eles, grupos pequenos e exogâmicos. Através da exogamia facilmente se associariam a grupos pré-existentes e garantiriam melhor sobrevivência e domínio do território.

Quando Úrsula Wiesemann (1972 *apud* SCHMITZ et al., 2009) destaca que a língua Xokleng é mais antiga que a Kaingang por ter maior número de elementos estranhos ao vocabulário original Jê, acreditamos que isto poderia ser o resultado da associação com uma população diferente, como se propõe aqui.

Os elementos adquiridos por este grupo passariam a caracterizar os Xokleng da encosta catarinense na sua cultura e tecnologia. Isso seria uma particularidade do grupo desta região que não afetaria, por exemplo, o Xokleng do planalto de Santa Catarina.

A associação proposta não deve ser vista como exceção. No vale do rio Itajaí do Oeste, SCHMITZ et al. (2009) encontraram a associação da tradição Umbu com casas subterrâneas e túmulos de terra. No litoral central e setentrional de Santa Catarina, é conhecida também, a ligação de grupos Jê com populações sambaquianas (SILVA et al, 1990; SCHMITZ et al., 1993; NEVES, 1988).

À primeira vista esta parece ser a hipótese mais plausível, mesmo que, ainda, faltem muitos dados para comprová-la. Elucidaremos a seguir, a segunda hipótese:

## **b) Hipótese 2**

As entrevistas indicaram ou relataram a presença do grupo Xokleng no período de colonização. Os documentos também comprovam essa afirmativa, evidenciando através de fragmentos, o modo de vida dessas populações.

Devido à presença de pontas de projétil na maioria dos sítios arqueológicos, todos foram atribuídos a antigas populações caçadoras-coletoras. Datações em C14 de quatro sítios revelaram um período de ocupação desse ambiente de 1180 a 700 A.P. Essas datas, relativamente recentes para antigos caçadores-coletores e antigas para grupos Xokleng históricos, indicam a presença nesse ambiente de um grupo caçador-coletor, com cultura material diferente da descrita para os Xokleng históricos, dando a impressão de se tratar de culturas diferentes.

O desaparecimento dos Xokleng da encosta catarinense está intrinsecamente ligado ao modelo de ocupação imposto pelo governo brasileiro no século XIX. No sul, uma enorme região, principalmente aquela entre o planalto e o litoral, era considerada inteiramente “despovoada”. Em Santa Catarina, a chegada inicial de imigrantes ocorreu em 1829. As grandes concessões de terras para os imigrantes ocorreram entre 1850 e 1851, período em que surgiram Blumenau e Joinville. A partir desses dois núcleos coloniais, apareceram pelo Vale do Itajaí novas colônias. O Governo Provincial estimulava essas iniciativas distribuindo novas concessões e abrindo estradas (SANTOS, 1973, p. 51). No Vale do Tubarão, o Governo Provincial só iniciou os núcleos coloniais, assentando italianos a partir de 1877.

Com a fundação das colônias de imigrantes alemães no Vale do Itajaí, a partir de 1850, grupos Xokleng que ocupavam intensamente a região, e que apresentariam cultura

material muito semelhante à observada nos sítios arqueológicos, de nossa área de pesquisa, teriam iniciado um processo de filtração para o sul de Santa Catarina em busca de territórios mais seguros, ocupando espaços ainda não colonizados.

O deslocamento no sentido oeste teria implicado num grande esforço de adaptação ao novo ambiente, visto que a formação florestal e a dinâmica ecológica eram diferentes das encontradas na encosta. Além disso, a região oeste já estava ocupada há, pelo menos, 2.600 anos (SCHMITZ et al., 2010). Por isso, teriam optado por acompanhar a formação Ombrófila Densa no sentido sul. Assim, quando, por volta de 1877, se iniciou a colonização da encosta sul por imigrantes europeus, os Xokleng históricos, fugidos do Vale do Rio Itajaí, já estavam nesta região e os elementos de sua cultura material, alterados pelo processo de “fuga”, diferenciaram-se dos sítios arqueológicos locais, produzidos mil anos antes conforme fora exposto na hipótese 1.

O contato com os imigrantes e o mortal conflito subsequente, teria alterado aspectos importantes da sua cultura, fazendo com que, agora, se assemelhassem a uma nova cultura, quando, na verdade, foi resultado de uma mesma população em momentos históricos diferentes. Esta seria uma descontinuidade cultural da mesma população, os sítios arqueológicos da primeira ocupação e os Xokleng presente no norte do estado, antes do processo colonizador, seria o resultado da associação proposta na hipótese anterior.

Se não aceitarmos a primeira hipótese, teríamos duas populações e duas culturas diferentes: uma primeira, de caçadores sem identificação étnica, nascida na Mata Atlântica e ligada à tradição Umbu; uma segunda, de caçadores da macro-etnia Jê, empurrada da encosta norte pelo processo de colonização européia.

Esta segunda hipótese avança pouco sobre o que conhecíamos antes da pesquisa que se vem desdobrando na encosta de Santa Catarina.

Com a problemática delineada, ilustrando o caminho, uma e outra hipótese exigem que as investigações continuem. Se os questionamentos realizados nessa dissertação foram proveitosos para isso, nosso trabalho será recompensado.

## 6 CONCLUSÃO

Definitivamente, colaborar para solucionar a problemática ocupacional pré-histórica da encosta não foi e não será uma tarefa fácil. Sabemos que este trabalho trouxe além de algumas repostas, muitas dúvidas. Talvez, essa tenha sido uma das contribuições desta dissertação.

Dois contextos diferentes, arqueológico e histórico, enriqueceram e, ao mesmo tempo, impuseram suas limitações para o avanço da pesquisa. Dados arqueológicos assinalaram, materialmente, uma cultura caçadora-coletora, sem identificação étnica, caracterizada pela Tradição Tecnológica Umbu. Dados históricos evidenciaram a etnia Xokleng ocupando a encosta catarinense entre o final do século XIX e início do XX. Os documentos históricos não asseguraram a confecção de pontas de projétil pelos Xokleng históricos. Arqueologicamente não existem vestígios com características compatíveis aos relatos históricos que comprovem a ocupação Xokleng na área pesquisada.

Por que não encontramos vestígios materiais do grupo Xokleng? Será que há alguma relação entre esses dados que a princípio parecem ser divergentes? Não criamos teorias complexas, nem ao menos sofisticadas. Respondemos quando os dados analisados nos permitiram e, elaboramos hipóteses para os problemas não resolvidos.

Todos os objetivos traçados foram cumpridos. Testamos o modelo de ocupação Xokleng criado por Farias (2005) nos sítios arqueológicos de Rio Fortuna. Caracterizamos a cultura material dos sítios arqueológicos e dos assentamentos Xokleng informados pela etnohistória e estabelecemos semelhanças e diferenças entre estes dados. Visualizamos o contexto arqueológico da área da pesquisa e dos municípios próximos. Avaliamos a contribuição da metodologia da história oral para as pesquisas arqueológicas. E, por fim, também tentamos compreender a relação entre os Xokleng e a Tradição Umbu.

A biogeografia da área da pesquisa influenciou o padrão de ocupação pré-histórico. Geomorfologicamente, a maioria dos sítios está implantada nos topos das elevações suaves, próximos a corpos hídricos. Os sítios arqueológicos analisados apresentaram um grande número de líticos confeccionados em quartzo. Os seixos de arenito bocutatu e arenito silicificado também foram utilizados em menor quantidade. A vegetação caracterizada pela Floresta Ombrófila Densa com presença de áreas de ecótono com a Floresta Ombrófila Mista favoreceu à ocupação humana, já que, o acesso a diferentes micro-ambientes permitiu muito provavelmente, suprir suas necessidades biológicas. O levantamento bibliográfico dos sítios localizados em Rio Fortuna e nos municípios próximos corroborou esta observação.

Este estudo também foi importante porque mostrou uma variação de sítios não ocorrentes na área da pesquisa. Assim, a ocupação da região adjacente à área da pesquisa não se deu de forma tão esporádica e homogênea. Pelo contrário, essas informações evidenciaram uma heterogeneidade de sítios e de populações (caçador-coletor, Jê e Guarani). No caso de Rio Fortuna predominaram sítios com apenas lítico; lítico com mancha escura no solo; e apenas mancha. Dois sítios estudados por Farias (2009) apresentaram as seguintes características: o SC-RFT-01 datado em 1180 a 970 A.P., está implantado em média vertente, próximo a 250 metros do Rio Facão. Sua coleção lítica, composta por 1524 peças, apresentou grande quantidade de lasca bipolar. Dentre os artefatos bifaciais, as pontas de projétil se destacaram. De todo material analisado, 90% foram confeccionados em quartzo. Já o SC-RFT-11 apresentou a data de 920 a 730 A.P., também está em média vertente e distante 593 metros do Rio Facão. Seu material lítico parece ser grosseiro e associado às estruturas de combustão. Esses dados confirmaram a presença de caçadores-coletores na região entre 1180 a 730 A.P. Tratou-se de população numerosa, cuja cultura material define-se pelas pontas de projétil.

Quanto aos Xokleng, a documentação histórica trouxe uma série de informações e também de contradições. A cultura material desse grupo foi marcada por artefatos confeccionados em taquara, madeira, pedra e argila. No entanto, não houve consenso nas descrições quanto a produção cerâmica, nem quanto à produção de pontas de projétil. Alguns autores também negaram a prática da tecelagem, enquanto que outros, afirmaram-na. Além da utilização dessas matérias-primas, o contato com o europeu, levou os Xokleng a produzir pontas em ferro, que passaram a ser utilizadas, principalmente nos embates com o colonizador. Esta informação demonstra a alta capacidade de adaptação desse grupo indígena frente à matéria-prima, nunca antes utilizada.

O nomadismo foi descrito como outra característica desse grupo, assim como a caça e a coleta. Munidos de uma série de técnicas e estratégias, o grupo capturava animais de pequeno e médio porte, mel de abelha, pinhão, palmito e até mesmo larvas.

As habitações foram descritas como sendo simples abrigos em forma de meia-água. Algumas casas chegavam a medir 20 m de comprimento e possuíam formato quadrado ou retangular. Rituais também foram assinalados, principalmente os de passagem (perfuração dos lábios nos meninos e incisões nas pernas das meninas) e o funerário.

O contato entre culturas diferentes, de índios Xokleng com imigrantes alemães ocasionou uma série de conflitos. Para solucioná-los, muitas vezes, os imigrantes recorreram

à contratação de bugreiros. O resultado se deu com a matança de 2/3 da população Xokleng entre o final do século XIX e início do XX.

Uma alternativa para as crianças sobreviventes a esses ataques foi a adoção realizada por famílias que moravam nas colônias. Em Rio Fortuna, não encontramos nenhum caso, mas nos municípios próximos como Tubarão, Orleans e Nova Veneza, identificamos alguns episódios de batismos, que não afirmam a adoção, mas demonstram a intenção de famílias e religiosos em inseri-los na sociedade brasileira.

Obtivemos êxito com a aplicação da metodologia da História Oral. Esta serviu como uma importante ferramenta no que se refere ao mapeamento de sítios e a reconstrução da história local. A identificação de histórias individuais, como a do bugreiro Ireno Pinheiro, contribuiu, decisivamente, para a compreensão do contato estabelecido entre índios e colonizadores. Além disso, a metodologia também oportunizou outras percepções comparadas àquelas encontradas nos documentos. Sendo assim, indicamos a História Oral à pesquisa arqueológica, quando a intenção do pesquisador centra-se em realizar um estudo mais amplo, somando dados arqueológicos a históricos ou vice-versa.

Alguns dados sobre a cultura material dos Xokleng descrita por nossos entrevistados, podem ser associados aos identificados na fonte escrita, como por exemplo, a confecção de artefatos em taquara, madeira e pedra. A cerâmica não foi descrita por nenhum entrevistado.

A partir da História Oral também, mapeamos 12 sítios arqueológicos, 11 em Rio Fortuna e 1 em Santa Rosa de Lima. Desses, 5 corresponderam a sítios com mancha escura no solo; 5 apresentaram líticos lascados e mancha escura no solo, e apenas 2 caracterizaram-se por líticos dispersos. As manchas possuem formato circular ou elipsoidal e os tamanhos são bastante variáveis. Estão implantados em terrenos ondulados, porém, em locais planos. Duas datas em C14 foram realizadas, uma em Santa Rosa de Lima de 990 a 780 A.P., e outra na propriedade do Sr. Adolfo Schmoeller de 920 a 700 A.P.

As pontas de projétil em pedra foram associadas aos Xokleng, porém, não porque nossos entrevistados relataram sua confecção, mas porque, essas pontas são encontradas em suas propriedades. Para eles, a explicação para a ocorrência de pontas e de manchas escuras no solo deve-se a presença do Xokleng neste espaço.

Desempenhamos o que nos propomos quanto ao objetivo principal deste trabalho: comparar o modelo Xokleng de Farias (2005) com os sítios arqueológicos localizados em Rio Fortuna. Nem todos os dados foram susceptíveis à confrontação. Já o espaço geográfico, o ambiente, o local de implantação dos sítios arqueológicos e a altitude média, foram iguais ou semelhantes nos dois objetos de comparação. Não conseguimos identificar nem distinguir

aldeias centrais e abrigos dispersos, como indicado no modelo. Outro elemento que não corresponde à realidade arqueológica é o formato das casas Xokleng. O modelo traz estruturas retangulares, enquanto que os vestígios arqueológicos evidenciam estruturas circulares ou elipsoidais. Vestígios de alimentos não foram recuperados, nem mesmo espaços de rituais, trilhas, fornos subterrâneos, moquém, paliçadas de proteção, porém, nada impede que tenham subsistido. A cerâmica, a cestaria e o ferro também não fizeram parte de nossas informações arqueológicas. A ponta de projétil ligada a Tradição Tecnológica Umbu é o artefato que mais se destaca arqueologicamente, mas não aparece no modelo Xokleng.

A comparação dos dados coletados por essa pesquisa, através de entrevistas, mapeamento de sítios arqueológicos, levantamento bibliográfico e documental com os dados apresentados pelo modelo Xokleng, comprovou que o modelo não é totalmente compatível com a realidade arqueológica.

Portanto, possuímos dados e datas arqueologicamente consistentes para o final do primeiro e início do segundo milênio, de uma população desconhecida de caçadores. E os documentos comprovaram a ocupação Xokleng na mesma área em que a pesquisa arqueológica não identificou nenhum sítio típico deste grupo. Com intuito de contribuir com as futuras pesquisas, elaboramos duas hipóteses para a situação levantada.

A primeira hipótese propôs uma associação entre antigos caçadores-coletores e Xokleng. Consideramos dois dados: a coincidência de ambos os grupos ocuparem o mesmo espaço; e a falta de indicadores de que grupos caçadores-coletores tenham migrado integralmente para outro lugar ou, até mesmo, se extinguido.

Além destes dados, a literatura arqueológica e histórica indica que os Xokleng apresentavam características marcantes no que tange as relações políticas e sociais. Segundo Schmitz et al. (2009, p.187), “pequenos grupos, que se apropriariam de forma variada do ambiente, não recusando contatos e mesmo associação com populações pré-existentes ou supervenientes”. Para Strauss (1967 *apud* NEVES, 1988, p. 151) grupos primitivos poderiam, até mesmo, rearticular suas regras de matrimônio e residência com o objetivo de aproximação política com outros grupos.

De acordo com esta primeira hipótese, pequenos grupos Xokleng advindos do Planalto entraram em contato com grupos caçadores-coletores estabelecidos na encosta. A partir desta associação, o Xokleng passou a assumir características biológicas e culturais dos primeiros moradores e vice-versa.

Esta suposição explicaria a cultura material da área pesquisada, caracterizada pelas pontas de projétil.

A segunda hipótese concorda com a proposição anterior de que grupos Jê teriam inicialmente migrado do Planalto associando-se a antigos caçadores-coletores da encosta. No entanto, o processo de colonização iniciada por volta de 1850, no Vale do Rio Itajaí, teria ocasionado uma segunda migração, agora da encosta norte para encosta sul.

O conflito entre o Xokleng e imigrantes, provocado pelo processo colonizador, teria alterado tanto a cultura desse grupo indígena, a ponto de se revelarem como duas culturas resultantes de dois momentos diferentes.

De acordo com essa hipótese, antes da chegada dos imigrantes em Santa Catarina, os Xokleng que habitaram tanto a encosta norte quanto a encosta sul apresentavam grandes semelhanças na cultura material, como as pontas de projétil identificadas por Schmitz et. al (2009) no Vale do Rio Itajaí.

Os vestígios arqueológicos, que conseguimos levantar, processar e transformar em informações, ainda nos revelam muito pouco sobre a estrutura social e cultural dos povos que ocuparam a encosta no período pré-histórico. São necessárias escavações arqueológicas sistemáticas em sítios arqueológicos que apresentem características diferentes. É preciso realizar prospecções e escavações sistemáticas em locais apontados como aldeias Xokleng históricas. Além disso, análises químicas de solo e de micro-vestígio em artefatos líticos como as pontas de projétil serão importantes para se entender padrão de assentamento e função de artefatos. Por fim e, não menos importante, é preciso de um número maior de datações em C14.

## REFERÊNCIAS

ALBERTONI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAUJO, Gomes de Mello. As propriedades físicas dos arenitos silicificados e suas implicações na aptidão ao lascamento. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 63- 74, 1992.

ASSING, Antônio. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 15 julho 2009. Disponível em: apêndice 03 desta dissertação. 2009.

BACKES, Arventino. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 09 julho 2009. Disponível em: apêndice 05 desta dissertação. 2009.

BACKES, Lúcia Boeing. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 12 julho 2009. Disponível em: apêndice 07 desta dissertação. 2009.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. **Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I**. n. 44, São Paulo: Revista da USP. p. 32-51, 1999-2000.

BEBER, Marcus Vinícius. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. In: **Documentos**, n. 10. São Leopoldo, RS. p. 5-125, 2005.

BLOEMER, Mateus. **Oralidade, Imagem e Conflito**: a visão do colonizador sobre os índios Xokleng na Comunidade de Rio Facão – Rio Fortuna – SC. Monografia (Graduação em História), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2008.

BLOEMER, Paulo. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 11 julho 2009. Disponível em: apêndice 02 desta dissertação. 2009.

BOEING, Huberto. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 10 julho 2009. Disponível em: apêndice 06 desta dissertação. 2009.

BOITEUX, Lucas A. **Notas para a Historia Catharinense**. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.

BROCHADO, José Proença, CALDERÓN, Valentin, CHMYZ, Igor, DIAS, Ondemar F., EVANS, Clifford, MARANCA, Sílvia, MEGGERS, Betty J., MILLER, Eurico T., NÁSSER, Nássaro, PEROTA, Celso, PIAZZA, Walter, RAUTH, José W., SIMÕES, Mário. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 12**. Belém: MPEG, 1968. p. 36.

CORALX, Universidade Federal de Santa Maria. **Relevo**. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/ifcrs/relevo.htm>>. Acesso em: jan. 2010.

CÚRIA DIOCESANA DE TUBARÃO. **Livro de Batismos**. Tubarão, SC, 1890-1910.

DALL' ALBA, João Leonir. **O Vale do Braço do Norte**. Orleans: Edição do autor, 1973.

DALL' ALBA, João Leonir. **São Ludgero para o mundo: memórias do Pe. José Pereira Kunz**. Orleans: FEBAVE, 2005.

D' ANGELIS, Vilmar da Rocha. O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842 – 1950): valor e uso da documentação etnográfica. ENCONTRO MACRO –JÊ, 3º, 2003, Brasília, **Conferencia de Encerramento**. Brasília: LALI -UnB, 3 - 6 de dezembro, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Projeto de salvamento arqueológico – PCH Capivari – SC**. Relatório Final. Florianópolis: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.

DIAS, Adriana Schimidt. **Sistema de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, Suelen; PERIN, Edénir Bagio; GUEDES, Fernando Arruda. Geologia e geomorfologia da região da AMESC. In: FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de (Org.). **Macarajá: Pré-História e Arqueologia**. Tubarão: Unisul, 2005. p.79-89.

DIAS, Suelen. **SIG e Arqueologia**: sugestão para pesquisa arqueologia na micro-bacia do Carurú – Tubarão/SC. Monografia (Graduação em História), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2007.

COPÉ, Sílvia Moehlecke, SALDANHA, João Darcy de Moura, CABRAL, Mariana Petry. Contribuições para a pré-história do planalto: Estudo de variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra. **Pesquisas, Antropologia, n.º. 58**. São Leopoldo: IAP – UNISINOS: 2002. p. 121 – 138.

CORTELETTI, Rafael. **Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ENTRES, Alberto. **Os índios botocudos no rio Plate**. Guia do Estado de Santa Catarina. Chronographia e indicador. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927.

EVANS, John; O'CONNOR, Terry. **Environmental Archaeology**: principles e methods. Great Britain: Sutton Publishing, 1999.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Distribuição e Padrão de Assentamento**: propostas para sítios da tradição Umbu na encosta de Santa Catarina. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2005.

\_\_\_\_\_. Mata Atlântica: local de passagem ou de moradia? Padrão de assentamento e mobilidade dos grupos pré-históricos na Mata Atlântica sul catarinense. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 58º, 2006. Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. AMA: Arqueologia na Mata Atlântica. In: Unisul Contexto: **Universalidade do conhecimento, Ética, cidadania e diversidade**: desafios contemporâneos. Palhoça: Unisul, Florianópolis, SC, 2008.

\_\_\_\_\_. AMA - Arqueologia na Mata Atlântica – padrão de assentamento e aproveitamento do ambiente pelos grupos pré-históricos na região da AMUREL. Relatório Final. **CNPq**, Tubarão; Universidade do Sul de Santa Catarina, 2009.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; CLAUDINO, Daniela da Costa. Análise tecno-tipológica do material lítico dos sítios SRL 1; SRL 2 e SRL 3. Relatório Final. **UNESC/UNISUL**. Tubarão: 2009.

FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p. 67-80, 1993.

GERNHARD, Robert. **Dona Francisca, Hansa e Blumenau, as três colônias alemãs ao sul do Brasil no Estado de Santa Catarina.** Brescau, Verlag unfalt V.S Schottlaender, 1901.

GEOARQUEOLOGIA, Consultoria Científica. **Levantamento arqueológico na área de implantação e pavimentação da Rodovia Estadual – SC 439 – Urubici – Grão Pará.** Florianópolis, 2007.

HENRY, Jules. **Jungle people:** a Kainkang tribe of the highlands of Brazil. New York: Vintage Books, 1941.

HERRMANN, M. L. de P.; PELLERIN, J. R. G.; SAITO, S. M. Análise das ocorrências de escorregamentos no Estado de Santa Catarina com base nos Formulários de Avaliação de Danos da Defesa Civil – 1980 a 2003. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESASTRES NATURAIS, 1º, 2004, Florianópolis. **Anais.** Florianópolis: GEDN/UFSC, 2004. p. 159-173 (1 CD-ROM).

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología:** corrientes actuales. Barcelona: Editora Crítica, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geografia do Brasil – Região Sul.** Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

\_\_\_\_\_. **Geografia do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

\_\_\_\_\_. **Manual técnico de vegetação brasileira.** Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

\_\_\_\_\_. **Manual Técnico de Vegetação Brasileira.** Rio de Janeiro: IBGE. 1992. 93 p.

\_\_\_\_\_. **Mapa de Clima.** Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas\_murais/clima.pdf>. Acesso em: março, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mapa de Relevo.** Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas\_murais/relevo.pdf>. Acesso em: março, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mapa de Vegetação.** Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas\_murais/vegetação.pdf>. Acesso em: março, 2010.

JACOBUS, André Luiz. **Os caçadores-coletores e a fauna na mata atlântica**: um estudo zooarqueológico no nordeste do Rio Grande do Sul. 2007. Qualificação (doutorado em Arqueologia) - Museu de arqueologia e etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

KEMPF, Valter G. Notas sobre um grupo Xokleng em Santa Catarina. In: **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, n. 62, p. 25-34, 1947.

KLEIN, R. M. **Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina**. Itajaí: SUDESUL; FATMA; HBR, 1978.

KNEIP, Andréas. **O povo da lagoa**: uso do SIG para modelamento e simulação na área arqueológica do Camacho. 2004. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos**. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 1994.

\_\_\_\_\_. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

\_\_\_\_\_. Relatório Final de levantamento arqueológico da Mina de Argila de Furninha, Orleans Santa Catarina. Relatório Final, **UNESC**, Universidade do Extremo Sul Catarinense: Criciúma, 2001.

\_\_\_\_\_. Levantamento arqueológico da área de impacto direto da PCH Rio Chapéu – Rio Fortuna - Santa Rosa de Lima. Relatório final. **UNESC**, Universidade do Extremo Sul Catarinense: Criciúma, 2003.

\_\_\_\_\_. Levantamento arqueológico sistemático da área afetada pela extração de argila – feldspato – quartzo de pindotiba, Orleans Santa Catarina. Relatório Final, **UNESC**, Criciúma, SC, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, São Paulo, SP, 1990

LOZANO, J.E.A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV. 2001. p. 15-25.

MABILDE, Pierre F. A. Booth. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul**. São Paulo: IBRASA; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste – RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

MORAN, Emilio F. **Adaptabilidade Humana uma Introdução à Antropologia Ecológica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 10 v.

MORAN, Emilio F; OSTROM, Elinor. Ecosistemas Florestais: interação homem-ambiente. In: MORAN, Emilio F. **Interações homem-ambiente em ecossistemas florestais: uma introdução**. São Paulo: Senac Edusp, 2009. p.19-39.

NEVES, Walter Alves. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (PR e SC). 1984. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1984. In: **Pesquisas, Antropologia, n. 43**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1988.

ODUM, Eugene Pleasants. **Ecologia**. Tradução Kurt G. Hell. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.

PAULA, José Maria de. Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organizada pelo serviço de proteção aos selvícolas sob a inspecção do Dr. José Maria de Paula. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 20, 1922, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, 1924. p. 117-137.

PERIN, Edénir Bagio. **Análise espacial dos sítios líticos do alto curso do vale do rio Tubarão – municípios de Grão Pará e Rio Fortuna-SC**. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2007.

PERES, Jackson Alexandro. **Entre as matas de Araucárias: a cultura e história Xokleng em Santa Catarina (1850 – 1914)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

PIAZZA, Walter. As grutas de São Joaquim e Urubici. **Série Arqueologia**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1. 1966.

PIAZZA, Walter; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Ed. Universidade de Brasília, ISBN 85-230-0316-9. Distrito Federal, 1992.

\_\_\_\_\_. **Apuntes para análisis de industrias líticas**. Fundación Federico Maciñeira. Ortegalia (monografias de Arqueologia, Historia e Patrimônio), n. 2. 2004.

RECH, Benoni. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 15 julho 2009. Disponível em: apêndice 08 desta dissertação. 2009.

RICKEN, Tatiane Dircksen; RICKEN, Ignácio. **Rio Fortuna: resgatando as origens, cultivando valores, alicerçando o futuro**. Rio Fortuna: Coan, 2008.

RBMA - Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – Disponível em: [http://www.rbma.org.br/anuario/mata\\_04\\_aspectos.asp](http://www.rbma.org.br/anuario/mata_04_aspectos.asp). Acesso em: 25/01/2010.

ROHR, João Alfredo. **Pesquisas Arqueológicas no município catarinense de Urussanga**. Anais do Museu de Antropologia. Florianópolis, ano 11-14, n. 12, 13, 14 e 15, 1979-1982.

ROSA, André Osório. Análise zooarqueológica do sítio Garivaldino (RS-TQ-58), município de Montenegro, RS. In: **Pesquisas, Antropologia, 67**. São Leopoldo, RS, Instituto Anchietano de Pesquisas. p. 133-172, 2009.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia das Minas e Energia. **Atlas de Santa Catarina**. Florianópolis: Gaplan, 1986.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia das Minas e Energia. **Textos Básicos de Geologia e Recursos Minerais de Santa Catarina: Textos Explicativos do Mapa Geológico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: DNPM, 1987.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia das Minas e Energia. **Cadastro dos recursos minerais de Santa Catarina: mapas de depósitos minerais**. Florianópolis: DNPM, 1989.

\_\_\_\_\_. Secretária de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. **Bacias hidrográficas de Santa Catarina: diagnóstico geral**. Florianópolis, 1997.

\_\_\_\_\_. **Plano integrado de recursos hídricos da bacia hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar: plano de uso integrado dos recursos hídricos**. Relatório Final, v. 3. Florianópolis, SC, 2002.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil** – a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

\_\_\_\_\_. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: UFSC, Itajaí: UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_. **Encontros de estranhos além do “mar oceano”**. Ed. Etnográfica, v. 7, 2003. p. 431-448.

SCHADEN, Egon. **Einiges über die schoklen von Santa Catarina - Alguma coisa a respeito dos Xokleng de Santa Catarina** – Tradução Jahrgang Hef 2 u 3. São Paulo: Pindorama, 1937. p. 24-28. Tradução de: *Zeitschrift für Förderung der Brasilkunde*.

SCHADEN, Francisco S. G. A pacificação e a aculturação dos Xokleng. **Revista Antropologia I**. São Paulo, n.2, 1953. p. 36-13.

SCIENTIA, Consultoria Científica. **Projeto arqueológico lavra de argila da linha Antunes Braga – Grão Pará –SC**. Relatório Final. Florianópolis, 2007.

SCHEIBE, Fernando. **Índios – Série: ofícios dos delegados e subdelegadas de polícia ao presidente (1842-1892)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos Portugueses. Repertório – 1, 1996. (Série Filológica).

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O mundo da caça, da pesca e da coleta. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos 05**. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p.9-30, 1991.

\_\_\_\_\_. As casas subterrâneas: nas terras altas do sul do Brasil. In: **Pesquisas, Antropologia, n. 58**. São Leopoldo, RS, 2002.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ARNT, Fúlvio Vinícius; BEBER, Marcos Vinicius; ROSA, André Osório; ROGGE, Jairo Henrique. Taió, no vale do rio Itajaí: o encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. In: **Pesquisas, Antropologia, n. 67**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2009.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; SANDRIN, Camila. A presença de marcas em restos faunísticos de um grande sítio Tupiguarani no município de Candelária, RS. In: **Pesquisas, Antropologia**, n. 67. São Leopoldo, RS, 2009.

SCHMOELLER, Adolfo. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 10 julho 2009. Disponível em: apêndice 04 desta dissertação. 2009.

SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925): Resistência e Extermínio**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

SILVA, Roberto Irineu da. **Histórias do contato entre imigrantes e índios Xokleng em Santa Catarina**. Entrevista concedida a Daniela da Costa Claudino em 07 julho 2009. Disponível em: apêndice 01 desta dissertação. 2009.

SILVA, Sérgio Batista da; SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; DE MASI, Marco Aurélio Nadal; JACOBUS, André Luiz. Escavações arqueológicas do Pe. João Rohr, S. J. - O sítio arqueológico da praia da tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. In: **Pesquisas, Antropologia**, n. 45. São Leopoldo, RS, 1990.

TENFEN, Roberto João. **Rio Fortuna: nossa terra, nossa gente**. Florianópolis: Ed. do autor, 1997.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **A História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras: Secretária Municipal de Cultura: Fapesp, 1992. p. 87-102.

VIEIRA, Edna Elsa. **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2004.

VIVO, Mario de. **Estudo da diversidade de espécies de mamíferos do Estado de São Paulo**. Departamento de Biologia Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1996.

WIIK, Braune Flavio. Contato, epidemias e corpo como agentes de transformação: um estudo sobre a AIDS entre os índios Xokleng de Santa Catarina, Brasil. In: **Caderno de Saúde pública**, Rio de Janeiro, Mar-abr, 2001. p. 397-406.

WITTMANN, Tombini Luisa. **O vapor e o Botoque:** imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

**APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
ROBERTO IRINEU DA SILVA**

**APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
PAULO BLOEMER**

**APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
ANTÔNIO ASSING**

**APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
ADOLFO SCHMOELLER**

**APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
ARVENTINO BACKES**

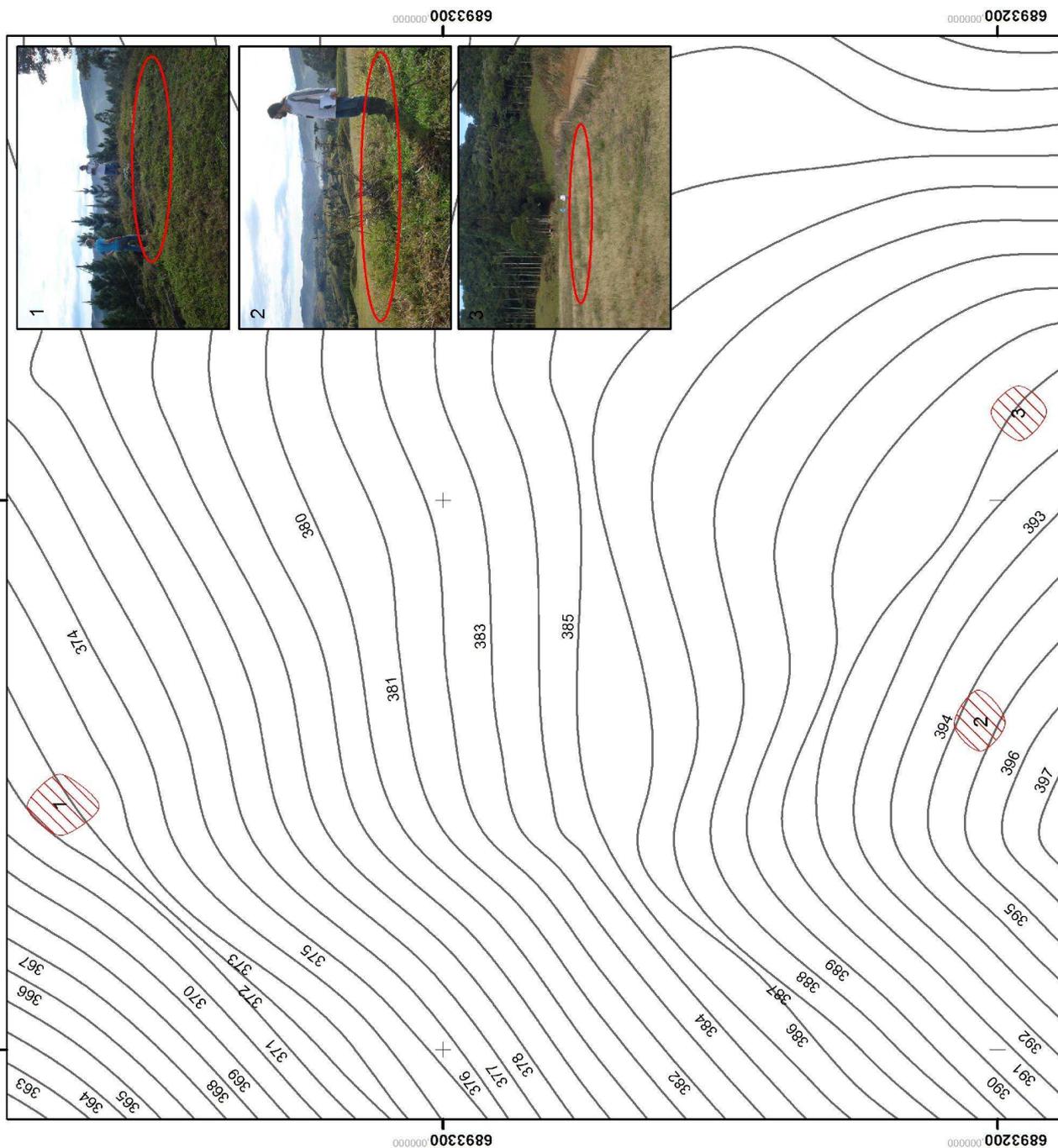
**APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O SR.  
HUBERTO BOEING**

**APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A SRA.  
LÚCIA BOEING BACKES**

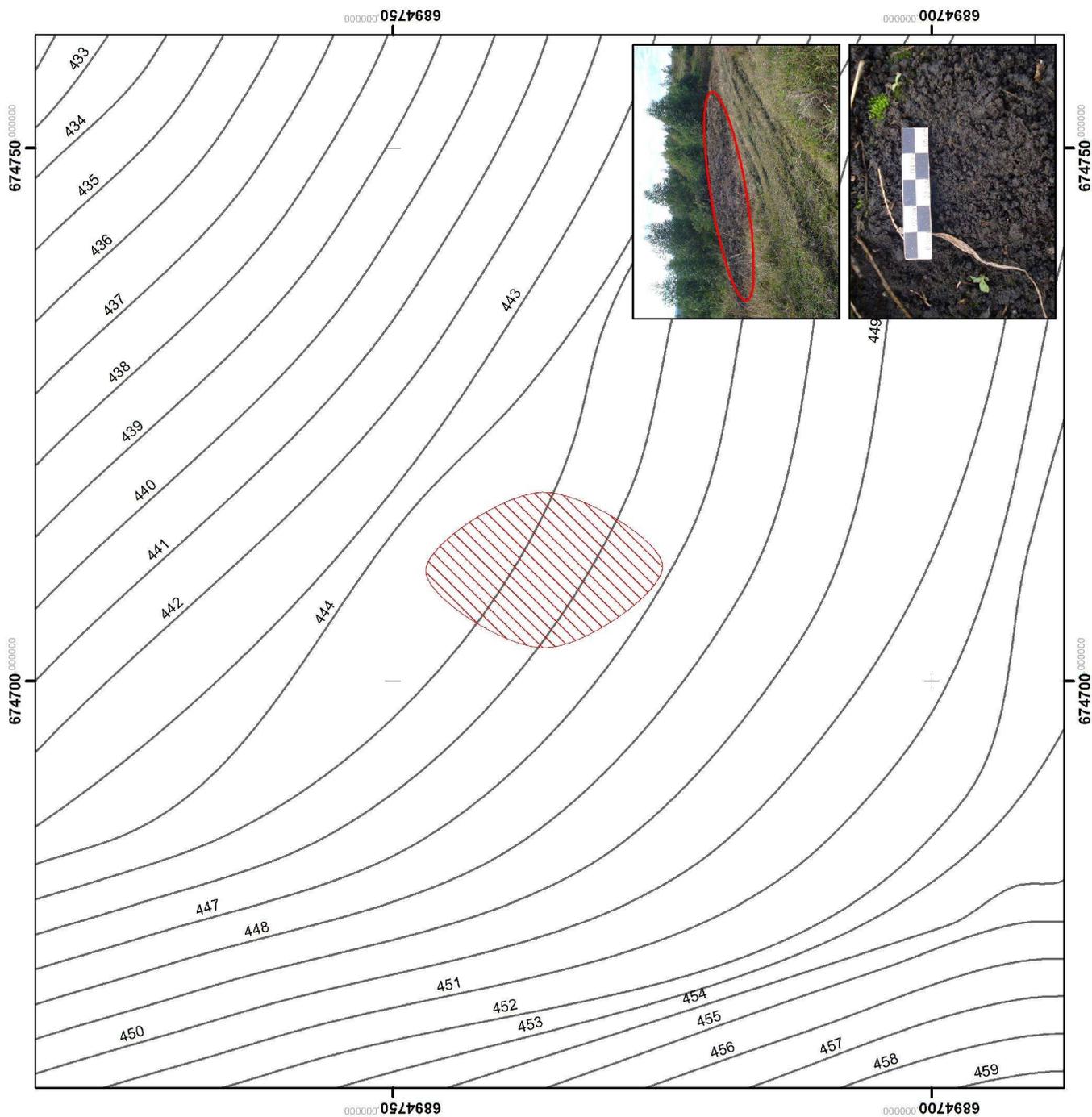
**APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A SR.  
BENONI RECH**

**APÊNDICE I – CROQUIS DOS SÍTIOS IDENTIFICADOS ATRAVÉS DAS  
ENTREVISTAS**

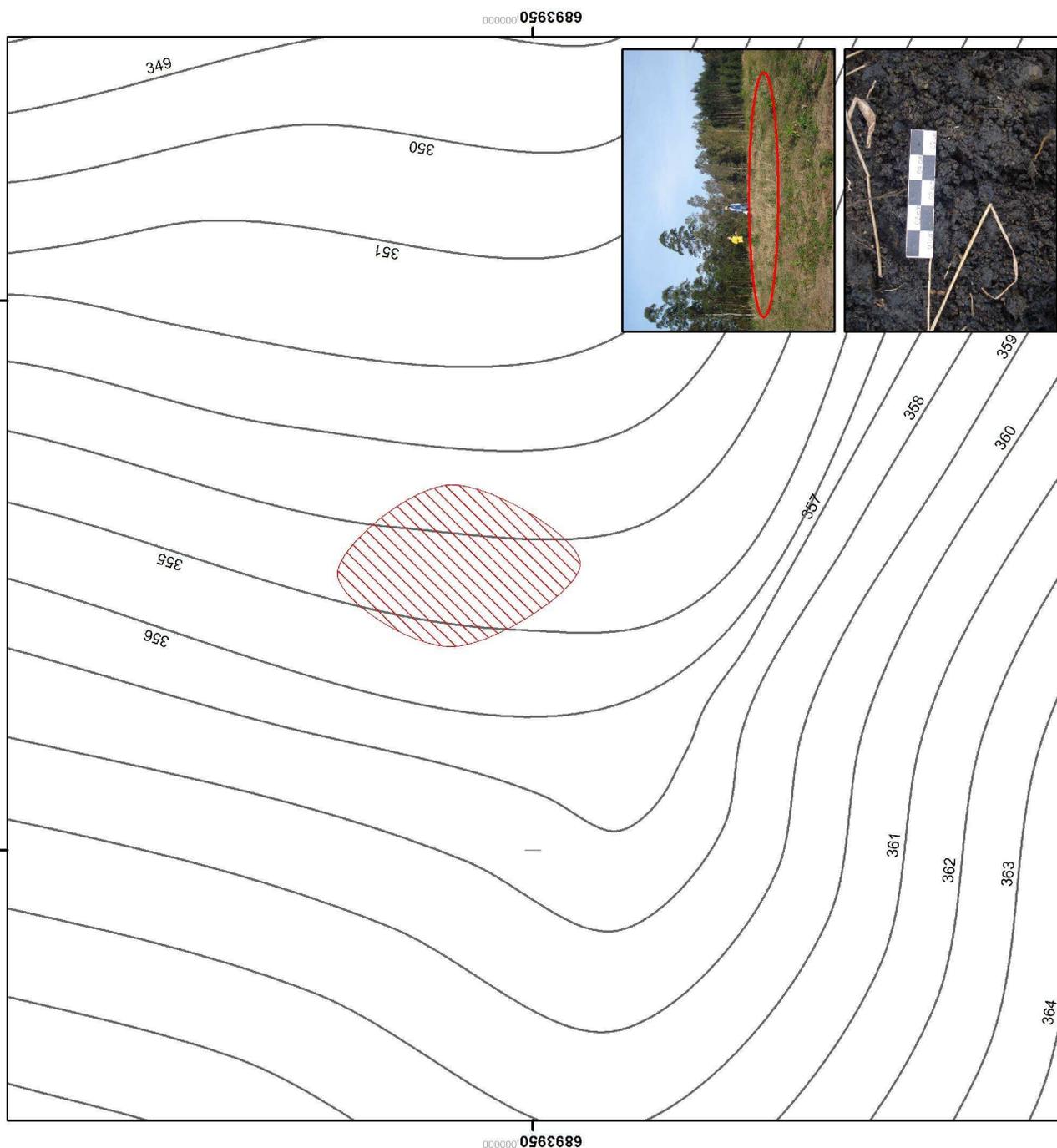
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na propriedade do Sr. Adolfo Schommoellel</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio dos Bugres Medidas: 11 x 13 / 9 x 10 / 10 x 10 respectivamente Área: 95 m<sup>2</sup> / 70 m<sup>2</sup> / 67 m<sup>2</sup> respectivamente Material encontrado: estrutura com terra preta e material lítico em superfície Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:1.000</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr. Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J</p> 
---	--	---	---



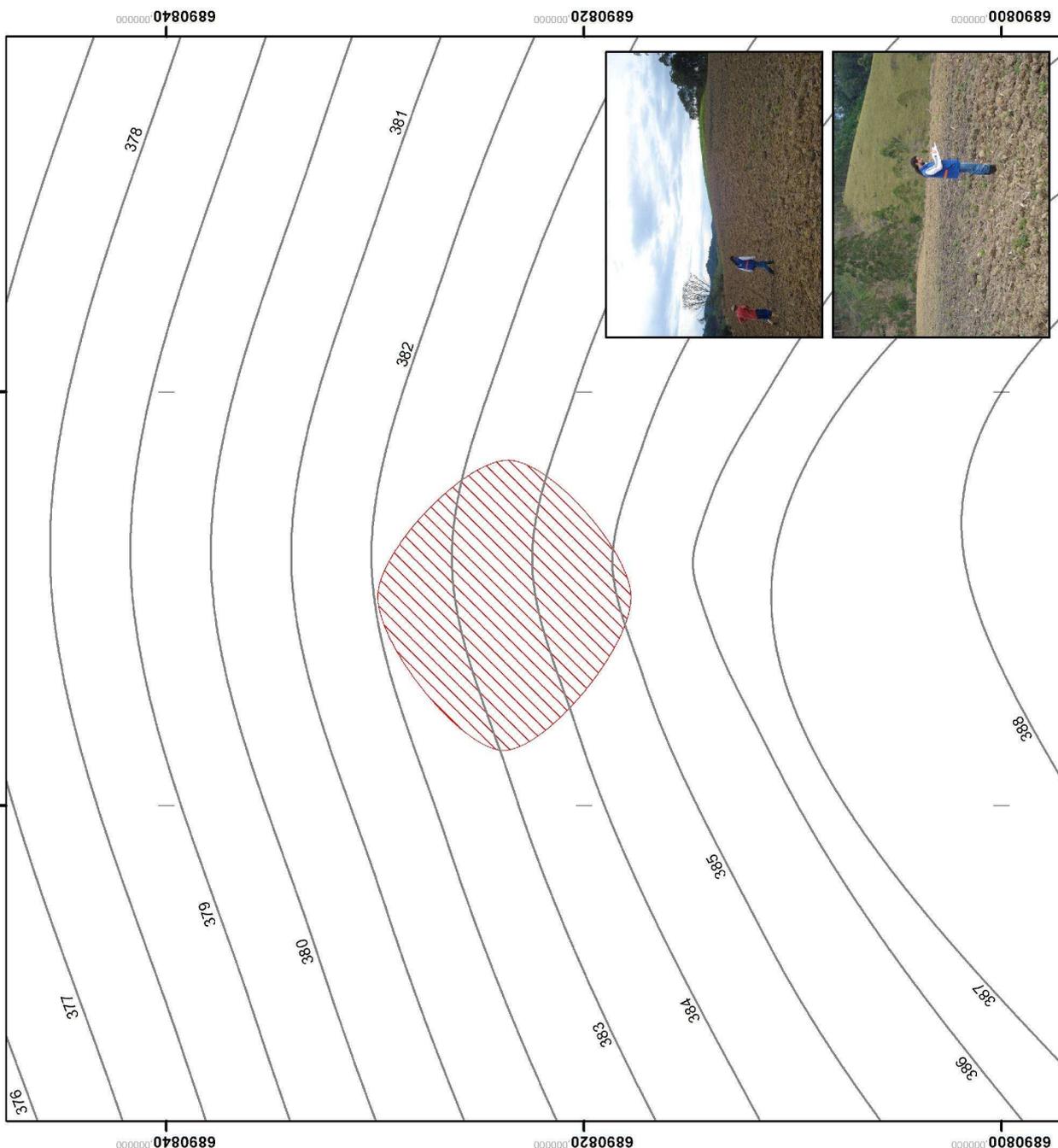
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b>                  Sítio localizado na propriedade do Sr. Antônio Assing</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco                  Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna                  Localidade: Rio dos Bugres                  Medidas: 22 x 14                  Área: 219 m<sup>2</sup>                  Material encontrado: estrutura com terra preta                  Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:500</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p> <p>0 10 20 30                  Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84                  Quadrante 22J</p> 
--	---	---	--



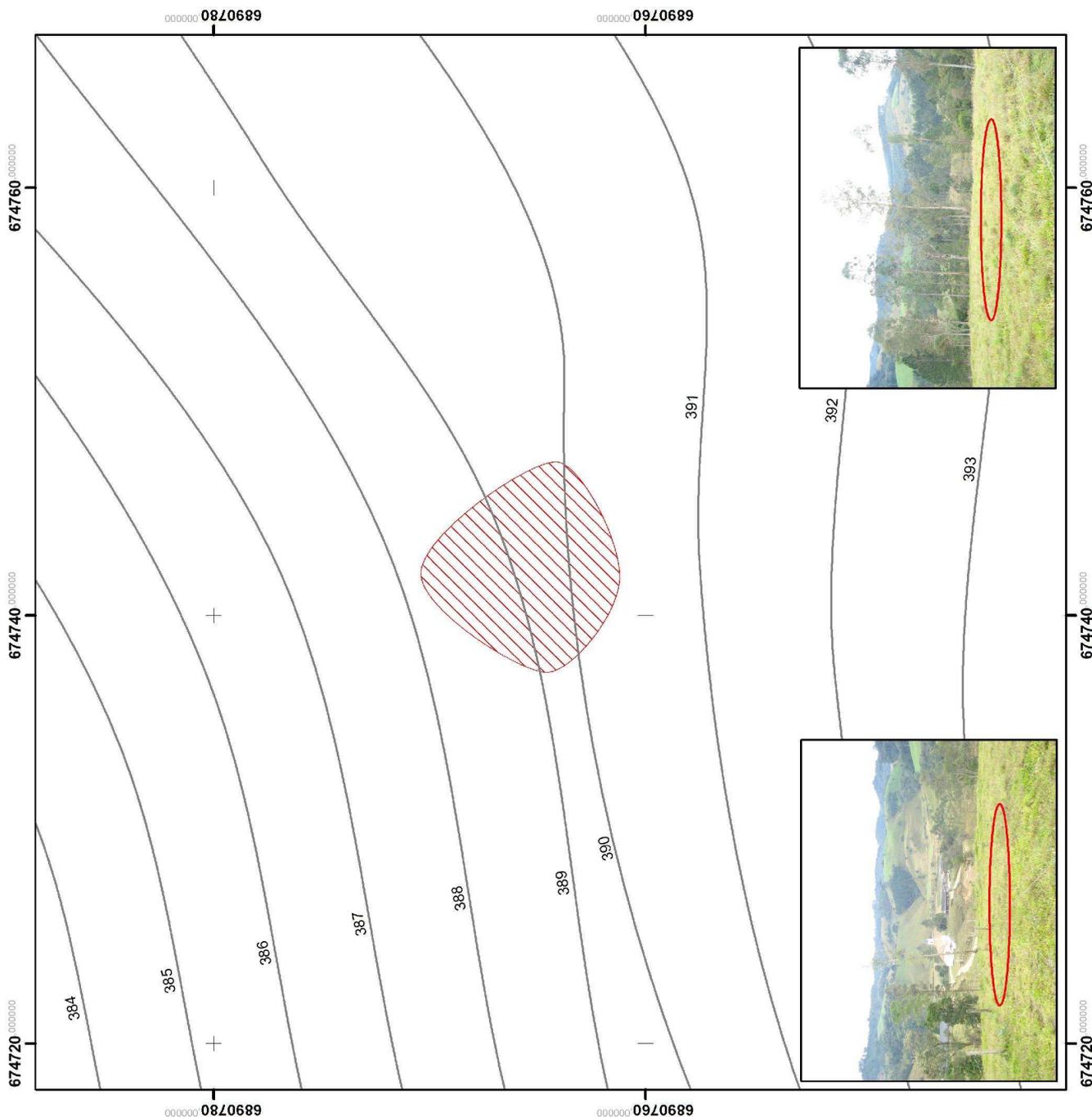
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na propriedade do Sr. Arventino Beckes</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio dos Bugres Medidas: 22 x 14 Área: 220 m<sup>2</sup> Material encontrado: estrutura com terra preta Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:500</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadramte 22J</p> 
--	--	---	---



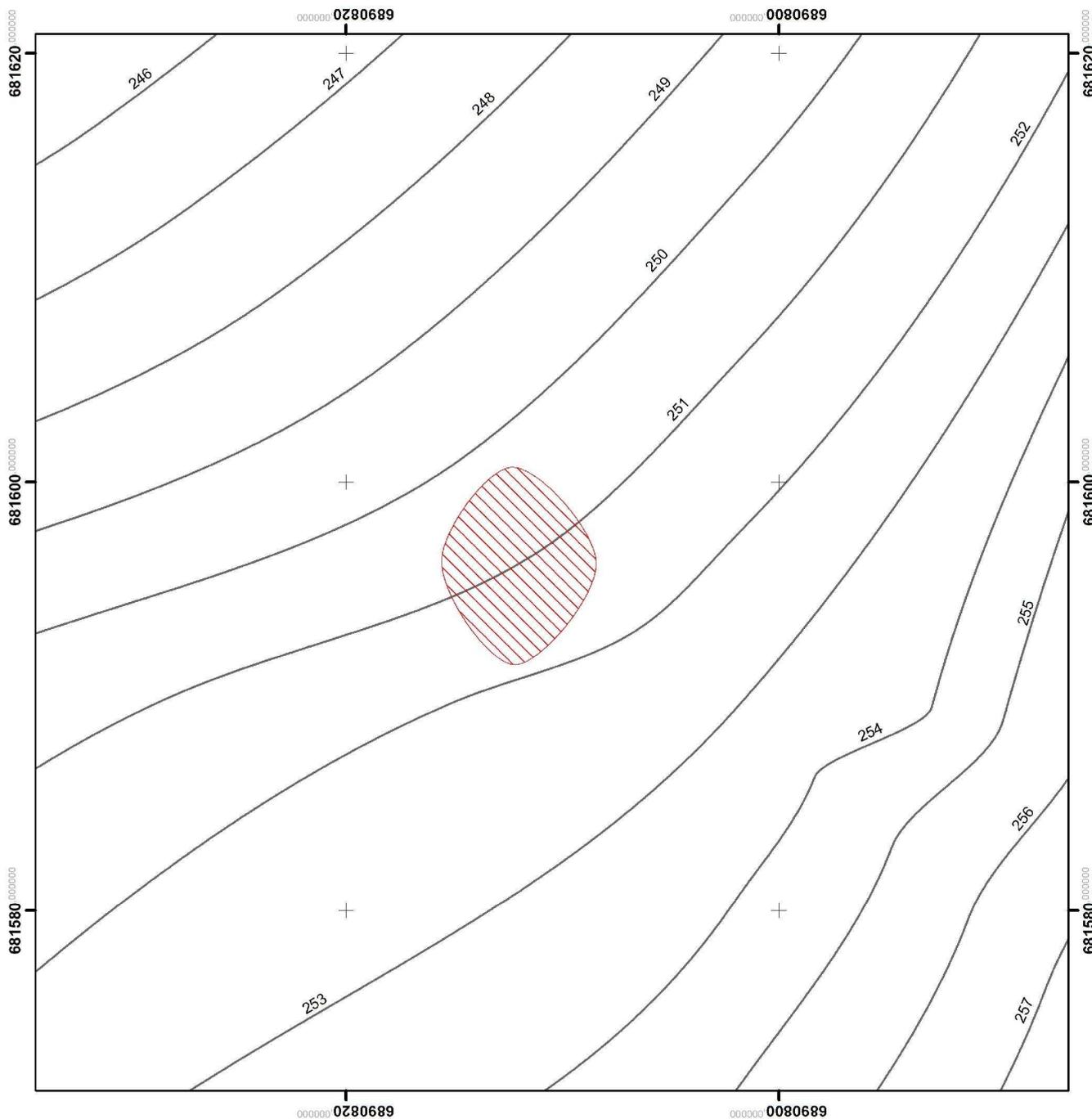
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b></p> <p>Sítio localizado na propriedade do Sr. Benoni Rocha de Medeiros</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 12 x 13 Área: 116 m<sup>2</sup></p> <p>Material encontrado: terra preta, lascas e pontas de projétil em quartzo</p> <p>Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li>▨ Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:266</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J</p> 
---	--	---	---

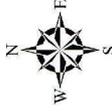


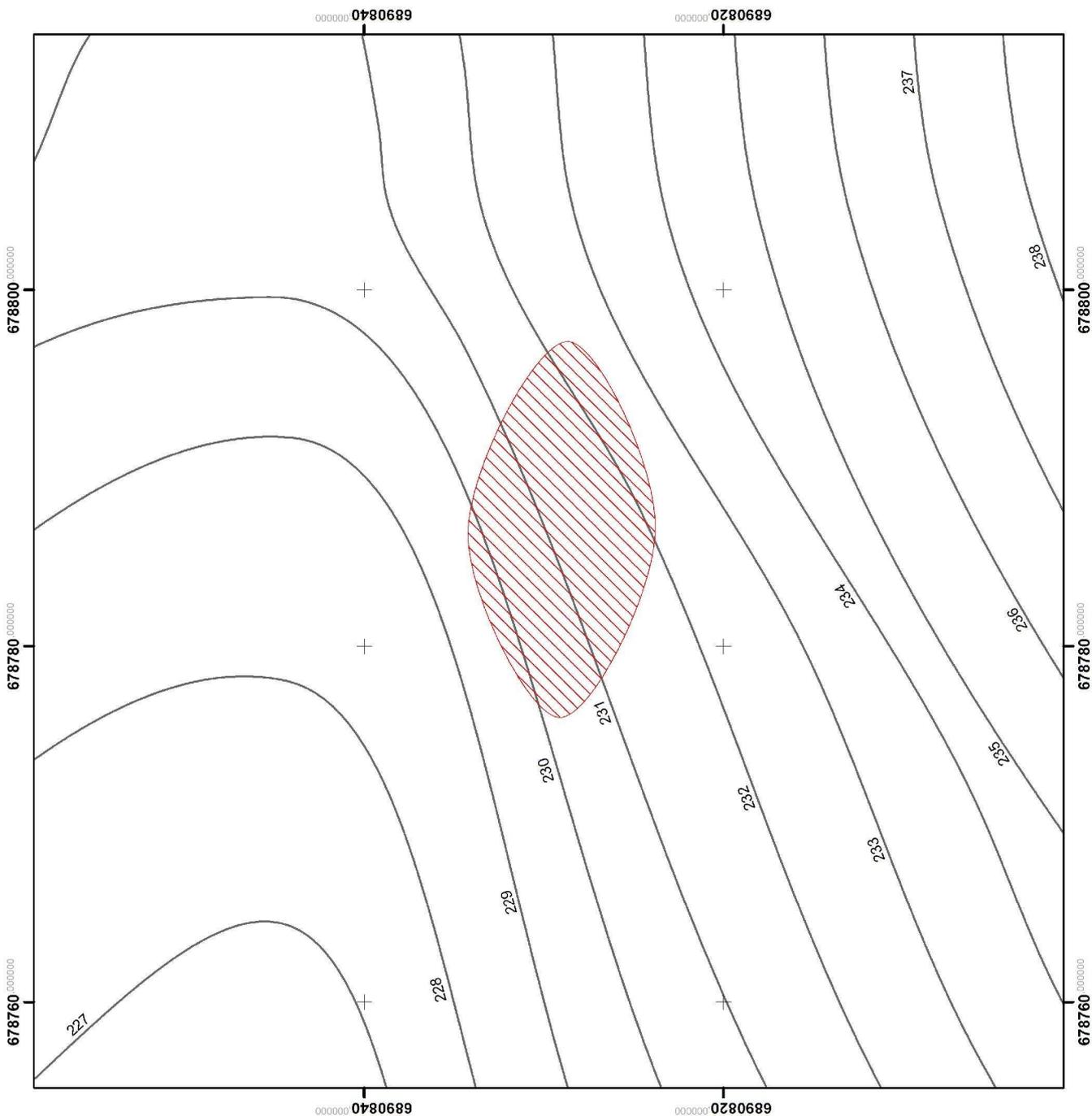
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS Daniela da Costa Claudino <b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na propriedade do Sr. Huberto Boeing Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010	
<b>Descrição do sítio</b> Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 9 x 10 Área: 60 m <sup>2</sup> Material encontrado: terra preta, lascas e pontas de projétil em quartzo Mapeado por: Daniela da Costa Claudino	
<b>Legenda</b> — Curvas de nível (1 metro)  Delimitação da mancha <b>Fonte</b> As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1.250.000 disponibilizadas pela NASA.	
<b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b> <b>Escala 1:250</b> A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente. 0 5 10 15 Metros Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J 	



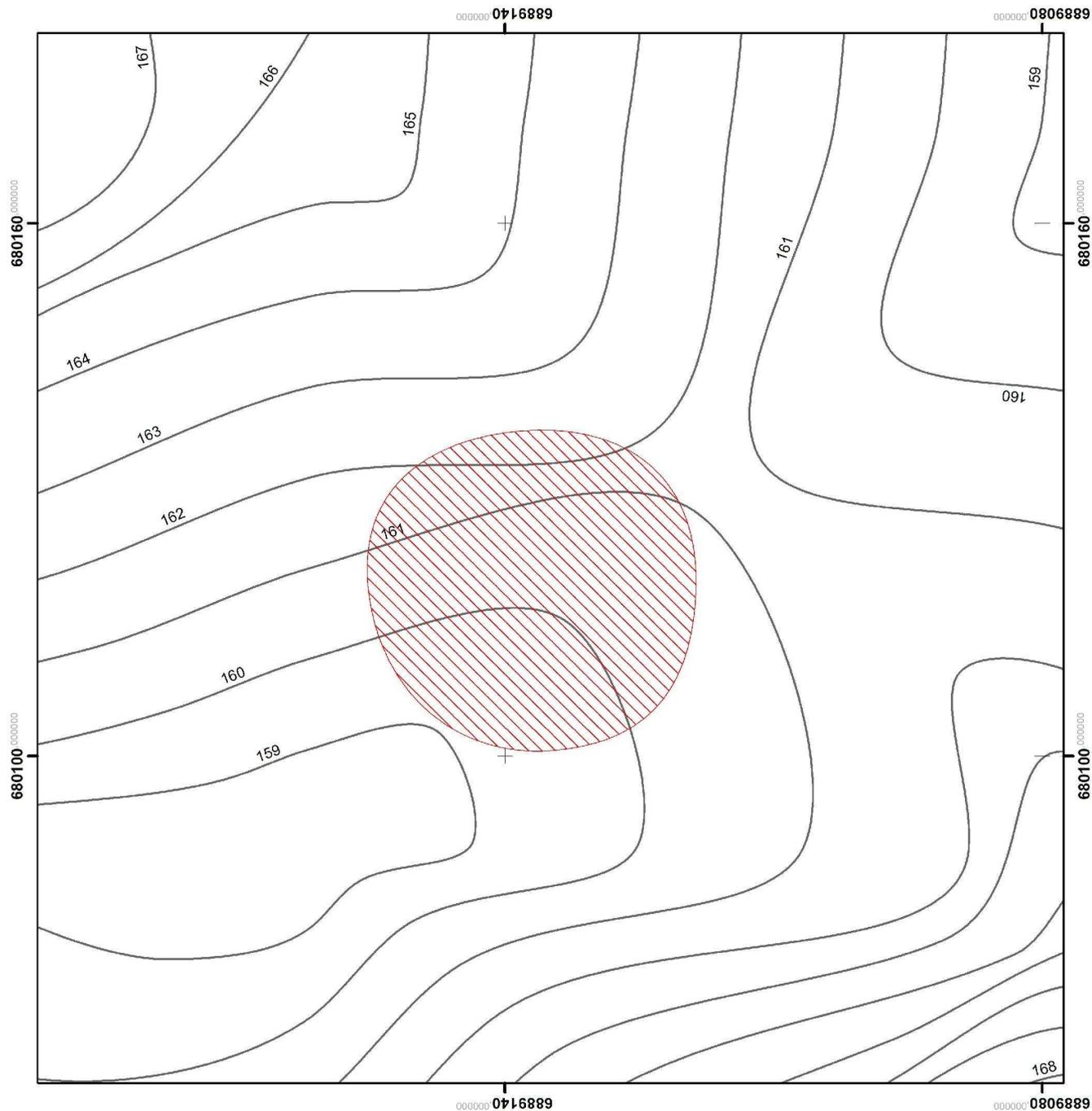
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na propriedade da Sr. Lindolfo Schueroff</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 7 x 9 Área: 45 m<sup>2</sup> Material encontrado: pontas de projétil em quartzo Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li>▨ Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1.250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:250</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p> <p>0 6 12 18 Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J</p> 
--	---	---	---



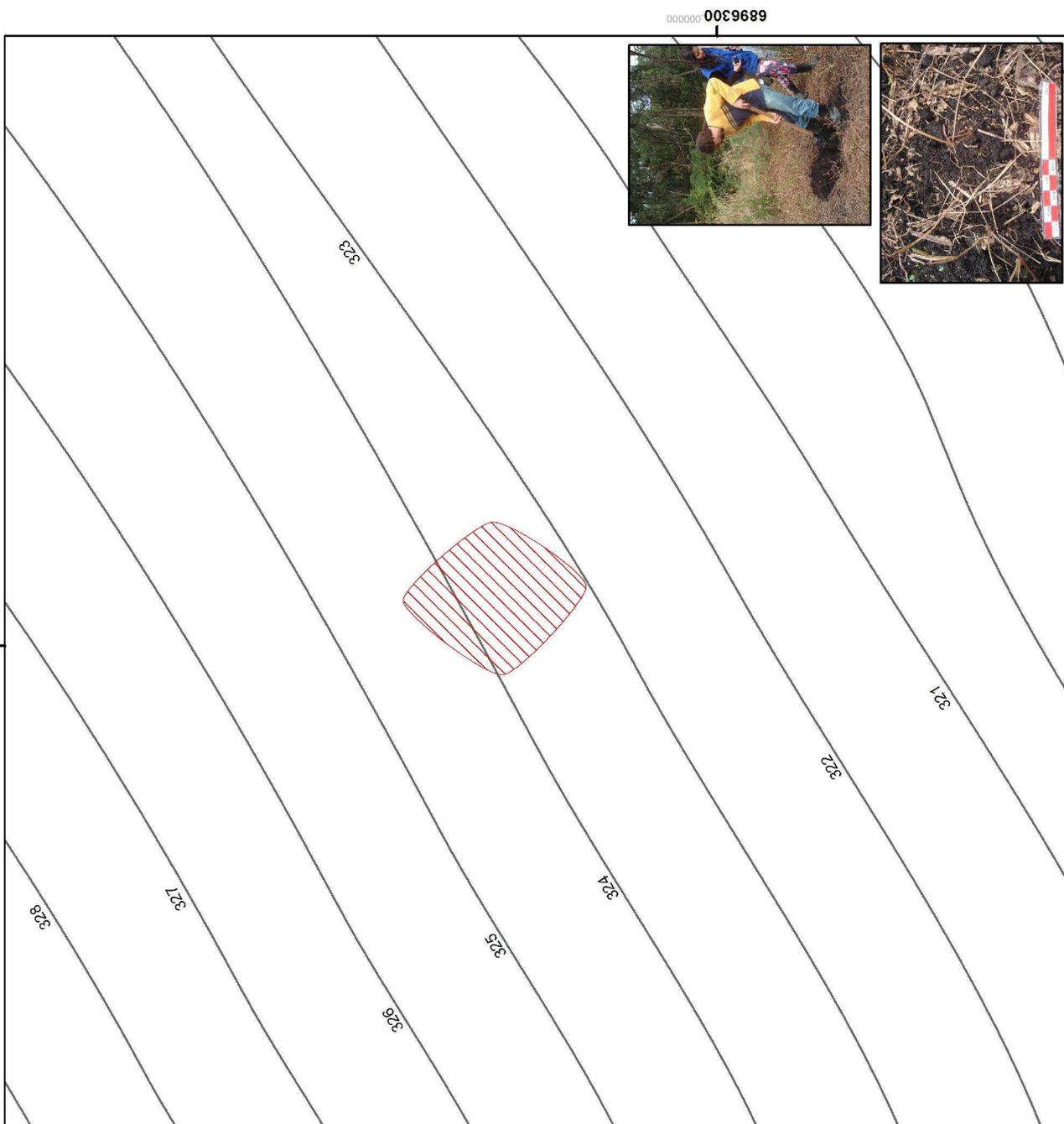
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b></p> <p>Sítio localizado na propriedade da Sra. Lucia Boeing Backes</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 10 x 20 Área: 150 m<sup>2</sup> Material encontrado: estrutura com terra preta Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:300</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J</p> 
---	--	---	---



<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na propriedade da Sr. Luiz Boeing</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b> Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 35 x 35 Área: 1000 m<sup>2</sup> Material encontrado: material lítico em superfície Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b> As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b> <b>Escala 1:600</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadrante 22J</p> 
--	--	--	--



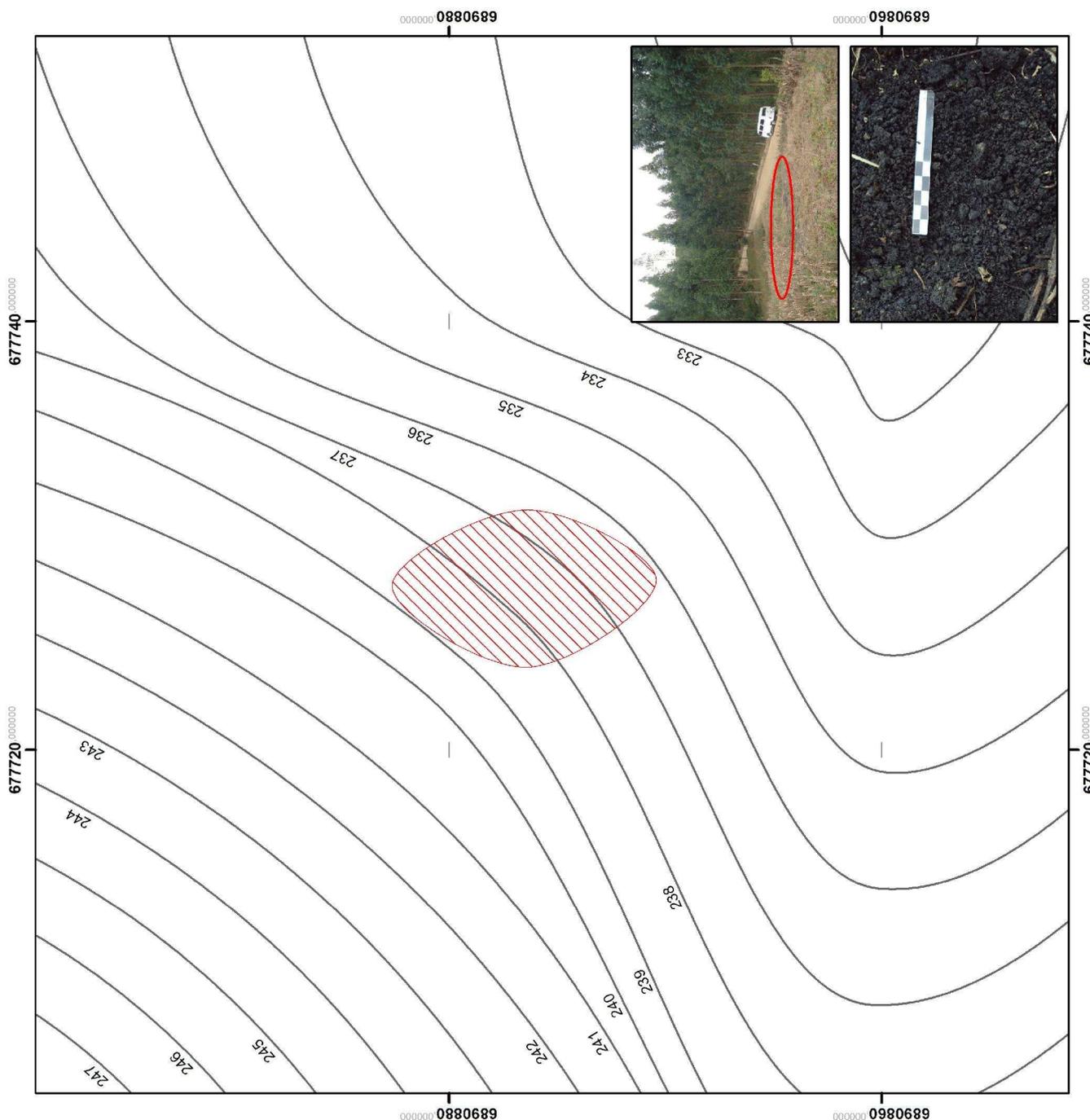
<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado através da indicação do Sr. Roberto Ireno</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Santa Rosa de Lima Medidas: 8 x 7 Área: 34 m<sup>2</sup> Material encontrado: estrutura com terra preta Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:250</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p> <p>0 5 10 15 Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadramte 22J</p> 
---	---	---	---



000000 000000 681950 681950

000000 000000 681950 681950

<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS</p> <p>Daniela da Costa Claudino</p> <p><b>CROQUI DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b> Sítio localizado na comunidade do Salto do Rio Chapéu</p> <p>Elaborado por: Raul Viana Novasco Tubarão, 2010</p>	<p><b>Descrição do sítio</b></p> <p>Município: Rio Fortuna Localidade: Rio Chapéu Medidas: 12 x 7 Área: 61 m<sup>2</sup> Material encontrado: estrutura com terra preta Mapeado por: Daniela da Costa Claudino</p>	<p><b>Legenda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Curvas de nível (1 metro)</li> <li> Delimitação da mancha</li> </ul> <p><b>Fonte</b></p> <p>As curvas de nível com intervalos de 1 em 1 metro, foram geradas a partir das SRTM de 1:250.000 disponibilizadas pela NASA.</p>	<p><b>Projeção Universal Transversa de Mercator</b></p> <p><b>Escala 1:250</b></p> <p>A origem da quilometragem UTM: Equador Meridiano Central 51°W Gr, Acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.</p>  <p>Metros</p> <p>Datum horizontal: WGS 84 Quadramte 22J</p> 
--	--	---	---



**ANEXO A – LISTA DE MAMÍFEROS DA MATA ATLÂNTICA**

Família	Espécie	Família	Espécie
<b>Didelphidae</b>	<i>Caluromys lanatus lanatus</i> (Cuíca-lanosa) <i>Caluromys philander</i> (Cuíca) <i>Monodelphis umbristriata</i> (Catita) <i>Monodelphis iheringi</i> (Catita) <i>Monodelphis brevicaudata</i> (Catita) <i>Monodelphis brevicaudis</i> (Catita) <i>Monodelphis sp. 3</i> (Catita) <i>Micoureus cinereus paraguayanus</i> (Cuíca) <i>Gracilinanus agilis agilis</i> (Guaiquica) <i>Gracilinanus microtarsus microtarsus</i> (Guaiquica) <i>Marmosa velutina</i> (cuíca, Marmosa) <i>Marmosops incanus</i> (cuíca, Marmosa) <i>Metachirus nudicaudatus myosurus</i> (Jupatí) <i>Philander opossum frenatus</i> (Cuíca-de-quarto-olhos) <i>Lutreolina crassicaudata</i> <i>Crassicaudata</i> (Cuíca-de-cauda-grossa) <i>Didelphis albiventris</i> (Gambá) <i>Didelphis aurita</i> (Gambá) <i>Chironectes minimus minimus</i> (Cuíca-d'água)	<b>Phyllostomidae</b> (Morcegos)	<i>Micronycteris minuta</i> <i>Micronycteris megalotis megalotis</i> <i>Micronycteris sylvestris</i> ? <i>Macrophyllum macrophyllum</i> <i>Mimon bennettii bennettii</i> <i>Phyllostomus discolor discolor</i> <i>Phyllostomus hastatus hastatus</i> <i>Chrotopterus auritus australis</i> <i>Glossophaga soricina soricina</i> <i>Anoura caudifera caudifera</i> <i>Anoura geoffroyi geoffroyi</i> <i>Lonchophylla mordax</i> <i>Carollia perspicillata perspicillata</i> <i>Sturnira lilium lilium</i> <i>Sturnira tildae</i> <i>Uroderma bilobatum bilobatum</i> <i>Vampyressa pusilla pusilla</i> <i>Chiroderma doriae</i> <i>Artibeus lituratus</i> <i>Artibeus fimbriatus</i> <i>Artibeus obscurus</i> <i>Artibeus jamaicensis</i> <i>Pygoderma bilabiatum</i> <i>Desmodus rotundus rotundus</i> <i>Desmodus youngii youngii</i> <i>Diphylla ecaudata ecaudata</i> <i>Phylloderma stenops</i> <i>Tonatia bidens</i> <i>Tonatia silvicola silvicola</i> <i>Uroderma bilobatum bilobatum</i> <i>Vampyrops lineatus</i> <i>Lonchorrhina aurita</i> <i>Trachops cirrhosus cirrhosus</i>
<b>Noctilionidae</b>	<i>Noctilio albiventris</i> (Morcego) <i>Noctilio leporinus rufipes</i> (Morcego)	<b>Emballonuridae</b> (Morcegos)	<i>Saccopteryx leptura</i> <i>Saccopteryx bilineata</i> <i>Peropteryx kappleri</i> <i>Peropteryx macrotis</i>
<b>Thyropteridae</b>	<i>Thyroptera tricolor juquiaensis</i> (Morcego)	<b>Molossidae</b> (Morcegos)	<i>Molossops abrasus cerastes</i> <i>Molossops planirostris paranus</i> <i>Molossops temminckii temminckii</i> <i>Tadarida brasiliensis brasiliensis</i> <i>Tadarida macrotis</i> <i>Tadarida aurispinosa</i> <i>Tadarida laticaudata</i> <i>Eumops auripendulus major</i> <i>Eumops perotis perotis</i> <i>Eumops glaucinus</i> <i>Eumops bonariensis bonariensis</i> <i>Eumops hansae</i> ?? <i>Promops nasutus nasutus</i> <i>Molossus ater ater</i> <i>Molossus molossus crassicaudatus</i>
<b>Vespertilionid</b>	<i>Myotis albescens</i> (Morcego)	<b>Suidae</b>	<i>Tayassu tajacu</i> (Cateto)

<b>ae</b>	<i>Myotis nigricans nigricans</i> (Morcego) <i>Myotis riparius</i> (Morcego) <i>Myotis ruber</i> (Morcego) <i>Eptesicus fidelis</i> (Morcego) <i>Eptesicus brasiliensis</i> <i>brasiliensis</i> (Morcego) <i>Eptesicus diminutus</i> (Morcego) <i>Eptesicus furinalis</i> (Morcego) <i>Histiotus velatus velatus</i> (Morcego) <i>Lasiurus borealis</i> <i>blossevillii</i> (Morcego) <i>Lasiurus cinereus</i> <i>villosissimus</i> (Morcego) <i>Lasiurus ega argentinus</i> (Morcego)		<i>Tayassu pecari</i> (Porco-do-mato)
<b>Natalidae</b>	<i>Natalus stramineus</i> <i>natalensis</i> (Morcego)	<b>Furipteridae</b>	<i>Furipterus horrens</i> (Morcego)
<b>Myrmecophagidae</b>	<i>Myrmecophaga</i> <i>tridactyla</i> (Tamanduá-bandeira) <i>Tamandua tetradactyla</i> <i>tetradactyla</i> (Tamanduá-mirin)	<b>Bradypodidae</b>	<i>Bradypus variegatus</i> <i>brasiliensis</i> (Morcego)
<b>Dasypodidae</b>	<i>Euphractus sexcinctus setosus</i> (Tatu-teba) <i>Priodontes maximus</i> (Tatu-canastra) <i>Cabassous tatouay</i> (Tatu-de-rabomole) <i>Dasypus septemcinctus</i> (Tatu-galinha) <i>Dasypus novemcinctus</i> <i>novemcinctus</i> (Tatu-galinha)	<b>Cebidae</b>	<i>Callithrix penicillata</i> (Sagui) <i>Callithrix aurita</i> (Sagui) <i>Cebus apella nigrurus</i> (Macaco-prego) <i>Cebus apella vellerosus</i> (Macaco-prego) <i>Leontopithecus</i> <i>chrysopygus</i> (Mico-leão) <i>Leontopithecus caissara</i> (Mico-leão)
<b>Atelidae</b>	<i>Alouatta caraya</i> (Bugio, guariba) <i>Alouatta fusca clamitans</i> (Bugio) <i>Brachyteles arachnoides</i> (Muriqui) <i>Callicebus personatus</i> <i>nigrifrons</i> (sauá)	<b>Canidae</b>	<i>Lycalopex vetulus</i> (Raposa-do-campo) <i>Cerdocyon thous</i> <i>azarae</i> (Cachorro-do-mato) <i>Speothos venaticus</i> <i>venaticus</i> (Cachorro-vinagre)
<b>Procyonidae</b>	<i>Procyon cancrivorus nigripes</i> <i>Nasua nasua solitária</i> (Quatí)	<b>Mustelidae</b>	<i>Eira barbara</i> <i>Barbara</i> (Irára) <i>Galictis vittata vittata</i> (Furão) <i>Conepatus chinga</i> <i>suffocans</i> (Zorrilho) <i>Conepatus semistriatus</i> (Zorrilho) <i>Lontra longicaudis</i> (Lontra) <i>Pteronura brasiliensis</i>
<b>Felidae</b>	<i>Leopardus pardalis mitis</i> (Gato-do-mato) <i>Leopardus tigrinus guttulus</i> (Gato-do-mato) <i>Leopardus wiedii wiedii</i> (Jaguatirica) <i>Herpailurus yagouaroundi</i> <i>eyra</i> (Gato-mourisco) <i>Puma concolor</i> <i>capricorniensis</i> (Onça-parda) <i>Panthera onca ssp.</i> (Onça-pintada)	<b>Echimyidae</b>	<i>Proechimys iheringi</i> (Rato) <i>Euryzgomatomys spinosus</i> (Rato) <i>Nelomys blainvillei</i> (Rato) <i>Nelomys nigrispinus</i> (Rato) <i>Kannabateomys amblyonyx</i> (Rato) <i>Clyomys laticeps laticeps</i> (Rato) <i>Clyomys bishopi</i> (Rato)
<b>Sciuridae</b>	<i>Guerlinguetus ingrami</i> (Caxinguele)	<b>Agoutidae</b>	<i>Agouti paca</i> (Paca)

<b>Muridae</b>	<i>Oligoryzomys flavescens</i> (Rato) <i>Oligoryzomys nigripes</i> (Rato) <i>Oligoryzomys eliurus</i> (Rato) <i>Oryzomys capito</i> (Rato) <i>Oryzomys ratticeps</i> (Rato) <i>Oryzomys lamia</i> (Rato) <i>Oryzomys subflavus</i> (Rato) <i>Pseudoryzomys simplex</i> (Rato) <i>Akodon cursor</i> (Rato) <i>Akodon arviculoides</i> (Rato) <i>Akodon nigrita</i> (Rato) <i>Akodon serrensis</i> (Rato) <i>Akodon reinhardti</i> (Rato) <i>Bolomys lasiurus</i> (Rato) <i>Blarynomys breviceps</i> (Rato) <i>Oxymycterus hispidus</i> (Rato) <i>Oxymycterus roberti</i> (Rato) <i>Oxymycterus rutilans</i> (Rato) <i>Oxymycterus quaestor</i> (Rato) <i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (Rato) <i>Calomys laucha tener</i> (Rato) <i>Calomys callosus expulsus</i> (Rato) <i>Holochilus brasiliensis</i> (Rato) <i>Nectomys squamipes squamipes</i> (Rato) <i>Delomys dorsalis</i> (Rato) <i>Delomys colinus</i> (Rato) <i>Kunsia sp. (Rato)</i>	<b>Cervidae</b>	<i>Blastocerus dichotomus</i> (Veado-galheiro) <i>Ozotocerus bezoarticus</i> (Veado-do-campo) <i>Mazama americana</i> (Veado-mateiro) <i>Mazama bororo</i> (Veado-bororo) <i>Mazama gouazoubira</i> (Veado-catingueiro)
<b>Caviidae</b>	<i>Cavia aperea</i> (Preá) <i>Cavia fulgida</i> (Preá) <i>Galea spixii</i> (Preá) Dasyproctidae( <i>Cutia</i> ) <i>Dasyprocta azarae</i> ( <i>Cutia</i> )	<b>Hydrochaeridae</b>	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i> (Capivara)
<b>Erethizontidae</b>	<i>Coendou prehensilis</i> (Porco-espinho) <i>Sphiggurus villosus</i> (Porco-espinho) <i>Sphiggurus spinosus</i> (Porco-espinho)	<b>Ctenomyidae</b>	<i>Ctenomys brasiliensis</i> (Ratão-do-banhado)
<b>Leporidae</b>	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Tapiti)	<b>Tapiridae</b>	<i>Tapirus terrestris</i> (Anta)